



AMANHÃ VOCÊ VAI ENTENDER

Rebecca Stead

"Um mistério
diferente e instigante,
que vai encantar todo
tipo de leitor."

School Library Journal

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

REBECCA STEAD

Amanhã você vai entender

TRADUÇÃO DE FLÁVIA SOUTO MAIOR



Copyright © 2009 Rebecca Stead
Edição publicada mediante acordo com
Handon House Children's Books, uma divisão de Handon House, Inc.

TÍTULO ORIGINAL
When You Reach Me

TRADUÇÃO
Flávia Souto Maior

PREPARAÇÃO
Marina Vargas

REVISÃO
Rachel Agavino
Milena Vargas

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Eva Vazquez Merino

GERAÇÃO DE EPUB
Trio Studio

REVISÃO DE EPUB
Juliana Latini

E-ISBN
978-85-8057-116-5

Edição digital: 2013

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



**Para Sean, Jack e Eli, campeões de risadas
em horas impróprias, de amor intenso e de
questões extremamente profundas.**

**A experiência mais bela que podemos
ter é o misterioso.**

— Albert Einstein
Como vejo o mundo (1931)

Coisas que guardamos em uma caixa

Então mamãe recebeu o cartão-postal hoje. Está escrito *Parabéns* em letras cursivas grandes, e bem no alto fica o endereço do Estúdio TV-15, na rua 58. Depois de três anos tentando, ela finalmente conseguiu. Vai participar do programa *A Pirâmide de 20 Mil Dólares*, apresentado por Dick Clark.

No postal há uma lista de coisas para levar. Ela precisa de algumas mudas de roupa, caso ganhe e passe para a próxima fase — que eles fingem ser no dia seguinte, embora gravem cinco programas em uma única tarde. Presilhas de cabelo são opcionais, mas ela sem dúvida levaria algumas. Diferentemente de mim, mamãe tem cabelos lisos e ruivos, que balançam bastante e podem impedir que os Estados Unidos vejam seu pequeno rosto sardento.

E, no final do cartão, tem a data em que ela deve aparecer, rabiscada em caneta azul: *27 de abril de 1979*. Exatamente como você disse.

Olho na caixa que está embaixo da cama, onde tenho guardado seus bilhetes durante os últimos meses. Lá está ele, escrito com sua letra miúda: *27 de abril; Estúdio TV-15*. As palavras estão tremidas, como se você as tivesse escrito no metrô. Sua última “prova”.

Ainda penso na carta que pediu que eu escrevesse. Isso me incomoda, mesmo sabendo que você se foi, e que não tenho mais a quem entregá-la. Às vezes a elaboro em minha cabeça, tentando delinear a história que você queria que eu contasse sobre tudo o que aconteceu no outono e no inverno passados. Tudo ainda está

lá, como um filme a que posso assistir quando quiser. Ou seja, nunca.

Coisas que se perdem

Mamãe surrupiou um calendário grande do trabalho e colou o mês de abril com fita adesiva na parede da cozinha. Ela usou uma caneta marca-texto verde e grossa, também surrupiada do trabalho, para desenhar uma pirâmide, com cifrões e pontos de exclamação em volta, no dia 27 de abril. Saiu e comprou um *timer* especial em forma de ovo que conta meio minuto precisamente. Não há *timers* em forma de ovo no almoxarifado do escritório.

Vinte e sete de abril também é aniversário de Richard. Mamãe se pergunta se não seria um bom presságio. Richard é seu namorado. Ele e eu vamos ajudá-la a praticar todas as noites, e é por isso que estou em minha escrivania, e não assistindo à TV, como sempre faço depois da escola — direito de nascença de toda “criança com chave”. É assim que chamam as crianças que têm a chave de casa e ficam sozinhas depois da escola até um adulto chegar para fazer o jantar. Mamãe odeia essa expressão. Ela diz que remete a calabouços e deve ter sido inventada por alguém severo e terrível, com um orçamento ilimitado para cuidar dos filhos.

— Provavelmente algum alemão — diz, olhando para Richard, que é alemão, mas não é severo nem terrível.

Na Alemanha, segundo Richard, eu seria uma das *Schlüsselkinder*, o que significa “criança-chave”.

— Você tem sorte — ele me diz. — Chaves são poder. Tem gente que precisa chegar e bater na porta.

É verdade que ele não tem uma chave. Bem, ele tem a chave do apartamento *dele*, mas não a do nosso.

Richard se parece com os caras que imagino em veleiros — alto, loiro e muito arrumadinho, mesmo nos fins de semana. Ou talvez eu imagine que os caras sejam assim nos veleiros porque Richard adora velejar. Suas pernas são muito longas e não cabem muito bem embaixo da mesa da cozinha, então ele tem que sentar meio de lado, com os joelhos virados para o corredor. Ele parece ainda maior perto de mamãe, que é baixinha e tão magra que precisa comprar cintos em lojas infantis e fazer um furo extra na pulseira do relógio para que não caia do braço.

Mamãe chama Richard de Sr. Perfeito, por causa de sua aparência e porque ele sabe tudo. E todas as vezes que ela o chama de Sr. Perfeito, Richard dá um tapinha no joelho direito. Ele faz isso porque sua perna direita é mais curta que a esquerda. Todos os seus sapatos do pé direito têm uma plataforma de cinco centímetros pregada na sola, para que as pernas fiquem do mesmo tamanho. Descalço, ele manca um pouco.

— Você deveria agradecer por essa perna — diz mamãe. — É só por isso que o deixamos vir aqui.

Richard já “vem aqui” há quase dois anos.

* * *

Temos exatamente 21 dias para preparar mamãe para o programa. Então, em vez de assistir à TV, estou copiando palavras para ela praticar à noite. Escrevo cada palavra em uma das fichas brancas que ela surrupiou do trabalho. Quando junto sete, prendo os cartões com um elástico, que ela também surrupiou do trabalho.

Ouço sua chave na porta e escondo minha pilha de palavras, para que ela não possa espiar.

— Miranda?

Ela faz barulho andando pelo corredor (tem usado um tamanco ultimamente), para e enfia a cabeça em meu quarto.

— Você está com muita fome? Estava pensando em esperar o Richard para o jantar.

— Posso esperar.

A verdade é que acabei de comer um pacote de salgadinhos. Comer bobagens depois da escola é outro direito fundamental das crianças com chave. Estou certa de que na Alemanha também é assim.

— Tem certeza de que não está com fome? Quer que eu corte uma maçã para você?

— Que tipo de bobagem se come na Alemanha? — pergunto. — Salgadinhos de salsicha?

Ela olha para mim.

— Não tenho ideia. Por que está perguntando?

— Por nada.

— Quer a maçã ou não?

— Não. E não fique aqui. Estou escrevendo as palavras para mais tarde.

— Ótimo. — Ela sorri, enfia a mão no bolso do casaco e diz: — Pega!

Então joga algo na minha direção, e eu pego um conjunto novinho de canetas marca-texto, de várias cores, amarradas com um elástico grosso. Em seguida, volta para a cozinha batendo os tamancos.

Richard e eu chegamos à conclusão de que quanto mais mamãe odeia o trabalho, mais coisas sarrupia do almoxarifado. Olho para as canetas por um instante e logo volto para a pilha de palavras.

Mamãe precisa ganhar aquele dinheiro.

Coisas que escondemos

Meu nome foi dado em homenagem a um criminoso. Mamãe diz que essa é uma forma dramática de ver as coisas, mas às vezes a verdade é dramática.

— O nome Miranda representa os direitos das pessoas — ela me disse no último outono, quando fiquei chateada porque Robbie B. falou na aula de educação física que recebi esse nome por causa de um sequestrador.

Eu havia esquecido minhas chaves na escola e tive que esperar duas horas e meia no mercado da Belle, na avenida Amsterdam, até que mamãe chegasse do trabalho. Não me importei muito em esperar. Ajudei Belle um pouco. E eu tinha meu livro, é claro.

— Ainda está lendo a mesma coisa? — perguntou Belle assim que me sentei para ler na cadeira dobrável ao lado da caixa registradora. — O livro parece meio detonado.

— Não estou lendo a mesma coisa *ainda* — respondi. — Estou lendo *novamente*. Já devo ter lido umas cem vezes, e é por isso que parece tão detonado.

— Certo — disse Belle —, então me conte algo sobre esse livro. Qual é a primeira frase? Eu nunca julgo um livro pela capa. Julgo pela primeira frase.

Eu sabia a primeira frase do livro sem nem precisar olhar.

— “Era uma noite escura e tempestuosa” — falei.

Ela fez um gesto positivo com a cabeça.

— Clássico. Gosto disso. A história é sobre o quê?

Pensei por um momento.

— É sobre uma menina chamada Meg... O pai dela desapareceu, e ela viaja até outro planeta para salvá-lo.

- O que mais? Ela tem namorado?
- Mais ou menos — respondi. — Mas isso não importa muito.
- Quantos anos ela tem?
- Doze.

Na verdade, no livro não diz a idade de Meg, mas eu tenho 12, então para mim é como se ela também tivesse. Quando o li pela primeira vez, eu tinha 11 anos, e ela parecia ter 11 também.

— Ah, 12 — disse Belle. — Ainda tem muito tempo para namorados. Por que não começa do início?

— Começar o que do início?

— A história. Conte-me a história. Desde o início.

Então comecei a contar a ela a história do livro. Não li, apenas falei sobre ele, começando com a primeira cena, em que Meg acorda à noite com medo da tempestade.

Enquanto ouvia, Belle fez um sanduíche de peru para mim e me deu umas dez vitaminas C mastigáveis, porque achou que eu estava meio fanhosa. Quando ela foi ao banheiro, peguei escondido um cachinho de uvas, que eu amo, mas nunca posso comer porque mamãe não gosta da forma como os coletores são tratados na Califórnia e se recusa a comprar.

* * *

Quando mamãe finalmente chegou, abraçou Belle e disse:

— Fico devendo uma.

Como se eu fosse um fardo em vez de uma pessoa que, com muita boa vontade, ajudou a descarregar três caixas de bananas verdes e vistoriou a seção de artigos refrigerados em busca de produtos vencidos. Depois, mamãe comprou uma caixa de morangos, embora eu saiba que ela acha os morangos da Belle muito caros e não tão bons. Ela os chama de OFMs, que significa “objetos em forma de morango”.

* * *

— De onde Robbie B. tirou essa ideia idiota de que alguém colocaria na filha o nome de um assassino? — perguntou mamãe.

Ainda faltava metade do quarteirão para chegarmos ao nosso prédio, mas ela já estava com a chave na mão. Mamãe não gosta de ficar mexendo na bolsa na frente do prédio, facilitando para os assaltantes.

— Assassino, não — eu disse. — Sequestrador. O pai dele é promotor público. Ele disse que a lei Miranda tem esse nome por causa de um cara chamado Sr. Miranda, que cometeu um crime horrível. É verdade?

— Tecnicamente? Talvez. A lei Miranda é essencial, sabe... As pessoas precisam saber que têm o direito de permanecer em silêncio e de ter um advogado. Que tipo de sistema judicial teríamos sem...

— “Talvez” quer dizer “sim”?

— E também tem Shakespeare. Ele inventou o nome Miranda, sabia? Para *A tempestade*.

Faz muito sentido agora que refleti sobre isso: mamãe queria ser advogada criminalista. Ela começou a faculdade de direito e quase terminou o primeiro ano, mas logo eu nasci e ela teve que abandonar o curso. Hoje, trabalha como assistente jurídica, mas em um escritório bem pequeno no qual tem que ser recepcionista e secretária também. Richard é um dos advogados. Eles prestam muitos serviços gratuitos para pessoas pobres. Às vezes, até para criminosos. Mas nunca imaginei que ela me batizaria em homenagem a um deles.

Mamãe destrancou a porta do lobby, que é de ferro e vidro e deve pesar mais de 130 quilos, e a empurrou com força para abrir, os saltos escorregando no chão de ladrilhos. Quando entramos, inclinou-se contra a porta até ouvir o clique que significa que a trava foi acionada. Quando a porta se fecha sozinha, normalmente não tranca, o que deixa mamãe louca, e é uma das coisas que o senhorio não quer consertar.

— E então? Ele era sequestrador ou não? — insisto e aperto o botão do elevador.

— Está bem, você venceu — disse mamãe. — Dei esse nome a você em homenagem a um monstro, Mira. Desculpe-me. Se não gosta dele, pode trocar se quiser.

Isso era tão típico de mamãe... Ela não entende que uma pessoa fica ligada a seu nome, e que algo assim possa ser um choque.

No apartamento, jogou o casaco sobre uma cadeira na cozinha, encheu a espagueteira com água e colocou para ferver. Ela estava usando uma blusa laranja de gola alta e saia jeans, com meias listradas de roxo e preto.

— Meias bonitas — bufei.

Ou pelo menos tentei bufar. Não sei bem como é, embora as pessoas nos livros façam isso o tempo todo.

Ela se encostou na pia e passou os olhos pela correspondência.

— Você já implicou comigo por causa das meias hoje de manhã, Mira.

— Ah. — Normalmente ela ainda está na cama quando saio para a escola, então não posso apreciar seu modelito até que volte do trabalho. — Belo esmalte, então.

Suas unhas estavam pintadas de azul metálico. Ela devia tê-las feito no escritório naquele dia.

Ela revirou os olhos:

— Está brava porque teve que ficar esperando no mercado da Belle? Eu estava superocupada... Não podia simplesmente sair.

— Não. Eu gosto de ficar com a Belle.

Fiquei imaginando se ela tinha feito as unhas antes, depois ou durante sua tarde superocupada.

— Você podia ter ido para a casa do Sal, sabe...

Sal e a mãe dele, Louisa, moram no apartamento em cima do nosso. Ele costumava ser meu melhor amigo.

— Eu disse que gosto de ficar com a Belle.

— Mesmo assim. Acho que devíamos esconder uma chave na mangueira de incêndio, para a próxima vez.

Então, depois do jantar, escondemos nossa chave extra no bocal da mangueira enrolada e empoeirada que ficava na escada. A mangueira é toda craquelada e tem uns cem anos. Mamãe sempre

diz que, se houver um incêndio de verdade, aquilo não servirá para nada e teremos que pular pela janela no jardim do vizinho. Ainda bem que moramos no segundo andar.

* * *

Você me pediu para mencionar a chave. Se um dia eu decidir mesmo escrever sua carta, o que provavelmente não farei, essa é a história que contarei.

A rodada-relâmpago

Há duas partes em *A Pirâmide de 20 Mil Dólares*. Mamãe chama a primeira de “rodada-relâmpago”, porque é preciso fazer tudo rápido. Os concorrentes tentam fazer seus parceiros-celebridades adivinharem sete palavras comuns, dando dicas. Se a primeira palavra é “garfo”, o participante deve dizer: “Usa-se para levar a comida à boca... Não é uma colher, é um...”

Se tiver um cérebro — e mamãe diz que ele pode não ter —, o parceiro-celebridade dirá “Garfo!”, então soará uma campainha e a próxima palavra aparecerá em uma pequena tela oculta. Cada equipe tem trinta segundos para as sete palavras.

Depois a pequena tela gira, e são as celebridades que dão as dicas para os concorrentes adivinharem. Outras sete palavras, outros trinta segundos. A tela gira mais uma vez, e os concorrentes dão as dicas novamente.

É possível marcar 21 pontos na rodada-relâmpago. Acertando tudo, ganha-se um bônus de 2.100 dólares. Porém, o mais importante é derrotar a outra equipe, porque o grupo que ganha a rodada-relâmpago vai para o Círculo dos Vencedores, e o Círculo dos Vencedores é onde está a grana.

* * *

Não temos muito tempo para praticar esta noite porque é dia de reunião de condomínio. Uma vez por mês, os vizinhos sentam-se em nossa sala e reclamam, enquanto mamãe toma nota usando

taquigrafia. Muitas pessoas nem se dão o trabalho de comparecer. São sempre os mesmos. Aqueles que não recebem convites para ir a muitos lugares e ficam bravos porque a calefação não é tão forte quanto gostariam. Louisa trabalha em uma casa de repouso e diz que, para os idosos, nunca está quente o bastante.

Depois da reunião, durante a qual o Sr. Nunzi normalmente faz mais um buraco em nosso sofá com o cigarro, mamãe sempre escreve uma carta ao senhorio e manda uma cópia para alguma agência da cidade que deveria se preocupar com o fato de termos ou não água quente, com a porta do lobby, que não tranca, e com o elevador, que fica emperrando entre os andares. Mas nada nunca muda.

* * *

Nossa campainha vai começar a tocar a qualquer minuto. Mamãe está treinando algumas rodadas-relâmpago com Richard enquanto faço limonada com polpa congelada e abro um pacote de Oreo.

Louisa usa sua batida de sempre, e eu abro a porta com o prato de biscoitos. Ela pega um e suspira. Está usando jeans e seus sapatos brancos de enfermeira, os quais tira e deixa na porta. Louisa odeia essas reuniões, mas participa em consideração a mamãe. E alguém precisa prestar atenção aos cigarros do Sr. Nunzi para garantir que ele *não coloque fogo em nosso apartamento* acidentalmente.

— Limonada? — pergunto.

Recuso-me a ficar de garçoneiro durante as reuniões da mamãe, mas sempre sirvo uma bebida a Louisa.

— Eu adoraria — diz ela e me segue até a cozinha.

Assim que lhe entrego o copo, a campainha toca por quase um minuto sem parar. Por que, por que, *por que* as pessoas têm que ficar apertando o botão para sempre?

— São velhinhos — diz Louisa, como se pudesse ler minha mente. — Estão tão acostumados a serem ignorados...

Ela pega mais dois biscoitos e vai abrir a porta. Louisa normalmente não come o que chama de alimentos processados, mas diz que não aguentaria até o fim uma reunião de condomínio sem Oreo.

Quinze minutos depois, mamãe está sentada no chão da sala, escrevendo como louca enquanto as pessoas se revezam para dizer que o elevador está sujo, que há guimbas de cigarro nas escadas e que a secadora no porão esturricou a calça de alguém.

Eu me encosto na parede do corredor e a vejo levantar o dedo para sinalizar à Sra. Bindocker que fale mais devagar. Quando ela começa, nem a taquigrafia da mamãe consegue acompanhar.

* * *

Mamãe chorou na primeira vez que viu nosso apartamento. Ela conta que estava imundo. O chão de madeira estava “praticamente preto”, as janelas tinham uma “crosta de sujeira”, e as paredes estavam manchadas com algo que ela “nem queria imaginar” o que seria. Sempre com essas mesmas palavras.

Eu estava lá naquele dia — em uma cadeirinha para bebês. Estava frio, e mamãe usava um casaco novo. Não havia cabides nos armários, e ela não queria colocar o casaco no chão sujo ou pendurar em um dos aquecedores descascados e barulhentos. Então, carregou-o enquanto ia de cômodo em cômodo, dizendo a si mesma que não eram tão ruins assim.

Nesse ponto da história, eu ficava tentando imaginar algum lugar onde ela poderia ter colocado o casaco, se tivesse se permitido pensar.

— Por que não pendurou no varão do armário do corredor? — eu perguntava.

- Empoeirado — respondia ela.
- No peitoril da janela da cozinha?
- Empoeirado.
- E em cima da porta do quarto?

— Eu não alcançava. E estava empoeirado.

O que mamãe fez naquele dia, há quase doze anos, foi vestir novamente o casaco, pegar minha cadeirinha e andar até uma loja, onde comprou um pano, sabão, sacos de lixo, um rolo de plástico adesivo, esponjas, limpa-vidros e papel toalha.

Quando voltou para casa, ela jogou tudo no chão. Então, dobrou o casaco e o enfiou na sacola vazia da loja, que pendurou em uma maçaneta. Então, passou a tarde limpando o apartamento. Eu não era boba, diz ela, então me aconcheguei em minha cadeirinha e tirei uma longa soneca.

Ela conheceu Louisa, que também não tinha marido, no lobby do prédio naquele primeiro dia. Ambas estavam levando o lixo para as grandes latas que ficam do lado de fora. Louisa segurava Sal. Ele estava chorando, mas parou quando me viu.

Eu sei de tudo isso porque costumava pedir para ouvir a história várias vezes: a história do dia em que conheci Sal.

Coisas que chutam

Perder Sal era como uma longa lista de coisas ruins, e na primeira metade estava o fato de que eu teria que voltar para casa sozinha e passar pelo maluco que fica em nossa esquina.

Ele apareceu no começo do ano escolar, quando Sal e eu ainda voltávamos da escola juntos. Algumas crianças o chamavam de Pin, apelido para Pinel, ou de Chutador, porque ele costumava começar a dar chutes de repente, como se estivesse tentando acertar um dos carros que passavam depressa pela avenida Amsterdam. Às vezes, ele balançava o punho no ar e gritava coisas loucas como “Qual a velocidade de queima?”, “Onde está a cúpula?”, e jogava a cabeça para trás, dava gargalhadas altas e ensandecidas e todos podiam ver que ele tinha umas trinta obturações nos dentes. Estava sempre na esquina, às vezes dormindo com a cabeça embaixo da caixa de correio.

* * *

— Não o chamem de Pin — disse mamãe. — É um nome horrível para um ser humano.

— Mesmo para um ser humano que é pinel?

— Não importa. É horrível mesmo assim.

— Bem, e *você* o chama de quê?

— Não o chamo de nada — disse ela —, mas penso nele como o homem da gargalhada.

* * *

Quando eu ainda voltava para casa com Sal, era fácil fingir que o homem da gargalhada não me assustava, porque Sal fingia também. Ele tentava não demonstrar, mas morria de medo quando o via agitando o punho no ar e dando chutes na direção dos carros. Dava para perceber porque o rosto de Sal ficava quase paralisado. Conheço todas as expressões dele.

Costumava pensar em Sal como parte de mim: Sal e Miranda, Miranda e Sal. Sabia que não era assim de verdade, mas era como eu me sentia.

Quando éramos muito pequenos para ir à escola, Sal e eu frequentávamos juntos a creche, que ficava no apartamento de uma moça no fim do quarteirão. Ela havia recolhido algumas amostras de tapete em uma loja na avenida Amsterdam e escrevera o nome das crianças no verso. Depois do almoço, ela distribuía os quadrados de tapete e escolhíamos nosso lugar no chão da sala para a hora da soneca. Sal e eu sempre alinhávamos os nossos para formar um retângulo.

Uma vez, quando Sal teve febre e Louisa não foi trabalhar para cuidar dele em casa, a moça da creche me entregou meu quadrado de tapete na hora da soneca e, um segundo depois, entregou-me também o de Sal.

— Sei como é, querida — disse ela.

Então me deitei no chão, sem dormir, porque Sal não estava lá para encostar os pés nos meus.

* * *

Quando apareceu pela primeira vez em nossa esquina, no último outono, o homem da gargalhada estava sempre resmungando baixinho: “Livrossaco, bolsossapato, livrossaco, bolsossapato.”

Ele dizia como um canto: *livrossaco*, *bolsossapato*, *livrossaco*, *bolsossapato*. E às vezes ficava batendo com os punhos na cabeça. Sal e eu normalmente tentávamos prestar atenção em nossa conversa e agir como se não estivéssemos notando. São incríveis as coisas que as pessoas fingem não notar.

* * *

— Por que você acha que ele dorme assim, com a cabeça embaixo da caixa de correio? — perguntei a Richard quando o homem da gargalhada era novidade e eu ainda estava tentando entendê-lo.

— Não sei — disse Richard, tirando os olhos do jornal. — Talvez para ninguém pisar na cabeça dele.

— Muito engraçado. E o que é um “bolso-sapato”?

— Bolso-sapato — disse ele, com a expressão séria. — Significado: é um bolso escondido no sapato. É bom ter um, caso alguém tente roubar você enquanto dorme com a cabeça embaixo da caixa de correio.

— Ha, ha, ha — falei.

— Ah, Sr. Perfeito... — disse mamãe. — Você e sua incrível cabeça de dicionário! — Ela estava de bom humor naquele dia.

Richard deu um tapinha no joelho direito e voltou a seu jornal.

Coisas que ficam enroladas

Para a sorte de mamãe, alguns idosos da casa de repouso onde Louisa trabalha gostam de assistir ao *A Pirâmide de 20 Mil Dólares* na hora do almoço. Louisa faz anotações a cada programa e as traz depois do trabalho. Ela sai às 16h, então tenho tempo de escrever as palavras do dia nos cartões surrupiados antes que mamãe chegue em casa.

Esta noite, mamãe e Richard estão treinando na sala. Eu deveria estar no quarto fazendo a lição de casa, mas em vez disso estou fazendo nós e pensando.

Foi Richard quem me ensinou a fazer nós. Ele aprendeu na infância, quando velejava, e até hoje carrega pedaços de corda na mala. Ele diz que quando está tentando resolver um problema no trabalho, pega as cordas, faz os nós, desfaz e depois faz novamente. Isso coloca seus pensamentos nos eixos.

Há dois natais, o primeiro dele conosco, Richard me deu meu próprio conjunto de cordas e começou a me mostrar os nós. Hoje, consigo fazer todos os que ele sabe, até mesmo o volta do fiel, que fiz invertido por alguns meses até acertar. Então estou atando e desatando nós e vendo se isso me ajuda a resolver meu problema, que é você. Não consigo imaginar o que espera de mim.

Se quisesse apenas saber o que aconteceu naquele dia do inverno passado, seria fácil. Não seria divertido, mas seria fácil. Mas não é isso que diz seu bilhete. Ali, pede que eu escreva a história do que aconteceu *e tudo o que levou ao acontecimento*. E, como mamãe gosta de dizer, aí já seria uma caca completamente diferente. Só que ela não usa a palavra “caca”.

Porque, mesmo que você ainda estivesse aqui, mesmo que eu *decidisse* escrever a carta, não saberia por onde começar. Pelo dia em que o homem da gargalhada apareceu na esquina? Pelo dia em que mamãe e Louisa se conheceram no lobby? Pelo dia em que encontrei seu primeiro bilhete?

Não há resposta. Mas se alguém me obrigasse a escolher um dia para o início de toda a história de verdade, eu diria que foi quando Sal apanhou.

Coisas que marcam

Aconteceu no outono, quando Sal e eu ainda voltávamos juntos da escola todos os dias: um quarteirão da avenida West End até a Broadway, um quarteirão da Broadway até a Amsterdam, passando pelo homem da gargalhada na esquina, e mais meio quarteirão até a porta do prédio.

Aquele trecho do meio, entre a Broadway e a Amsterdam, é quase todo uma grande garagem. A calçada é inclinada, e tínhamos que tomar cuidado quando havia gelo, senão podíamos escorregar bem na frente do bando de meninos que estava sempre por lá. Se caíamos, eles aproveitavam e se juntavam ao redor, rindo e, às vezes, nos chamando de coisas que faziam nosso coração acelerar pelo restante do caminho.

* * *

No dia em que Sal apanhou, não havia gelo no chão, porque ainda era outubro. Eu carregava o grande cartaz dos *Mistérios da Ciência*, que tinha feito na escola. Havia desenhado letras grandes para o título, que era *Por que bocejamos?*

Há muitas teorias interessantes sobre o bocejo. Algumas pessoas acham que tudo começou como uma forma de mostrar os dentes para assustar predadores, ou de alongar os músculos faciais, ou de avisar ao restante da tribo que era hora de dormir. Minha teoria, que incluí no cartaz, é que bocejar é uma forma bem mais educada de dizer a uma pessoa que ela está matando os outros de

tédio. É isso ou um espirro em câmera lenta. Mas ninguém sabe ao certo, e por isso trata-se de um mistério da ciência.

* * *

No dia em que Sal apanhou, os meninos da garagem estavam lá, como sempre. No dia anterior, tinha havido uma briga; um deles encostou o outro contra um carro estacionado e bateu nele. O garoto que apanhou estava com as duas mãos erguidas, como se dissesse “Chega!”, mas, todas as vezes que tentava sair do capô do carro, o outro o empurrava para baixo e continuava batendo. Os outros meninos estavam pulando e gritando, e Sal e eu atravessamos a rua para não sermos atingidos por acidente.

Naquele dia dos socos, os garotos estavam tranquilos, então ficamos do lado normal da rua. Porém, assim que chegamos perto da garagem, alguém se afastou do grupo. Ele veio em nossa direção e bloqueou a passagem, obrigando-nos a parar. Olhei para cima e vi um garoto não muito grande, usando um casaco verde do exército. Ele fechou a mão e fez um movimento que veio como uma onda e acertou Sal bem no estômago. Com força. Sal se curvou para a frente como se fosse vomitar. E então o garoto lhe deu um soco na cara.

— Sal! — gritei.

Olhei para o mercado da Belle, na Amsterdam, mas não havia ninguém ali. Sal estava curvado e paralisado. O garoto ficou lá por alguns segundos, com a cabeça inclinada para o lado. Deve ser loucura, mas parecia que ele estava lendo meu cartaz dos *Mistérios da Ciência*. Depois ele se virou e começou a andar na direção da Broadway, como se nada tivesse acontecido.

* * *

— Sal! — Abaixei-me para ver seu rosto. Parecia normal, mas uma das bochechas estava toda vermelha. — Vamos — falei. — Estamos quase chegando em casa.

Os pés de Sal começaram a se mover. Só depois de alguns passos, percebi que os garotos não estavam rindo, assobiando, nem xingando. Eles não tinham dado um pio. Olhei para trás e os vi ali, prestando atenção no menino com o casaco verde do exército, que continuava indo na outra direção.

— Ei! — gritou um deles no meio da rua. — Que diabos foi isso?

Mas o garoto não olhou para trás.

Sal se movimentava devagar. Ele arregaçou as mangas da jaqueta dos Yankees que ganhara de aniversário de sua mãe, com lágrimas escorrendo pelos olhos. Quase chorei, mas consegui segurar. Eu precisava levá-lo para casa e ainda tínhamos que passar pelo homem da gargalhada.

Ele estava na esquina, andando em círculos e fazendo saudações. Sal estava chorando mais e andando curvado. Começou a pingar um pouco de sangue de seu nariz, e ele limpou com o punho da jaqueta, listrado de azul e branco. Ele estava com ânsia. Parecia que realmente ia vomitar.

Quando nos viu, o homem da gargalhada esticou os braços do lado do corpo e ficou reto. Ele me fez lembrar do grande quebra-nozes de madeira que Louisa coloca na mesa da cozinha na época do Natal.

— Criança esperta! — disse ele.

O maluco deu um passo em nossa direção, e foi o suficiente para Sal correr para casa. Eu corri atrás dele, tentando segurar meu cartaz e tirar as chaves do bolso da calça.

Quando consegui abrir a porta e entramos no lobby, Sal foi direto para seu apartamento e fechou a porta na minha cara. Bati várias vezes, mas Louisa ainda não havia chegado do trabalho e ele não me deixou entrar.

* * *

Se não me engano, esse é o começo da história que você quer que eu conte. E eu ainda não sabia, mas foi também o fim da minha amizade com Sal.

As regras de mamãe para a vida em Nova York

1. *Sempre* pegue a chave antes de chegar à porta.
2. Se um estranho estiver parado na frente do prédio, *nunca* entre — continue andando pelo quarteirão até que ele tenha ido embora.
3. Olhe para a frente. Se houver alguém agindo de forma estranha, que aparente estar bêbado ou ser perigoso, atravesse a rua, mas *disfarce* um pouco. Passe a impressão de que já planejava atravessar.
4. *Nunca* mostre seu dinheiro na rua.

* * *

Eu tenho meu próprio truque. Se estou com medo de alguém na rua, viro para ele (é sempre um menino) e digo:

“Com licença, por acaso sabe que horas são?”

Esse é meu modo de dizer à pessoa:

“Vejo você como um amigo, e não há motivo para me machucar ou tirar algo de mim. Nem relógio eu tenho, e provavelmente não vai valer a pena me assaltar.”

Até agora tem funcionado que é uma beleza, como diria Richard. E descobri que a maioria das pessoas de quem tenho medo, na verdade, é bastante amigável.

Coisas que desejamos

— Miranda — mamãe chama da cozinha. — Precisamos que você marque o tempo. O tique-taque desse *timer* em forma de ovo está me enlouquecendo.

Então presto atenção ao ponteiro dos segundos do relógio da cozinha enquanto Richard dá as dicas a mamãe. Depois mamãe dá as dicas enquanto Richard adivinha.

— Posso jogar? — pergunto após cinco rodadas.

— Claro. Richard, você marca o tempo um pouco?

Mamãe se espreguiça e tira o suéter roxo. Quando ele passa pela cabeça, o cabelo dela cai sobre os ombros, balançando. Como sempre, isso me faz amaldiçoar meu pai que não existe, que é o responsável por meu cabelo liso, castanho e bem *normalzinho*. Culpo meu pai por ter esse cabelo escorrido e sem graça, mas, fora isso, não guardo nenhum rancor dele.

Em meu livro, Meg está procurando pelo pai. Quando ela finalmente chega a Camazotz, que é um planeta mais ou menos perto do asterismo da Caçarola, onde o pai foi feito prisioneiro, o homem mau com olhos vermelhos pergunta *por que* ela quer o pai, e ela diz: “Você nunca teve pai? Não o queremos por alguma *razão*. Queremos porque ele é nosso *pai*.”

Imagino que por nunca ter *tido* pai, não gostaria de ter um agora. Não se pode sentir falta de algo que nunca se teve.

* * *

Richard está olhando para o relógio da cozinha, esperando que o ponteiro dos segundos chegue ao doze.

— Certo. Prepare-se... Valendo!

Olho para a primeira ficha.

— É algo que se passa na torrada — digo.

— Manteiga! — grita mamãe.

Próxima ficha.

— Você bebe milk-shake com isso, suga por meio disso.

— Canudo! — grita mamãe.

Próxima.

— É de couro e segura as calças!

— Cinto!

— É doce, toma-se no inverno, depois de andar de trenó!

— Chocolate quente!

* * *

É bom jogar. Não ter que pensar em nada a não ser na próxima palavra, e fazer com que mamãe não pense em nada a não ser nas próximas palavras que saem da minha boca. Passamos voando pelo grupo de sete palavras.

— Você é boa nisso — diz mamãe, quando terminamos com cinco segundos de sobra.

Eu sorrio.

— Acho que você vai ganhar. De verdade — digo a ela.

— Não alimente muitas expectativas — adverte ela. — Isso é só a rodada-relâmpago. É a parte fácil.

* * *

Na verdade, nossas expectativas já foram alimentadas. Nossa lista de desejos está presa à geladeira por um ímã que mamãe surrupiou do trabalho:

Viagem para a China
Câmera boa para a viagem para a China
Carpete para o quarto da Miranda
TV nova

E Richard escreveu *barco à vela* no fim da lista, embora seja difícil imaginar onde o estacionaríamos.

De qualquer forma, essa é a lista oficial. Mas Richard e eu temos nosso próprio plano secreto para o dinheiro, se mamãe ganhar.

Coisas que espreitam

No dia em que Sal apanhou, em outubro, Louisa subiu depois do jantar para conversar com mamãe em seu quarto. Elas decidiram que Sal precisava de um descanso, o que significava que ele poderia faltar à escola e ficar vendo televisão no dia seguinte.

Portanto, na outra tarde, voltei sozinha para casa. Eu estava com muitos pensamentos na cabeça, e pretendia estar conversando profundamente comigo mesma quando passasse pelo homem da gargalhada. Estava quase chegando à garagem quando percebi que alguém me seguia. Olhei para trás e vi o garoto que bateu em Sal. Ele estava a uns dois passos de distância, com a mesma jaqueta verde do exército que usava no dia anterior.

Eu quase entrei em pânico. Sempre sei quando isso vai acontecer porque meus joelhos e meu pescoço começam a formigar. Então, antes de realmente decidir o que fazer, virei e o encarei.

— Com licença, por acaso sabe que horas são? — Minha voz soou quase normal, o que era bom.

— Vamos ver... — Ele virou a cabeça para trás e olhou na direção da Broadway, como se houvesse um relógio gigante pairando no ar bem atrás de nós. — São 15h16.

Confirmei com a cabeça, como se também estivesse vendo o relógio invisível.

— Obrigada.

Não parecia que ele ia me bater, mas, ainda assim, meu coração estava acelerado.

— Está vendo aquele prédio grande e marrom? — Ele apontou.
— Ontem, o sol começou a se pôr atrás dele às 15h12. Agora, já

está na metade — Ele olhou para mim. — Além disso, já se passou um dia, e estamos em outubro, então os dias estão ficando mais curtos.

Olhei para ele. Ele olhou para baixo, para sua mão, que segurava uma chave. E enfiou a outra mão no bolso da calça.

— Não tenho relógio — disse.

— Ah — falei —, nem eu.

Ele fez um gesto positivo com a cabeça, e perdi o medo. Mas logo que o medo passou, eu me senti culpada. “Olhe para você”, disse meu cérebro. “Conversando com o menino que acertou Sal!” Esse é o jeito como meu cérebro conversa comigo.

— Tenho que ir — falei, sem olhar para trás até chegar à esquina.

Quando me virei, o menino que acertara Sal já havia ido embora. Foi então que percebi que ele devia morar no apartamento em cima da garagem, aquele com plantas mortas na escada de incêndio e lençóis pendurados nas janelas.

Tinha esquecido completamente o homem da gargalhada. Ele estava embaixo da caixa de correio, com as pernas esticadas, e tomei cuidado para não acordá-lo.

Coisas que quicam

Depois que foi agredido, Sal começou a jogar basquete na viela atrás do nosso prédio. As janelas da nossa sala dão para lá, e eu o ouvia batendo bola de 15h30 até 17h todos os dias. Havia um aro enferrujado, sem rede, que fazia barulho de metal sacudindo sempre que ele o acertava.

O apartamento de Sal e Louisa é praticamente igual ao nosso. Temos os mesmos quartos retangulares, os mesmos lustres de cordinha no corredor, a mesma cozinha com formato estranho e os mesmos fornos imprevisíveis. O nosso fica no andar de cima, e o deles é bem embaixo.

Há diferenças. O piso da cozinha deles é de quadrados de linóleo amarelo e laranja e o nosso é branco com pontos dourados, e a cama de Sal fica encostada em uma parede diferente do quarto. Mas temos o mesmo piso no banheiro — azulejos hexagonais brancos. Se olho bastante para eles, consigo ver diversos padrões nos hexágonos: linhas, flechas, até flores. É como se eles se transformassem em várias figuras. O tipo de coisa que você nunca deve tentar explicar a outra pessoa. Mas, quando éramos pequenos, falei com Sal sobre isso, depois fomos ao banheiro dele para olhar juntos para o piso. Sal e Miranda, Miranda e Sal.

* * *

Sal jogava cada vez mais basquete e falava cada vez menos comigo. Perguntei quatrocentas vezes se ele estava bem, se estava zangado

comigo, se havia algo errado, 399 vezes ele respondeu “Sim”, “Não” e “Nada”. Então, na última vez que perguntei, ele me disse — enquanto estávamos no lobby, e ele olhava para os pés — que não queria almoçar nem voltar para casa comigo por um tempo.

— Mas ainda quer ser meu amigo ou nem isso? — perguntei.

Ele continuou olhando para os pés e disse que não, que achava que não queria, por um tempo.

* * *

Tive sorte, acho, de aquela ser a mesma semana em que Julia decidiu, por algum motivo, punir Annemarie.

As meninas da escola brigam há anos, mas só quando Sal me abandonou fui forçada a notá-las. Já as vi trocarem de melhor amiga, começarem guerrinhas, chorarem, destrocarem de melhor amiga, fazerem pactos, gritarem e agarrarem os braços umas das outras daquele falso jeito empolgado etc. Sabia quais delas torturavam Alice Evans, que, mesmo já estando no *sexto ano*, ainda esperava muito tempo para fazer xixi e nunca queria dizer em voz alta que precisava ir ao banheiro. As meninas esperavam Alice ficar desesperada, agitando um pé, depois o outro, e então começavam a fazer perguntas: “Alice”, diziam, “você já fez a lição de matemática? A página que diz ‘multiplique para verificar suas respostas’? Como você fez?”

E Alice pulava desesperadamente enquanto mostrava a elas.

Eu sabia que as meninas sempre andavam em duplas, e Julia e Annemarie andavam em dupla havia um bom tempo. Eu odiava Julia. E nunca tinha parado para pensar muito sobre Annemarie.

Minha primeira lembrança de Julia é do segundo ano, quando fizemos autorretratos na aula de arte. Ela reclamou que não havia cartolina da cor “café com leite” para sua pele, ou “chocolate com 60% de cacau” para seus olhos. Eu me lembro de tê-la encarado enquanto essas palavras saíam de sua boca e pensar: sua pele é marrom-clara, seus olhos são marrom-escuros. Por que não usa

logo o marrom, sua idiota? Jay Stringer não reclamou do papel, nem as outras dez crianças que usaram marrom. Eu não reclamei do estúpido rosa-escuro que me deram. Ela achava minha pele rosa-escuro?

Mas logo descobri que Julia não era como nós. Ela tinha viajado o mundo todo com os pais. Desaparecia da escola e voltava duas semanas depois com laços de cetim nas tranças, um vestido novo de veludo com decote canoa ou três anéis dourados em um só dedo. Ela aprendera sobre o chocolate com 60% de cacau na Suíça, onde seus pais lhe compraram vários deles, além de um pequeno relógio de prata que ela estava sempre exibindo para as pessoas.

* * *

Ainda não sei o que Annemarie fez de errado, mas durante a leitura silenciosa, naquela terça, Julia lhe disse que, como punição, elas não almoçariam juntas pelo “restante da semana”. Julia era ótima em fazer anúncios em voz alta, para todo mundo ouvir. Então, na quarta-feira, perguntei a Annemarie se ela queria sair para almoçar comigo, e ela disse sim.

* * *

No sexto ano as crianças com dinheiro, mesmo que pouco, saem para almoçar, a menos que algo esteja acontecendo, como na primeira semana de aula, quando havia um homem correndo completamente nu pela Broadway e nós tivemos que comer no refeitório da escola enquanto a polícia tentava pegá-lo.

A maioria vai comer pizza, vai ao McDonald's ou, de vez em quando, vai à lanchonete do Jimmy, que tem um nome de verdade, mas a chamamos assim porque a única pessoa que já vimos trabalhando lá é um cara chamado Jimmy.

A pizza é o que mais vale a pena. Por 1,50 dólar é possível comprar duas fatias, uma lata de refrigerante e um pirulito de cereja do baldinho de doces que fica ao lado do caixa. No primeiro dia em que almoçamos juntas, Annemarie e eu demos a sorte de encontrar dois bancos, um do lado do outro, no balcão, embaixo da bandeira da Itália.

Achei um pouco nojento comer pizza com a Annemarie porque ela arrancou o queijo de sua fatia como uma casquinha de ferida e o comeu, deixando todo o resto no prato. Mas ela riu das minhas piadas (a maioria roubada de Richard, que é ruim para contar piadas, mas conhece um monte) e me convidou para ir à sua casa depois da escola, o que compensou o restante. Seria uma tarde a menos ouvindo a bola de basquete de Sal. E o homem da gargalhada provavelmente estaria dormindo embaixo da caixa de correio quando eu voltasse.

Coisas que queimam

O apartamento de Annemarie não exigia chaves. No prédio, havia um porteiro que a cumprimentava quando ela chegava e, lá em cima, era seu pai quem abria a porta.

— Seu pai tirou o dia de folga? — sussurrei.

— Não — respondeu Annemarie —, ele trabalha em casa, ilustrando periódicos médicos.

— Sua mãe também está aqui?

Ela fez que não com a cabeça.

— Ela está no trabalho.

O quarto de Annemarie era mais ou menos do tamanho do meu, mas tinha cortinas bonitas e as paredes eram completamente cobertas com todo o tipo de imagens e fotografias, e eu não conseguia parar de olhar. Acho que havia centenas.

— Nós nos conhecemos há muito tempo — disse Annemarie, sentada na cama, que tinha uma colcha meio asiática e uns cinquenta travesseiros.

— Quem?

Ela corou.

— Ah, achei que você estivesse olhando as fotos da Julia.

Foi quando percebi que o quarto era repleto de fotos da garota. Talvez não exatamente coberto, mas eram muitas — elas duas de pijama, ou no parque, ou com roupas sofisticadas do lado de fora de algum teatro.

— Toc, toc! — O pai de Annemarie chegou com salsichinhas em um prato. — Meu prazo para o trabalho está se esgotando — disse ele. — Quando isso acontece, eu cozinho. Você quer mostarda? Experimente o molhinho. Volto já com cidra de maçã.

Ele voltou em trinta segundos com um copo de cidra para mim, mas entregou a Annemarie o que parecia ser água pura. Parece que ela nem percebeu.

O tapete de Annemarie era suave e macio, quase como uma cama, e eu me deitei nele. Mostarda sempre faz meus lábios queimarem, mas não liguei. Valeu a pena.

O Círculo dos Vencedores

Mamãe está ficando muito boa na rodada-relâmpago. Ela quase sempre alcança as sete palavras em trinta segundos, não importa quem esteja dando as dicas e quem esteja adivinhando.

A segunda parte de *A Pirâmide de 20 Mil Dólares* é chamada de Círculo dos Vencedores, porque é preciso vencer a rodada-relâmpago para chegar a ela. Nessa parte, os parceiros-celebridade dão as dicas e o concorrente tem que adivinhar. Dessa vez não são palavras, e sim categorias. Assim, se a celebridade diz “tulipa, margarida, rosa”, o concorrente tem que dizer “tipos de flor”.

Essa é fácil. Algumas são mais difíceis de adivinhar, como “coisas que declamamos” (poesia, o juramento à bandeira) ou “coisas que apertamos” (o tubo de pasta de dente, a mão de alguém).

A última categoria é sempre extremamente difícil de adivinhar — pode ser “coisas que se prolongam” ou “coisas que torcemos”. É ela que separa o concorrente do grande prêmio, e mamãe diz que alguns dos parceiros-celebridades são mais burros que uma porta, o que não ajuda muito.

Se mamãe vencer a primeira rodada-relâmpago e acertar corretamente todas as categorias do Círculo dos Vencedores, ganhará 10 mil dólares. Se ganhar na segunda rodada, o prêmio aumenta para 15 mil. E se ganhar na terceira, são 20 mil dólares. E isso é o que chamo de grande prêmio.

Durante a rodada-relâmpago, pode-se apontar ou gesticular como quiser. Se a palavra é “nariz”, é permitido apontar para o nariz. Mas as regras mudam no Círculo dos Vencedores. Não é

permitido nenhum gesto, e por isso estou amarrando as mãos de Richard à minha cadeira. Estou usando o nó volta do fiel.

— Você está fazendo ao contrário novamente — diz Richard, olhando para mim. — Essa ponta deveria passar *no meio* do laço... Isso... Certo!

Mamãe fica nos olhando como se fôssemos malucos.

— Isso é mesmo necessário?

— Ela precisa treinar — diz ele. — Para quando você ganhar o veleiro.

Mamãe revira os olhos.

Minhas fichas estão prontas — escrevi tudo em letras de forma grossas, para que Richard pudesse ler a distância. Vou levantar uma por vez atrás de mamãe, onde Richard possa ver. No programa de verdade, eles têm grandes painéis que ficam girando atrás do concorrente para revelar a categoria seguinte, mas, obviamente, não temos esse tipo de tecnologia.

As anotações que Louisa faz na hora do almoço são boas. Ela escreve até o que Dick Clark fala no início do Círculo dos Vencedores. Ele sempre usa as mesmas palavras: “Aqui está seu primeiro assunto... Valendo!”

Programamos o *timer* em forma de ovo para um minuto. Mamãe tem que adivinhar seis categorias antes que o tempo termine.

— Aqui está seu primeiro assunto — digo, tentando imitar Dick Clark. — Valendo! — Levanto a primeira ficha para que Richard possa vê-la.

A ficha diz “coisas em que subimos”. Richard confirma com a cabeça e começa a dar as dicas a mamãe.

— Um trepa-trepa, uma montanha...

— Coisas altas? — responde ela.

Richard faz que não com a cabeça.

— Hum... degraus...

— Coisas que vão para cima! — grita mamãe.

Ele faz que não novamente.

— Uma escada de mão...

— Coisas em que subimos!
— Ding! — digo, imitando o som da campainha, e levanto a ficha seguinte.

— Certo — diz Richard. — Paris, queijo, vinho...

— Coisas chiques! — grita Mamãe. — Coisas românticas!

— Pão...

— Coisas francesas!

— Ding.

Próxima ficha.

— Um travesseiro — diz Richard. — Um gatinho.

— Coisas gordinhas?

— Uma bola de algodão...

— Coisas macias... coisas fofas!

— Ding.

Próxima ficha.

— Um carrinho de bebê, um carrinho de compras...

— Coisas que levam coisas? — chuta mamãe. — Coisas com rodas?

Richard faz que não com a cabeça, pensa, e diz:

— Um balanço.

— Coisas que empurramos!

— Ding!

O *timer* em forma de ovo desliga. Olhamos uns para os outros. Mamãe acertou apenas quatro das seis categorias. Ninguém fala nada.

— Não faz mal — diz ela por fim. — Ainda temos duas semanas.

Coisas de que guardamos segredo

Demorei um pouco para perceber que o garoto que bateu em Sal frequentava nossa escola. Estávamos trabalhando em nossos projetos para a Rua Principal, a maquete de um quarteirão da cidade, que estávamos construindo no fundo da sala de aula. A turma do Sr. Tompkin estuda prédios todos os anos. Mamãe diz que ele é um arquiteto frustrado.

— Por que ele é frustrado? — perguntei.

— É complicado. — Ela disse que tinha a ver com a guerra. — Professores não precisavam lutar no Vietnã, então muitos jovens que não queriam ir para a guerra tornaram-se professores.

Em vez de se tornarem o que realmente queriam, ela quis dizer.

* * *

Jay Stringer, um gênio de 12 anos e líder da Comissão de Planejamento do Projeto da Rua Principal, já havia construído um prédio inteiro de papelão, com saídas de incêndio e caixa-d'água, e recentemente havia começado a fazer duas cabines telefônicas, que, segundo ele, teriam portinhas que iam abrir e fechar.

Annemarie estava ocupada com os seixos e a cola extra-forte, trabalhando em uma parede de pedras para o parque que Jay Stringer havia aprovado na semana anterior. Julia estava fazendo um óvni de papel alumínio que, dizia ela, sobrevoaria a rua preso por um fio de náilon. O óvni ainda não estava aprovado, mas Julia

continuou com o projeto mesmo assim. Ela havia escrito *Proposta Pendente* em um pedaço de papel e pregado na lateral de uma caixa de sapato cheia de papel alumínio e linha de pesca. Alice Evans estava tentando fazer hidrantes de argila que, até então, pareciam apenas caroços. Ficar o tempo todo com tanta vontade de fazer xixi deve prejudicar sua capacidade de concentração.

Eu trabalhava na minha proposta de parquinho. Meu escorregador primeiro ficou muito íngreme, depois muito plano, depois muito confuso, porque apaguei demais. Eu teria que pedir outra folha de papel quadriculado, o que sempre fazia Jay Stringer suspirar e revirar os olhos, porque ele as trazia de casa.

O telefone da sala de aula tocou e, depois de atender, o Sr. Tompkin perguntou se alguém queria ajudar um pouco na secretaria. Levantei a mão. A secretária da escola normalmente dá aos ajudantes alguns chocolatinhos e bombons.

* * *

Peguei meu livro e desci pelo corrimão até o primeiro andar, onde encontrei Rodete em sua mesa, no escritório principal. Dizem que ela é a secretária, mas, até onde sei, praticamente dirige a escola. E tenta fazer tudo sem sair de sua cadeira, que tem rodinhas — é por isso que todos a chamam de Rodete. Ela roda pelo escritório o dia inteiro, empurrando o chão com os pés. É como um jogo de *pinball* em câmera lenta.

— O dentista precisa de um ajudante — disse-me ela, andando com a cadeira até uma das mesas, onde pegou uma folha de papel.

É estranho frequentar uma escola por quase sete anos e um dia descobrir que há um consultório de dentista lá dentro. Mas foi exatamente isso o que aconteceu. Rodete se levantou e eu a segui até o fim de um corredor no qual nunca tinha reparado antes. Havia uma porta aberta e, do outro lado, um consultório de verdade.

Fomos até a sala de espera, e pude ver o interior de outra sala, com uma cadeira de dentista. Presa nela, havia uma pequena pia branca e, no alto, uma grande luminária prateada. As paredes estavam cobertas de pôsteres sobre placa, escovação de dentes e a importância de comer maçãs.

Rodete chamou:

— Bruce?

Um homem de barba grisalha e curta apareceu na sala de espera. Ele estava usando uma daquelas toucas verdes de médico e me abriu um sorriso largo e perfeito.

— Olá. Você é minha primeira paciente de hoje?

— Não, essa é Miranda — disse Rodete. — Ela será sua ajudante. Estou com a lista de pacientes aqui. — E me entregou um pedaço de papel.

Vi um monte de nomes e números de salas de aula.

— Eles vão ao dentista da escola? — perguntei. — É tão esquisito...

Rodete pegou de volta o papel e disse:

— Há 98 alunos do sexto ano nessa escola, e 89 vieram hoje. Então, se não consegue fazer esse trabalho com educação, pode voltar direto para sua sala, porque posso chamar outra pessoa.

Senti o rosto queimar e pensei que realmente fosse chorar. Às vezes, quando me pegam desprevenida, choro por qualquer coisa.

O dentista colocou a mão em meu ombro e sorriu novamente. Ele parecia um risadista profissional, o que faz sentido para um dentista, acho.

— Meus serviços são gratuitos, Miranda. Algumas famílias não têm como pagar um dentista. Ou precisam desse dinheiro para outras coisas.

— Ah!

Fiquei imaginando que seria melhor não deixar minha mãe descobrir isso. Ela está sempre reclamando que os serviços de saúde deveriam ser gratuitos para todos. Aposto que agendaria rapidinho uma consulta para mim no dentista da escola.

Ele olhou para Rodete. Ela deu um sorrisinho forçado e me entregou a lista novamente. Então, tirou um chocolate do bolso e

passou-o para mim, bem na frente do dentista, e Louisa certa vez me disse que comer chocolate é o mesmo que acertar os dentes com um martelo.

* * *

Saí com minha lista.

— Não chame todas as crianças de uma vez — avisou o dentista. — Traga-os de dois em dois.

Decidi chamar primeiro as crianças pequenas. Bati na porta das salas de aula, os professores vieram correndo ver meu recado e me entregaram as crianças. Levei dois alunos do jardim de infância para o consultório, fiquei lendo meu livro na sala de espera por algum tempo e depois fui buscar um estudante do segundo ano e outro do quarto. Subi e descí as escadas várias vezes. Não consigo acreditar que Rodete tenha feito isso alguma vez na vida.

Quando voltei até o dentista com a segunda leva, uma aluna do jardim de infância já estava esperando para ir para sua sala. Tinha um grande adesivo com um dente feliz colado na camiseta. Levei-a de volta e fui buscar o último da lista, um aluno do sexto ano, como eu: Marcus Heilbroner, na sala 6-506. Nunca tinha ouvido falar dele.

Bati na janelinha da porta da sala, balançando meu papel. O professor, Sr. Anderson, veio abrir e lhe mostrei a lista.

— Marcus — chamou ele, e um menino se levantou.

Era o menino que batera em Sal. Estava com o cabelo bem curto, mas, definitivamente, era a mesma pessoa. Meu cérebro começou a gritar comigo: “É o garoto que acertou Sal! Ele estuda na *nossa* escola? O garoto que acertou Sal estuda na *nossa* escola?” Enquanto isso, o menino veio até onde eu estava com o Sr. Anderson.

— Consulta com o dentista — sussurrou o Sr. Anderson.

Marcus confirmou com a cabeça, voltou à mesa, pegou um livro, passou direto por mim e saiu da sala. Eu fui atrás. Ele sabia

o caminho.

* * *

— Bem-vindo de volta, Marcus — disse o dentista, de dentro da sala. — Belo corte de cabelo.

O aluno do quarto ano estava na cadeira, cuspiendo na pequena pia branca. As outras duas crianças estavam devidamente adesivadas, esperando para voltar às salas de aula. Marcus se jogou em uma cadeira e abriu um livro chamado *Conceitos de matemática*.

O Sr. Tompkin agia como se todos na classe fossem parte de uma grande e feliz turma de matemática, mas não demorou muito para percebermos que havia um sistema: livros vermelhos para gênios como Jay Stringer; laranja para gente como eu, que ia bem, e amarelos para os que saíam da sala duas vezes por semana para encontrar a Sra. Dudley, que dava “reforço de matemática”. O livro de Marcus era diferente — grosso, com capa dura e letras miúdas. Então imaginei que, mesmo sendo azul, cor abaixo do amarelo no arco-íris, equivaleria pelo menos a um vermelho.

— Gosta de matemática? — perguntei.

Marcus olhou para cima e eu tive a forte impressão de que ele não se lembrava de ter me visto antes, de ter batido em Sal ou de ter falado comigo sobre o sol.

— Sim — respondeu devagar, como se eu fosse burra ou algo assim —, gosto de matemática. — E retomou a leitura.

Acompanhei as duas crianças que esperavam até suas salas. Uma delas segurava um cartão brilhante em forma de maçã que dizia que precisava retornar. Havia uma linha que a mãe dela tinha que assinar. “Cárie”, pensei, fazendo careta.

Quando voltei ao consultório, o menino do quarto ano ainda estava na cadeira e Marcus ainda lia seu livro, de matemática. Por mim, tudo bem. Peguei meu livro, que estava onde eu o havia deixado sobre a mesa, e me sentei para ler.

— Algumas pessoas acham que é possível, sabe? — sussurrou Marcus.

— O quê?

Ele apontou para o meu livro.

— Viajar no tempo. Algumas pessoas acham que é possível. A não ser que essas moças tenham mentido, no começo do livro.

— O quê?

— As moças do livro... Sra. O Quê, Sra. Onde e Sra. Quem.

— Sra. O Que É Isso, Sra. Quem e Sra. Qual — corrigi.

Ele deu de ombros.

— Mentiram como? Elas nunca mentiram.

Eu estava ficando irritada. A verdade é que odeio pensar em outras pessoas lendo meu livro. É como ver alguém mexendo na caixa de coisas particulares que guardo embaixo da cama.

— Você não lembra? — Ele se inclinou na cadeira. — Elas estão viajando no tempo, certo? Por todo o universo, certo? E prometem àquela menina que a levarão de volta para casa cinco minutos antes do horário em que saiu. Mas não fazem isso.

— Como *you* sabe que elas não a levaram para casa cinco minutos antes? Quer dizer... não há relógio nem nada. Elas saem à noite e voltam na mesma noite. Talvez tenham saído às 20h30 e voltado às 20h25.

Ele riu.

— Não precisa ter *relógio*. Pense. No começo do livro, aquela menina anda no meio da horta...

— Meg.

— Hã?

— Você fica dizendo “aquela menina”, mas o nome dela é Meg.

— Então, ela anda até o outro lado da horta e senta em um muro de pedras, certo? E ela consegue *ver* a horta de onde está sentada, conversando com aquele menino, certo? E as moças aparecem e os levam embora.

— O nome dele é Calvin. E daí que conseguem ver a horta?

— Daí que a *horta* é o lugar onde eles aparecem quando voltam para casa no fim do livro. Lembra? Eles caem em cima dos

brócolis. Então, se *tivessem* chegado em casa cinco minutos antes do horário em que saíram, como aquelas moças *prometeram*, teriam visto a si mesmos chegando. Antes de partirem.

Coloquei o livro na mesa e balancei a cabeça:

— Pense nisso. Eles não haviam saído ainda. Como poderiam ter voltado? Eles nem tinham certeza se *conseguiriam* voltar.

— Não importa se sabiam ou não. Não tem nada a ver com isso. — Ele se recostou e enfiou as mãos nos bolsos. — Se eles caíram em cima dos brócolis às 20h25, deveriam estar em cima dos brócolis às 20h25. Ponto final.

— Isso não faz sentido — falei. — E se eles não tivessem conseguido salvar o pai de Meg e voltar sãos e salvos?

— Então nunca teriam caído em cima dos brócolis. Mas caíram, não foi?

— Sim, mas... o fim não pode acontecer antes do meio!

Ele sorriu.

— Por que não?

— Não sei... É uma questão de senso comum!

— Senso comum! Já leu a Teoria da Relatividade? Sabe? De Einstein?

Fiquei olhando para ele.

— Einstein diz que o senso comum é apenas o hábito de pensar algo. É o modo como estamos *acostumados* a pensar sobre tal coisa, e muitas vezes ele só atrapalha.

— Atrapalha o *quê*?

— Atrapalha a verdade. Quer dizer... costumava ser senso comum que o mundo era plano, e o sol girava a seu redor. Mas em algum momento, alguém teve que rejeitar essa hipótese, ou pelo menos questioná-la.

— Bem, é claro que alguém fez isso.

— Sim, *dã*. Copérnico fez isso! Olhe, só estou dizendo que no fim do livro eles não voltam cinco minutos antes de terem saído. Ou teriam visto a si mesmos voltando antes de partirem.

Eu desisti.

— Estava escuro na horta — disse. — Talvez só não tenham conseguido ver a si mesmos de onde estavam sentados.

— Pensei nisso — disse ele. — Mas eles teriam ouvido toda a gritaria, e o cachorro...

— Meu Deus, e o que *importa*? É uma *história*... Alguém inventou tudo! Você percebeu isso, não?

Ele deu de ombros.

— A história é inventada. Mas viajar no tempo é possível. Em teoria. Já li alguns artigos sobre isso.

— Uau. Você gosta *mesmo* de matemática, não?

Ele sorriu novamente. Com o cabelo tão curto, sua cabeça parecia uma bola perfeitamente redonda quando ele sorria.

— Está mais para física, nesse caso.

— Está bem. Você gosta *mesmo* de *física*, não?

— Gosto. — Ele pegou meu livro da mesa e o folheou. — Na verdade, tive uma conversa quase igual a essa com minha professora logo após ler este livro. Ela também não me entendeu no começo.

— Ela? O Sr. Anderson é *ele*. Você não repara muito nas pessoas, não é?

— Não foi o Sr. Anderson. Isso foi no segundo ano. Escrevi uma resenha sobre a história.

— *No segundo ano*?

Ele colocou o livro na mesa.

— Sim. Em Detroit, onde morávamos até o ano passado. Mas não falo mais sobre essas teorias. Normalmente.

— Por que não?

Ele me lançou um olhar.

— As pessoas não querem pensar sobre isso.

— Posso imaginar por quê — falei. — Minha cabeça está doendo.

— Ainda assim, você se saiu melhor do que a maioria. É bastante esperta.

Revirei os olhos.

— Nooossa, obrigada.

* * *

— Certo, Marcus — o dentista chamou da outra sala. — Sua vez!

Vi Marcus deitar na cadeira e voltar a ler o livro de matemática, segurando-o com uma das mãos enquanto o dentista trabalhava do outro lado. O aluno do quarto ano me esperava na porta, com seu adesivo colado.

— Miranda, você pode voltar para sua sala — disse o dentista. — Marcus ainda vai ficar um tempo por aqui. Ele subirá sozinho quando terminarmos.

Então peguei meu livro e subi as escadas com o menino. Quando chegamos ao corredor onde ficava a sala dele, ele parou, e eu o esperei tirar o adesivo da camisa, dobrá-lo e enfiá-lo no bolso.

Coisas que cheiram mal

Por um bom tempo, Colin fora apenas o garoto baixinho que parecia cair na minha sala todos os anos. No terceiro ano, ele e eu passamos quase uma semana convencendo Alice Evans de que veludo era um tipo de pele de animal, e ela se recusou a usar veludo pelo restante do ano. Fora isso, nunca andamos juntos. Já o vira com seu skate no parque algumas vezes, e ele sempre me deixou andar um pouco nele, mas só isso.

E, de repente, ele estava em todos os lugares. Descia comigo e com Annemarie na hora do almoço ou gritava “Esperem!” e voltava pela Broadway conosco depois da escola, para beber alguma coisa na lanchonete do Jimmy.

Foi Colin quem teve a ideia de pedir um emprego a Jimmy. Tenho quase certeza de que ele estava brincando. Colin estava sempre dizendo coisas estranhas às pessoas, o que, em parte, dava certo orgulho, mas, por outro lado, dava vontade de não estar perto dele. Carente de atenção, é como mamãe o chamaria.

— Ei — disse Colin a Jimmy certo dia, depois da escola, no início de novembro, enquanto pagávamos nossos refrigerantes —, você está sempre sozinho aqui. Que tal perguntar para o dono se ele não quer arrumar um emprego para nós?

— Eu sou o dono — disse Jimmy. — E quem são “nós”?

Estávamos Annemarie, Colin e eu parados ali.

— Nós — disse Colin. — Poderíamos trabalhar depois da escola.

Jimmy pegou um pedaço de pickles da bancada de preparação, cujo nome eu ainda não conhecia, e colocou-o na boca.

— Não preciso de ajuda assim tão tarde. Que tal na hora em que eu abro?

— Temos intervalo para o almoço às 10h45 — disse Colin.

Um almoço estupidamente cedo. Na nossa escola, quanto mais velho você fica, mais idiota é o horário do almoço.

Jimmy fez que sim com a cabeça.

— Pode ser.

* * *

Não achei que ele tivesse falado sério, mas Colin disse que devíamos aparecer na hora do almoço no dia seguinte, para ter certeza.

E, no final, era sério. Nós três trabalhamos na hora do almoço pelo restante da semana. Lavamos muitas bandejas de plástico sujas de gordura, pesamos montes de carne fatiada (o que é tão nojento quanto parece), empilhamos refrescos no balcão refrigerado, cortamos tomates e fizemos tudo o que Jimmy nos pedia.

Acho que ficou claro que Jimmy era meio estranho, porque nenhuma pessoa normal daria um emprego de quarenta minutos por dia a três alunos do sexto ano. No primeiro dia, Jimmy gastou cerca de cinco minutos apontando para um cofrinho de plástico no formato do Fred Flintstone que ele tinha em uma prateleira na sala dos fundos.

— Nunca toquem no cofrinho — disse. — Nunca.

Quando comentei com Annemarie que Jimmy era estranho, ela disse:

— É, mas é um estranho legal, não um estranho bizarro.

— Você acha? — perguntei. — E o cofrinho esquisito em forma de personagem de desenho animado?

Ela deu de ombros.

— Meu pai também coleciona umas coisas assim. Muitas pessoas colecionam.

Acontece que Jimmy não pretendia nos pagar em dinheiro. Em vez disso, cada um de nós podia pegar um refrigerante e fazer um

sanduíche com as coisas que ficavam na bancada de preparação, que tinha apenas alface, tomate, cebola, queijo processado, queijo suíço e pickles. Os outros ingredientes — peru fatiado, presunto, rosbife, salame, uma grande porção de salada de atum e almôndegas que ficavam em uma panela elétrica — não podíamos consumir.

Todos os dias, levávamos nossos sanduíches de queijo para a escola e comíamos nas carteiras, no período da leitura silenciosa. Eu me sentava ao lado de Alice Evans, que nunca reclamava de nada, e Annemarie se sentava com Jay Stringer, que ficava alheio ao mundo enquanto lia, mas Colin se sentava ao lado de Julia.

— Sr. Tompkin! — disse Julia na sexta-feira da primeira semana em que trabalhamos na lanchonete do Jimmy. — Colin está comendo na carteira *de novo*. E eu *detesto* cheiro de pickles.

O Sr. Tompkin olhou por cima do livro, arrumou o palito de dentes que tinha no canto da boca e disse:

— Experimente respirar pela boca.

Coisas que não esquecemos

A porta do nosso apartamento estava destrancada quando cheguei da escola naquela sexta-feira, o que era estranho. Era mais do que estranho, na verdade: nunca havia acontecido antes. Mas imaginei que mamãe simplesmente tivesse se esquecido de trancar quando saíra de manhã para trabalhar. Agora parece estúpido dizer isso, mas foi o que pensei na hora.

Quando entrei, no entanto, de repente senti medo, tive a sensação de não estar sozinha no apartamento. Larguei a mochila no corredor e corri para a casa de Sal. Ele foi até a porta, mas abriu-a apenas o suficiente para espremer seu corpo pela fresta.

— Minha porta estava destrancada — expliquei. — Não é estranho?

— É. Talvez você tenha se esquecido de trancá-la — disse ele, e ficou ali, atravessado no meio da porta.

Definitivamente, não estava me convidando para entrar.

— É, talvez. — Eu podia ouvir o barulho da televisão atrás dele, e estava passando um comercial.

— O.k. — Ele olhou para o teto, atrás de mim.

Eu me senti uma idiota.

— O.k. Até mais.

Subi as escadas, preparei uma tigela de cereais com dois dedos de açúcar por cima e liguei a televisão. Mamãe chegou por volta das 18h.

— Você se esqueceu de trancar a porta de manhã — falei.

— O quê? Não esqueci, não.

— Bem, estava destrancada quando cheguei.

— Estava? — Ela começou a andar de cômodo em cômodo, abrindo gavetas e portas de armários, e eu fui atrás.

— Não pode ser — disse ela. — Eu nunca me esqueceria de trancar a porta.

Nada parecia fora do lugar. Ela caminhou até a cozinha e parou.

— Acho que não me *lembro* especificamente de ter trancado a porta, mas sei que nunca a teria deixado *destrancada*...

Mamãe encheu a espagueteira com água, e conversamos sobre outras coisas enquanto ela arrumava a mesa e eu descascava algumas cenouras. Mas volta e meia ela se interrompia para dizer:

— Como posso ter me esquecido de trancar a porta?

Estávamos no meio do jantar quando ela se levantou de repente e saiu do apartamento.

— Mamãe?

Encontrei-a na escadaria, olhando o bocal da mangueira de incêndio.

— Eu sabia — disse ela. — Eu nunca me esqueceria de trancar a porta. Nunca.

A chave havia sumido. Procuramos novamente em todos os cômodos, mas não demos por falta de nada.

— Não faz sentido — disse mamãe diante de sua caixa de joias, olhando as pulseiras de ouro que tinham pertencido à mãe dela. — Por que alguém roubaria a chave, destrancaria a porta e não levaria nada?

* * *

Isso foi na sexta-feira à tarde. Encontrei seu primeiro bilhete na segunda-feira de manhã.

O primeiro bilhete

Seu primeiro bilhete estava escrito em letras miúdas, em um pequeno quadrado de papel cartão que parecia ter sido molhado. Eu estava arrumando a mochila para a escola quando percebi algo saindo do livro que eu pegara na biblioteca e não me dera o trabalho de ler — sobre uma vila de esquilos, ou talvez ratos.

M:

Isso é difícil. Mais difícil do que imaginei, mesmo com sua ajuda. Mas tenho treinado, e a preparação vai bem. Estou vindo para salvar a vida de seu amigo, e a minha.

Peço dois favores.

Primeiro, você precisa me escrever uma carta.

Segundo, por favor, lembre-se de mencionar onde fica a chave de sua casa.

Essa é uma viagem difícil. Não serei eu mesmo quando encontrar você.

Fiquei assustada. Mamãe ficou assustada. Ela tirou a manhã de folga e trocou as fechaduras, mesmo dizendo que “M” poderia ser qualquer pessoa, que aquilo não tinha nada a ver com o desaparecimento da chave e que o bilhete poderia ter sido colocado no livro por qualquer um, provavelmente anos antes, e nunca saberíamos por quê.

— Mas não é estranho? — perguntei. — Nossa chave foi roubada na sexta, e agora, na segunda-feira, achamos um bilhete

perguntando onde ela está?

— É estranho — disse mamãe. Ela colocou as mãos na cintura.
— Mas, se você pensar bem, uma coisa não pode estar relacionada com a outra. Alguém *com* a chave não teria que *perguntar* onde ela está. Não faz sentido.

* * *

Ela estava certa, é claro. A ordem das coisas estava invertida. Mas em algum lugar da minha cabeça começou a soar um sininho. Nem notei a princípio.

Coisas enviesadas

Na segunda semana, Jimmy disse que podíamos começar a servir os clientes.

— Mas primeiro vocês precisam aprender o corte em V — falou. — Muito importante.

Mas ele disse “Plecisam”, puxou os olhos com os dedos e se abaixou fazendo uma reverência. Era a imitação clássica de um chinês. Eu nunca tinha visto um adulto fazer isso. Se mamãe estivesse lá, teria acertado a cabeça dele com uma bandeja de plástico.

— O que em V? — perguntou Colin.

O corte em V era o jeito especial como Jimmy cortava os pães de sanduíche.

— Sempre um ângulo de 45 graus — disse.

Ele era muito sério em relação a isso. Cortava um lado do pão e então, cuidadosamente, deslizava a faca para fora e a enfiava do outro lado.

A parte de cima do pão deveria levantar, formando exatamente um “V”. Por isso Jimmy o chamava de corte em V. Ele deu um pãozinho a cada um de nós e observou enquanto tentávamos cortá-lo. O corte de Annemarie foi perfeito. O de Colin foi passável. O meu, um desastre. Quando levantei a parte de cima, as rebarbas do pão ficaram penduradas, e Jimmy disse que a aparência não estava “atraente”.

— Pode usar esse para o seu sanduíche — disse ele, fazendo cara feia para o meu pãozinho retalhado. — Tente novamente amanhã.

Então Annemarie e Colin colocaram aventais e foram para trás do balcão ajudar os clientes, enquanto eu conferia o pedido de pães nos fundos e saía para comprar guardanapos. Annemarie disse depois que Jimmy podia falar o que quisesse, mas era *ele* quem não estava “atraente” com aquela camiseta branca esgarçada e manchada de amarelo debaixo dos braços. Aquilo me fez sentir um pouco melhor, mas não muito.

Assim que Colin colocou o avental, Jimmy começou a chamá-lo de “moça”.

— Ei, moça, traga um pouco de maionese aqui. Ei, moça, passe-me aquelas bandejas.

Colin só ria, pois é assim que ele é.

Todos os dias daquela semana cortei meu pão assim que cheguei à lanchonete, e todos os dias Jimmy balançava a cabeça negativamente. Colin e Annemarie trabalhavam juntos atrás do balcão. Jimmy tinha começado a chamá-los de casal do balcão e a fazer sons desagradáveis de beijos quando passava por eles, o que deixava Annemarie vermelha, enquanto Colin apenas sorria como um pateta.

Jimmy disse que enquanto eu praticava o corte em V, podia ficar encarregada do chocolate quente. Ele usava pacotes de chocolate quente instantâneo, aos quais só era preciso acrescentar água. Mas ninguém nunca pedia. E acho que ele nem olhava mais para os meus pãezinhos depois dos primeiros dias. Não importava, porque eles estavam cada vez piores.

Coisas brancas

A primeira vez que eu trouxe Annemarie até nossa casa depois da escola, desejei duas coisas. Primeiro, que os garotos não estivessem na frente da garagem. Havia pouco tempo eles tinham começado a me dizer coisas, coisas diferentes, que incluíam palavras como “doçura” e “gatinha”. Mamãe disse que isso acontece com as meninas em uma determinada idade, e que o que os garotos querem é ver alguma reação, de qualquer tipo.

— Não ria, não os chame de cretinos, não saia correndo — disse ela. — Não faça nada. Aja como se eles fossem invisíveis.

Meu segundo desejo era que o homem da gargalhada tivesse ido embora, que estivesse dormindo ou, pelo menos, distraído com outra pessoa ou outra coisa quando nós passássemos.

Chegamos à Broadway.

— Quer parar para tomar um refrigerante? — perguntei.

Annemarie deu de ombros.

— Não, obrigada.

Seguimos para a Amsterdam. Tentei acompanhar a conversa de Annemarie, mas na maior parte do tempo fiquei espremendo os olhos para enxergar o restante do quarteirão. Por milagre, os garotos não estavam na frente da garagem. Agradei em silêncio ao universo, e então cruzamos a rua até minha esquina.

— Anjo! — gritou o homem da gargalhada.

Ele estava olhando para Annemarie, e não pude deixar de pensar que, dependendo da ideia que você tem de paraíso, Annemarie poderia se parecer com um anjo. O casaco dela era bem branco e ia até os pés, mesmo sendo o meio de novembro,

que não era tão frio assim. Como seu pai mantinha aquele casaco tão limpo ainda é um mistério para mim.

— Anjo!

Eu ri. Estava tentando mostrar a Annemarie como era absurdamente *engraçado* ter um sem-teto esquisito bem ali na minha esquina. Meu próprio sem-teto esquisito!

— Rá! “Anjo” — falei. — Essa é nova.

— Anjo! — ele gritou novamente, e agora estava *apontando* para ela.

— Ele está apontando para mim? — perguntou Annemarie, diminuindo o passo.

— Não — respondi, afastando-a o máximo que podia do homem da gargalhada sem jogá-la no meio da rua.

* * *

Quando chegamos lá em cima, aconteceu algo estranho. Depois de viver ali praticamente todos os dias da minha vida, vi nosso apartamento como se fosse a primeira vez. Notei tudo o que normalmente me era invisível: a espuma escapando do sofá em dois pontos, as queimaduras dos cigarros do Sr. Nunzi, a tinta descascada no teto e a mancha escura perto do aquecedor, onde as gotas de água haviam marcado o chão de madeira.

— Com licença — pedi. — Volto já.

No banheiro, olhei para os ladrilhos hexagonais brancos no chão e não vi nada além da sujeira entre eles. Escondi o pote de vaselina de vinte anos de mamãe no armário de remédios, que já foi pintado tantas vezes que não fecha mais.

— Gostei do seu quarto — gritou Annemarie quando saí do banheiro.

Virei-me devagar e olhei para o cômodo, imaginando que tipo de horror veria lá dentro. Mas, na verdade, estava tudo certo: sem cortinas ou carpete, mas com o que é comum, um quarto normal

com uma amiga sentada na cama, que tinha apenas um travesseiro. Eu entrei e fechei a porta.

Quando mamãe chegou, acompanhamos Annemarie de volta a seu prédio. Por sorte, naquela hora o homem da gargalhada estava embaixo de sua caixa de correio. Eu queria que mamãe ficasse surpresa quando o porteiro de Annemarie me chamou de Srta. Miranda, mas ela apenas sorriu para ele.

Deu para perceber que o pai de Annemarie ficou encantado com mamãe — as pessoas sempre gostam dela. Ele nos ofereceu um bolinho polvilhado com açúcar que havia na cozinha, e mamãe comeu dois deles enquanto eu agradei e recusei, pois ainda não havia jantado. Mamãe riu e tossiu um pouco de açúcar, o que fez o pai de Annemarie rir. Olhei o açúcar em sua camiseta e fiquei imaginando que, se ela tivesse alguma ideia de como estava, não riria daquele jeito.

O segundo bilhete

Os pães de sanduíche são entregues na loja do Jimmy de manhã cedo, antes de ele chegar. Ainda vejo o grande saco de papel encostado na porta fechada todos os dias quando vou para a escola. Não coloco os pés na lanchonete desde dezembro, mas adquiri o hábito de olhar para aquele saco, e quando o vejo, sempre acho que estou sentindo o cheiro do pão que está ali dentro, mesmo sabendo que não passa de uma lembrança.

Em novembro, eu contava a encomenda de pães de Jimmy todos os dias, tirando os pães de dois em dois e colocando-os no saco vazio do dia anterior. Lembro-me de ter encontrado seu segundo bilhete no meio do saco, na segunda-feira.

A mesma letrinha esquisita, o mesmo papel enrugado. Mas esse começava com meu nome.

Miranda:

Sua carta deve contar uma história — uma história verdadeira. Você não pode começar agora, pois a maior parte dela ainda não aconteceu. E mesmo depois que acontecer, não precisa ter pressa. Mas não espere muito, pois suas lembranças podem se apagar. Exijo o máximo de detalhes que possa dar. A viagem é difícil, e preciso pedir meus favores enquanto ainda consigo ouvir minha mente.

Mais uma coisa: sei que você mostrou meu primeiro bilhete a alguém. Peço-lhe que não mostre os outros. Por favor. Não estou pedindo por mim.

Li e reli o bilhete. Mas preciso dizer que não tinha ideia do que ele significava... até recentemente. E preciso dizer mais uma coisa: fiquei com medo. Você me assustou de verdade.

* * *

— Você está contando esses pãezinhos ou memorizando-os?

Jimmy estava atrás do balcão, empurrando um pedaço de presunto bem rápido para a frente e para trás no fatiador elétrico, como ele gostava de fazer.

Enfiei o bilhete no bolso e voltei a contar os pães, mas havia me perdido e tive que começar tudo de novo.

Alguns minutos depois, um caminhão de entregas parou em frente à loja, e Jimmy foi falar com o motorista.

— Ei — disse Colin assim que Jimmy fechou a porta —, vamos descobrir o que está no cofrinho do Fred Flintstone.

— De jeito nenhum — falou Annemarie. — Você enlouqueceu?

— Você fica vigiando — eu disse a ela enquanto seguia Colin até a sala dos fundos. Ele já estava com o cofre nas mãos, sacudindo-o, mas quase não havia barulho.

— *Gente* — disse Annemarie. — É melhor não...

— Estamos só olhando! — gritei. — Ande logo — disse a Colin.

Ele estava tentando tirar o tampão de borracha que havia debaixo do cofre.

— Deixe-me tentar — sussurrei.

— Não. Já consegui — disse ele, e o tampão estava em suas mãos.

Batemos as testas tentando olhar dentro do buraco ao mesmo tempo e então juntamos os rostos, algo que eu não esperava fazer. Quase não dava para ver o rosto de Colin daquela posição, mas senti que ele sorria.

— Legal — disse ele. — Está cheio de notas de dois dólares!

Ele estava certo. O cofre estava praticamente lotado de notas de dois dólares, dobradas em pequenos triângulos, com o número “2” aparecendo dos lados.

— Gente, ele está *vindo*! — Annemarie parecia em pânico.

Afastamos as cabeças, e Colin enfiou o tampão de borracha de volta no lugar. Eu estava na frente quando Jimmy abriu a porta para o cara da entrega, que carregava uma pilha de refrigerantes em um carrinho.

— Ei, moça! — gritou Jimmy. — Preciso de você. Isso é trabalho para homem.

— Desculpe. — Colin veio cambaleante, dos fundos, usando seu avental. — Pausa para ir ao banheiro.

Annemarie sorriu para mim enquanto Colin e Jimmy colocavam os refrigerantes na geladeira grande perto da porta.

— Vocês são malucos, sabia? — disse ela.

Eu ainda podia sentir o ponto onde a cabeça de Colin ficara colada à minha.

— Eu sei. O que fizemos foi meio estúpido.

Voltamos para a escola com Colin entre nós duas. Ele andava em zigue-zague e batia os ombros nos nossos, dizendo:

— Boing! Cinco pontos. Boing! Dez pontos.

E nós ríamos como idiotas.

Coisas que afastamos

— Está pronta? — pergunta Richard a mamãe.

Estamos treinando ainda mais agora. Ele se senta em uma cadeira de frente para ela. Eu marco o tempo. Mamãe fecha os olhos, e eu sei que ela está levantando uma pontinha de seu véu. Ela faz um sinal positivo com a cabeça, e nós começamos.

Mamãe diz que todos nós temos um véu que nos separa do restante do mundo, como o que as noivas usam no dia do casamento. Só que esse é invisível. Andamos felizes com um véu invisível no rosto. O mundo fica um pouco borrado, mas gostamos dele assim.

Às vezes, porém, nosso véu é tirado por alguns instantes, como se um vento o soprasse para longe. E quando ele levanta, podemos ver tudo como realmente é, por apenas aqueles poucos segundos antes que o véu volte a seu lugar. Enxergamos toda a beleza, a crueldade, a tristeza e o amor. Mas, na maior parte do tempo, ficamos felizes por não vermos isso. Algumas pessoas aprendem a levantar seu véu sozinhas. Assim, não precisam mais depender do vento.

Ela não quer dizer que haja um véu de verdade. E não se trata de mágica, ou de que talvez Deus esteja olhando diretamente para você, ou que um anjo esteja sentado ao seu lado, nem nada desse tipo. Mamãe não pensa assim. É apenas seu jeito de dizer que, na maior parte do tempo, as pessoas se distraem com as coisas pequenas e ignoram o mais importante. Para jogar no Círculo dos Vencedores, mamãe precisa entrar em um determinado estado de espírito. Ela diz que é como levantar uma pontinha de seu véu, o suficiente para ver mais do que o normal, mas não a ponto de ser

completamente distraída pela vida, pela morte e pela beleza disso tudo. Ela precisa abrir a mente, diz, para que, quando as dicas comecem, possa enxergar o fio que as une. É claro que, se a celebridade que jogar com ela for burra como uma porta, não vai adiantar nada.

* * *

Pensei muito sobre esses véus. Fico me perguntando se, de vez em quando, alguém nasce sem ele. Alguém que veja o mais importante o tempo todo. Como você, talvez.

Coisas que contamos

Um pouco antes do dia de Ação de Graças, Colin e Annemarie estavam atrás do balcão pesando uma pilha pegajosa de peru fatiado em montinhos de 100 gramas, separados por pedaços de papel celofane. Jimmy disse que deveriam fazer o suficiente para uma semana inteira.

— Não vai estragar? — perguntou Annemarie.

— Vai nada. Essa coisa é cheia de conservantes.

Colin lambeu os beijos e disse:

— Hum, hum. Peru químico.

— Cale essa boca — disse Jimmy.

Pela primeira vez, fiquei feliz por contar os pães.

Agora que estávamos lá, Jimmy parecia não ter nada para fazer. Ele se sentava em uma das banquetas presas ao chão em frente à grande janela da frente e ficava me observando com os braços cruzados e as mãos enfiadas debaixo das axilas manchadas de amarelo. Ele já tinha rejeitado meu corte em V daquele dia — o pão esperava por mim em uma bandeja atrás de Annemarie, endurecendo, como sempre. Por sorte, Jimmy nunca limitou a quantidade de maionese que podíamos usar.

— Olhe — disse Jimmy, apontando o queixo na direção da janela. — Lá vai uma de suas amiguinhas.

Do outro lado da rua, Julia andava sozinha com sua mochila de camurça laranja e uma faixa de cabelo do mesmo tecido. Combinar mochilas e faixas de cabelo devia ser a última moda na Suíça, pensei.

— Está falando da Miss Suíça? — Peguei dois pãezinhos e joguei-os no saco que estava aos meus pés. — Ela não é minha

amiga. Nem de longe.

Ele sorriu lentamente.

— Miss Suíça. Essa é boa. — Ele olhou para fora por mais um instante, e depois se levantou. — Você é engraçada, sabia?

Dei de ombros, ainda contando, mas feliz. Um elogio de Jimmy era coisa rara. Quando terminei, dobrei a ponta do saco e o arrastei para seu lugar, atrás do balcão. Jimmy havia desaparecido nos fundos. Annemarie estava rindo de algo que Colin tinha dito.

Desde que nossas testas tinham se tocado, olhar para Colin fazia com que eu me sentisse estranha. Mas era uma estranheza boa, não uma estranheza esquisita.

— Oitenta! — gritei para Jimmy.

Na mosca.

— Mais sorte da próxima vez! — gritou ele de volta.

Colin olhou para mim e deu um sorrisinho, fazendo meu estômago quase flutuar dentro do corpo.

— Ele não vê a hora de a encomenda vir errada, sabe... Você deveria jogar um pãozinho no lixo um dia, só para deixá-lo feliz.

— Não dê ouvidos a ele, Miranda — disse Annemarie. — Ele só está tentando arranjar confusão novamente.

Mas, enquanto ela falava comigo, olhava para Colin com uma expressão engraçada, como se seu estômago também estivesse flutuando.

Coisas complicadas

Annemarie e eu paramos no banheiro do quarto andar antes de voltarmos para a sala de aula depois do almoço. Ela disse que queria lavar as mãos de novo depois de mexer com todo aquele peru.

— Hoje foi divertido — falou, olhando-se no espelho e penteando os cabelos com os dedos. — Queria que tivéssemos mais de quarenta minutos para o almoço.

— Odeio contar os pães — eu disse. — É chato.

Ela riu.

— Pelo menos suas mãos não ficam cheirando a peru químico.

Pelo menos você pode ficar de brincadeira com Colin atrás do balcão, pensei. Sempre tenho que sair para comprar algo, que limpar alguma meleca ou que conversar com o Sr. Manchas Amarelas.

— Vamos — chamei. — Estou faminta.

Julia estava parada do lado de fora da nossa sala, quase como se estivesse nos esperando.

— Ah, não! — Ela suspirou profundamente e apontou para o braço de Annemarie. — Ah, Annemarie, seu suéter azul-turquesa. Seu favorito. Pobrezinha!

E mamãe achava que *eu* era dramática.

Annemarie olhou para a bainha do suéter, suja de mostarda. Eu não tinha ideia de que aquele era seu suéter favorito.

— Isso sai — disse Annemarie. — Meu pai consegue limpar.

Julia encostou-se à parede e arrumou a faixa no cabelo.

— Não entendo por que está trabalhando. Você não precisa de dinheiro. — E parou para me olhar. — E, sem querer ofender, mas

aquele lugar é meio nojento. Vi uma barata lá uma vez.

— Eu gosto de lá — disse Annemarie. — Na verdade, é bem divertido.

— Aquele cara que trabalha lá é repugnante.

— Ele não é repugnante! — falei. — E ele não “trabalha lá” — acrescentei, fazendo aspas no ar. — Ele é o dono.

— Nós não recebemos pagamento — disse Annemarie, com calma. — Ele só nos dá sanduíches.

— E refrigerantes — completei, mostrando meu Sprite.

— Certo — disse Julia, falando apenas com Annemarie, como se eu não existisse. — Como se você pudesse ficar comendo sanduíches e tomando refrigerante.

Annemarie fechou um pouco a cara.

— Ah, é bom.

— Tudo bem — disse Julia. — Deixe para lá.

O Sr. Tompkin veio até a porta.

— Por que vocês três não estão aqui dentro? A leitura começou há cinco minutos.

Enquanto entrávamos na sala, falei baixinho a Annemarie:

— Não é de estranhar que você não queira mais ser amiga dela. Ela é *tão* grossa com você.

Por um instante, Annemarie não disse nada. Depois sussurrou:

— É, às vezes.

Nós nos separamos e fomos para nossos lugares.

O Sr. Tompkin havia deixado um livro em minha mesa. Ele sempre tentava me fazer ler algo novo. Esse tinha a figura de uma menina cheia de atitude na capa e uns prédios atrás dela. Coloquei a menina corajosa de lado, peguei o *meu* livro e abri em uma página qualquer para ver onde eu iria começar.

Meg estava no planeta Camazotz, onde vários menininhos, na frente de suas casas iguais, jogavam com suas bolas iguais. As bolas batiam no chão exatamente ao mesmo tempo, todas as vezes. Então os meninos se viravam no mesmo instante e entravam nas casas idênticas. Menos um deles. Ele estava sozinho do lado de

fora e a bola corria para a rua. A mãe dele saía, muito nervosa, e o levava de volta para dentro.

Estava imaginando como o Sr. Tompkin odiaria a ideia de um lugar onde todas as casas fossem exatamente iguais quando algo me atingiu com força atrás da orelha. Virei a cabeça e vi Julia rindo em silêncio atrás de seu livro. Olhei para o chão e vi o elástico que ela havia atirado em mim. Na minha cabeça.

Achei que estivéssemos apenas irritando uma à outra, mas estava enganada. Era guerra.

Coisas invisíveis

Quando vi Marcus novamente, tive certeza de que ele se lembraria de mim. Eu estava na secretaria porque o Sr. Tompkin me pedira para pegar algumas cópias mimeografadas.

— O motivo pelo qual vocês, crianças, precisam de projetos do sistema de água está além do meu entendimento — disse Rodete enquanto me entregava tudo, sentada em sua cadeira.

— São para a maquete da Rua Principal — expliquei. — Estamos tentando fazer hidrantes que funcionem de verdade.

— Bem, isso deve ser a coisa mais besta que já ouvi — disse ela, e me dispensou com um gesto.

* * *

Amo o cheiro de cópias recém-tiradas. Mamãe diz que tenho atração por cheiros perigosos, e sempre dá como exemplo o fato de eu adorar ficar no meio da nuvem quente dos exaustores das lavanderias a seco e respirar fundo várias vezes. Há algo parecido com comida-que-não-é-comida no cheiro desses exaustores. Ela sempre me tira de perto e diz que tem certeza de que em dez anos descobriremos que aquilo causa doenças horríveis.

Eu estava voltando para as escadas, inalando silenciosamente o cheiro dos 32 projetos recém-copiados do sistema de águas da cidade de Nova York, quando Marcus veio descendo, lendo um livro.

— Ei — chamei, mas ele passou direto por mim, passou pela secretaria e foi até o consultório do dentista.

De volta à sala, distribuí os projetos como o Sr. Tompkin havia pedido. Rasguei sem querer a folha de Julia antes de entregar a ela e a amassei um pouco, sem querer também. Alice Evans estava se contorcendo em sua cadeira, como se dançasse a hula-hula. Revirei os olhos. Não é de estranhar que ela seja a única aluna do sexto ano que precisa trazer uma muda de roupas extra para a escola.

Coisas às quais nos apegamos

Segundo Jimmy, há uma nota de dois dólares em circulação para cada doze notas de um dólar.

— Mas as pessoas ficam com elas — disse ele, enquanto eu colocava meu casaco para ir até a loja. A lâmpada que fica sobre a pia da sala dos fundos havia queimado, e Jimmy não tinha outra. — As pessoas acham que as notas de dois dólares são especiais. É por isso que não se vê muitas delas por aí.

É, pensei. Pessoas como você! Mas fiquei quieta, porque eu não deveria saber o que ele guardava no cofrinho do Fred Flintstone.

— Mas eles odeiam essas notas na A&P. Não há espaço na caixa registradora para as notas de dois dólares. Eles têm que tirar a bandeja e guardá-las embaixo. E sempre esquecem que elas estão lá. Por isso você precisa pedi-las.

— Certo — falei. — Vou pedir.

* * *

Annemarie estava atrás do balcão usando seu avental, toda feliz. Algumas crianças da escola haviam entrado — clientes pagantes — e ela estava escrevendo o nome delas com maionese nos sanduíches antes de colocar a parte de cima dos pães, cortados em um “V” perfeito. Colin estava a seu lado, fazendo a mesma coisa. Annemarie fez um gesto me chamando. Notei que ou ela estava com muito calor, ou estava usando maquiagem.

— Vou perguntar ao Jimmy se podemos comer almôndegas no almoço — cochichou ela. — Já que amanhã é dia de Ação de Graças.

— Ótimo — respondi, embora não achasse aquelas almôndegas muito melhores que meu sanduíche de queijo de sempre. Elas ficavam ali na panela dia após dia.

— Volto já — disse a ela. — Se alguém pedir chocolate quente, diga que esperem por mim.

* * *

Não havia nenhuma nota de dois dólares na A&P, e quando voltei para a lanchonete do Jimmy com as lâmpadas, as crianças tinham ido embora e Julia estava parada em frente ao balcão de sanduíches. Annemarie e Colin já haviam começado a preparar seus almoços. Imaginei que Jimmy tinha negado as almôndegas, porque eles estavam pegando queijo.

Julia, que fingiu não me ver entrar, parecia estar no meio de um longo discurso sobre queijo processado não ser queijo de verdade, estritamente falando. Vi seus dedos longos gesticulando na direção do falso queijo e soube instantaneamente que seu corte em V seria impecável, que segunda-feira ela já estaria atrás do balcão com Annemarie e Colin, e que o avental, o mesmo que ficava largo e cinza em todo o mundo, de alguma forma ficaria perfeito nela. Ela acharia uma forma de ajustá-lo para servir, algum truque que uma garçonete de Paris lhe ensinara.

Então Jimmy veio dos fundos segurando uma pilha de bandejas de plástico molhadas.

— Você — ele apontou para Julia com uma braçada de bandejas. — Fora. Já avisei uma vez.

Julia tirou a mão da bancada de preparação. Annemarie corou:

— Só estamos conversando — disse. — Não tem nenhum cliente aqui no momento.

— Na verdade, *eu* sou uma cliente — disse Julia cruzando os braços. — Vim comprar um sanduíche. Tenho dinheiro. — Ela levantou sua bela bota de forma que a ponta de couro verde ficou apontada para o teto.

— Fora — disse Jimmy, praticamente rosnando. — Agora.

Depois que ela saiu, fingi concordar com Annemarie sobre ele ser um pouquinho louco, mas ao voltarmos para a escola com nossos sanduíches de queijo e alface, levei comigo um sentimento aconchegante. Jimmy podia ser resmungão, mas ele percebera direitinho quem era Julia, assim como eu.

Coisas salgadas

Na segunda-feira depois do dia de Ação de Graças não tem aula, mas mamãe precisa ir trabalhar. Tenho tentado não pensar nisso, mas passei parte da manhã preocupada com seus bilhetes. Peguei um em cada mão e reli várias vezes. A parte sobre escrever uma carta não era tão assustadora. O assustador era: “Estou indo salvar a vida de seu amigo”, “Ah, por sinal, onde você guarda suas chaves?” e “Mais uma coisa: nunca conte a ninguém sobre nada disso”. Ver meu nome escrito no segundo bilhete também me deu bastante medo, porque eu ainda estava tentando fingir que eles não eram realmente para mim. E também onde você escreveu “Não serei eu mesmo quando encontrar você”. Não gostei nada dessa parte.

Pensando bem, havia muitas partes assustadoras.

Depois de um bom tempo, coloquei os bilhetes de lado e liguei a televisão. Estava assistindo à TV havia duas horas quando ouvi a batida habitual de Louisa.

— Entrega de batata chips — disse ela quando abri a porta.

Ela estava de uniforme, segurando um saco plástico.

Louisa sempre traz para a mamãe comida da casa de repouso onde trabalha. Ela não rouba — são sobras do almoço, geralmente saquinhos de batata chips ou biscoitos em forma de animais. O departamento de saúde diz que quando algo foi servido em uma bandeja, tem que ser jogado fora mesmo que não tenha sido tocado por ninguém. Então Louisa traz todos os saquinhos para casa e dá para a mamãe, que os leva para o “grupo de aconselhamento” de presidiárias grávidas que ela coordena no centro.

Uma vez por mês, mamãe pega o metrô até a prisão e fala com criminosas grávidas sobre o que esperar depois que tiverem seus bebês. Todas acham que ela é algum tipo de santa por lhes dar batatas chips e biscoitos em forma de animais. Mamãe diz que a cadeia é um lugar duro, e que pode deixar as pessoas duras também.

— Aquele lugar muda as pessoas — disse-me uma vez. — A cadeia as impede de serem quem elas cresceram para ser.

— Mas não é essa a ideia? — perguntei. — É para impedi-las de serem criminosas!

Ela balançou a cabeça.

— Não foi isso o que quis dizer. Muitas pessoas cometem erros feios. Mas ficar na cadeia faz com que elas pensem que aquele erro é tudo o que são. Como se não fossem mais pessoas.

Mamãe leva batatinhas e biscoitos para ajudar de alguma forma. Não são bem os biscoitos, diz. É o fato de alguém levá-los.

Peguei os saquinhos plásticos com Louisa.

Ela sorriu para mim.

— Sabe de uma coisa? Você está mais alta.

Eu me encostei no batente da porta.

— Você acha?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Sinto sua falta, Miranda.

Foi a primeira vez que alguém disse algo sobre o fato de eu nunca mais ter ido àquele apartamento.

— É...

Ouvir Louisa dizer que sentia minha falta me deixou, por algum motivo, desconsolada. Quando ela saiu, deitei no sofá com a TV desligada e os olhos fechados, e ouvi o barulho da bola de basquete de Sal. Foi a primeira vez que aquilo fez com que eu me sentisse melhor. Aquele barulho era o último fio que nos conectava.

* * *

Mamãe não falou muito durante o jantar. Ela ainda estava com as roupas de trabalho — uma saia jeans e uma camiseta com a figura de uma xícara de café e, embaixo, a frase *Pegue um para você*. Richard havia trazido morangos para a sobremesa.

— Droga. — Mamãe largou um morango. — OFMs novamente.

— Aposto que as uvas estão deliciosas. — Dei um sorrisinho falso.

— Não comece, Miranda. Tive um dia péssimo.

— Teve? — Richard levantou as sobrancelhas. — Eu não sabia.

— Como você ia saber? — perguntou mamãe. — Ficou no tribunal o dia todo. Não significa muita coisa para você se a copiadora quebra, significa? Alguém pediu que *você* datilografasse três cópias de um documento de dezesseis páginas?

Richard encolheu os ombros.

— Mas agora já passou. Terminou. Para que deixar isso estragar toda a nossa noite?

— Ah, dane-se, Sr. Perfeito! — Mamãe saiu batendo o pé e foi para o quarto sem nem ao menos dar a ele a chance de dar um tapinha no joelho direito.

Richard olhou para mim.

— O que o zero falou para o oito?

Revirei os olhos:

— Belo cinto!

Ele vinha contando essa desde o ano passado.

* * *

Mais tarde, mamãe enfiou a louça na pia, abriu a torneira e foi trocar de roupa. Fiquei ali parada observando a frigideira engordurada transbordar nos pratos que estavam embaixo. A água oleosa refletia a luz e fazia tudo aquilo parecer uma fonte brilhante. Às vezes sou capaz de ficar olhando para algo assim por muito tempo.

Mamãe voltou usando moletom e começou a lavar a louça. Abri meu livro de matemática sobre a mesa da cozinha. Um minuto depois, Richard entrou e disse:

— Não deixei um par de sapatos sociais aqui há alguns meses? Sei que estavam no armário, mas não os acho em lugar nenhum.

Mamãe teve um estalo.

— Eu sabia. Eu sabia.

Havíamos sido roubadas, afinal de contas.

Coisas que fingimos

Na segunda-feira após o dia de Ação de Graças não pudemos sair do refeitório da escola para almoçar. O cara pelado estava de volta, correndo pela Broadway, e não deixaram nenhuma criança sair do prédio.

— Até que é legal correr por aí como se veio ao mundo! — Colin gritou para nós a caminho de uma mesa cheia de meninos.

Annemarie deu uma risadinha. Eu podia ver Sal lá. Ele olhou em nossa direção, mas fingiu que não me viu.

Observei os meninos por alguns segundos, um tentando falar mais alto do que o outro. Sal fazia isso também. De vez em quando eu ouvia a voz dele e me lembrava de uma brincadeira que costumávamos fazer no ônibus quando íamos para a piscina pública. Sal segurava a barra metálica do ônibus e eu colocava a mão logo acima, daí ele tirava a mão e colocava logo acima da minha, e eu colocava a minha acima da dele, até ficarmos na ponta dos pés, segurando a barra lá no alto. Normalmente, algum adulto nos mandava parar de brincar, pois o ônibus estava lotado e um de nós podia cair e derrubar alguém.

Annemarie estava brincando com a comida. A pior parte de ficar na escola na hora do intervalo era ter que comer a comida de lá, que era nojenta.

— Será que Jimmy vai contar a encomenda de pães sozinho? — questionei. — Aposto que não. Acho que ele gosta de me fazer contá-los.

Ela confirmou com a cabeça.

— Para você ter algo para fazer.

— Nossa, muito obrigada. — Joguei nela o canudinho do meu leite.

— Ei! Eu não quis dizer...

— É claro que não!

E então seu sorriso se desfez. Ela ainda estava me olhando, mas algo havia mudado, como se um interruptor dentro dela tivesse sido desligado. Como se ainda estivesse lá, mas fazendo outra coisa em sua cabeça.

— Annemarie?

— Pare. — Julia estava parada atrás de mim com uma caixinha de leite na mão. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela se sentou ao meu lado no banco, ainda olhando fixamente para Annemarie. — Ela vai ficar bem em um minuto.

— Mas o que há de errado com ela?

— Apenas espere — Julia não havia nem olhado para mim, seus olhos não se desviavam do rosto de Annemarie.

Annemarie mexeu um pouco a cabeça. Apoiou o braço na mesa, piscou e falou:

— O quê? — como se não tivesse entendido algo que eu dissera.

— Você está bem? — perguntei.

Julia acertou meu joelho embaixo da mesa.

— Não faça perguntas — sussurrou.

Só então Annemarie notou a presença dela.

— Oi, Julia — disse, e um sorriso tomou seu rosto.

Julia sorriu de volta.

— Oi. — E depois virou-se para mim: — E então, Miranda? Como está indo o parquinho? Para a maquete da Rua Principal...

Julia queria falar sobre a Rua Principal? Naquela hora?

Ela me olhou nos olhos:

— Fiquei sabendo que sua proposta foi aprovada. Parabéns.

Parabéns?

— Hum, obrigada.

— Vai ter balanços? Como você vai fazer?

Comecei a entender que Julia estava me mostrando algo, ensinando-me a ajudar Annemarie.

— Com cliques de papel — disse a ela. — Estou usando os cliques para fazer as correntes dos balanços e vou cortar pedaços de borracha de pneu para os assentos.

Julia concordava com a cabeça.

— Parece ótimo — disse ela.

Quase consegui nos imaginar como amigas, tendo aquela conversa para valer.

— O que mais? — perguntou ela.

— O quê?

Ela parecia irritada. Eu não estava agindo rápido o suficiente.

— No parquinho. O que mais vai ter?

— Ah... bem... gangorras. Com certeza, gangorras.

E então Annemarie falou:

— Sabe, tem uma madeira chamada balsa, que seria perfeita para as gangorras. É bem fácil de cortar. Acho que meu pai até tem um pouco.

— Sério? — perguntei. — Seria ótimo. Podíamos pintá-las de laranja, como as do parque Riverside.

— Isso! — disse Annemarie. — Podemos começar a fazer na minha casa. Talvez hoje mesmo, se você quiser. — Ela olhou para Julia: — Quer ir? Começar a fazer as gangorras da Miranda?

Antes que Julia pudesse responder, eu disse:

— Não tem pressa. O projeto acabou de ser aprovado. Podemos começar semana que vem. De qualquer forma, Annemarie, você vai para a minha casa hoje, lembra?

Senti Julia se afastando.

— Até mais, meninas — disse ela e se levantou.

— Tchau! — respondi.

Annemarie olhou para ela:

— Tchau, Julia.

Alguns minutos depois, os alto-falantes anunciaram que Annemarie deveria comparecer à enfermaria.

Ela deu de ombros, sorriu e saiu andando, dizendo:

— Volto em um minuto.

Mas não voltou.

Coisas que racham

Do lado de fora da sala de aula, Julia esperava por mim com as mãos na cintura.

— Meu Deus, você é uma idiota. Você é uma idiota, sabia?

— *Eu sou uma idiota?*

— Annemarie está comendo todo aquele pão naquele emprego idiota que você arrumou para ela. Ela não deveria comer nada disso. Idiota.

— Não fui eu quem arrumou o emprego para... Nem sei do que você está falando!

— Ela tem epilepsia, idiota. Sua completa idiota! O pai dela prepara uma dieta especial. Ele faz comida especial. Ela não pode comer pão nem tomar refrigerante.

— Não pode?

— Não. Não pode. Idiota. E, por sinal, qual é o seu problema comigo? Eu realmente gostaria de saber.

— O quê?

— Seu problema. Comigo. Qual é?

— Além de você ter me chamado de idiota seis vezes no último minuto? Além de você ter jogado um elástico na minha cabeça?

Ela ignorou tudo aquilo como se eu estivesse falando de detalhes bobos.

— Estou me referindo a bem antes disso. Você sempre me odiou. Você me olha de cara feia desde, sei lá, o terceiro ano! Agora vai fingir que é mentira?

Eu a encarei. Senti algo que havia começado no meu estômago subir para o rosto, e sabia que quando chegasse lá, eu ia ficar bem vermelha e ouvir algo como o oceano dentro de uma concha, que é o que acontece quando fico em uma situação difícil. Se não choro, fico vermelha e escuto o oceano. É perder ou perder.

— Do que você está falando? — perguntei.

— Não tenho ideia — disse ela. — Realmente não tenho. Mas uma pessoa sabe quando alguém a odeia. Pelo menos eu sei!

Ela levantou o braço e seu pequeno relógio prateado voou do pulso e foi parar no chão, fazendo um barulho. Um barulho agudo, de algo se quebrando.

O precioso relógio. Não sinto orgulho disso agora, mas aquele som, que ecoou pelo corredor inteiro, me deixou feliz. Mordi meu lábio inferior para não rir.

Julia se abaixou para pegar o relógio. Achei que ela começaria a chiar, mas apenas o pegou nas mãos e olhou para ele. Uma série de pequenas rachaduras cobria a parte da frente, como uma teia de aranha.

— Ah, que ótimo. — Ela estufou as bochechas e soltou o ar devagar. — Este dia está uma droga — disse, e depois foi embora.

* * *

Na volta para casa, peguei-me novamente caminhando meio quarteirão atrás de Sal. Já sabia que não adiantava correr e alcançá-lo: ele só ia ficar olhando para seus tênis sem falar nada. Então fiquei observando enquanto ele andava com seu gorro azul-marinho, balançando a cabeça como sempre faz quando anda. Acho que ele pensa que aquele gorro o faz parecer durão, pois o afunda até cobrir as sobrancelhas.

Então Marcus saiu pela porta amassada ao lado da garagem, usando aquele casaco verde do exército de sempre, e começou a descer o quarteirão na direção de Sal.

Mesmo meio quarteirão atrás, pude ver Sal contrair o corpo e diminuir a velocidade. Eu sabia o que ele estava fazendo. Estava procurando uma saída. Será que ele ia fingir que precisava atravessar a rua de repente? Que acabara de lembrar que precisava comprar alguma coisa no mercado da Belle? Mas era um pouco tarde. Marcus estava quase chegando.

Eu poderia tê-lo chamado naquele momento. Seria fácil. Ele teria uma desculpa para se virar e se afastar de Marcus. E então Marcus poderia parar e falar comigo por um instante, e Sal veria que estava tudo bem. Ele perderia o medo de Marcus na hora. Pensei muito nisso, porque percebi que teria mudado tudo o que aconteceu depois.

Em vez disso, porém, eu observei. E o que Sal fez foi se abaixar e fingir que amarrava os sapatos. Era um pedido de misericórdia. Abaixar para amarrar o sapato era como dizer: “Não posso brigar, não posso correr, curvo-me diante de você.” Além disso, caso fosse atingido mesmo assim, podia proteger partes importantes do corpo. Continuei andando enquanto Sal se agachava na calçada e Marcus passava sem nem mesmo notá-lo. E então Marcus passou direto por mim.

Coisas que deixamos para trás

— Adivinhe só? — disse Annemarie quando liguei para a casa dela à noite, para ver se estava bem. — Alguém deixou uma rosa aqui na porta.

— Para você?

— Não sei... talvez.

Claro que era para ela. Para quem mais seria?

— Havia algo junto? Um cartão?

— Não. Só a rosa. — A voz dela estava aguda e empolgada. — Estranho, né? Imagino que...

— Ei, posso fazer uma pergunta? Você não pode comer pão?

Ela ficou em silêncio.

— Não é por nada, mas a Julia falou...

— Não — interrompeu-me ela. — É importante. Eu devia ter contado. Tenho epilepsia...

— Ah.

— E não posso comer pão nem amido. É uma dieta maluca sobre a qual meu pai leu, mas funciona de verdade. Geralmente fico bem. As pessoas nem sabem que tenho essa doença, porque há anos quase não tenho convulsões.

— Foi isso o que aconteceu hoje?

— Sim. Eu meio que dei um tempo na dieta. Foi legal trabalhar na lanchonete do Jimmy com vocês, comer o que eu quisesse sem ninguém para me olhar de cara feia ou dar sermão.

Mas alguém lhe havia passado um sermão: Julia.

— Você ainda pode trabalhar com a gente. É só não comer aquela comida ruim.

Ela riu.

— Eu sei. Na verdade, meu pai faz meu almoço todos os dias. Tenho jogado no lixo no caminho para a escola. Ele está bastante zangado.

Aquilo era difícil de imaginar.

— Bem, mas minha mãe encontrou a rosa na nossa porta quando chegou do trabalho. É perfeita. Estranho, não?

Deixei que ela falasse um pouco mais sobre quem poderia ter deixado a rosa lá, e por quê. Eu sabia que ela queria que eu dissesse que provavelmente teria sido Colin, mas não consegui pronunciar aquelas palavras.

O terceiro bilhete

A manhã seguinte foi o primeiro dia realmente frio de dezembro.

— Você precisa usar o casaco com capuz — gritou mamãe da cama. Sua voz nunca era normal antes do café. — Olhe no armário da frente.

Ela parecia achar muito útil ficar na cama ouvindo o rádio e repetindo os boletins do tempo. Eu não conseguia deixar de pensar que, em meu livro, a mãe de Meg preparava uma torrada para ela todas as manhãs. Ela também era mãe solteira, pois o pai de Meg estava preso do outro lado do universo.

Encontrei o casaco, ainda marcado com o cinza da neve suja do ano anterior, e o vesti. Estava um pouco justo, mas serviu.

— Onde estão minhas luvas? — perguntei.

— Não tenho ideia. Desculpe-me.

— Posso pegar dinheiro?

— No bolso do meu casaco.

Procurei no casaco e encontrei em um bolso uma nota de cinco dólares e três de um, e no outro seu cachecol listrado, enrolado. Peguei as notas de um dólar e o cachecol.

— Tchau!

* * *

O homem da gargalhada ainda estava dormindo com a cabeça embaixo da caixa de correio. Ele achara um pouco de papelão para forrar o piso, mas, ainda assim, devia estar congelando. Algumas

manhãs, eu via crianças batendo na caixa de correio e gritando: “Acorde, Chutador!” Esperei que ninguém fizesse isso naquele dia.

Observei minha respiração virar fumaça e corri até a escola. O sol tinha saído, mas ainda não estava quente. Enfiei as mãos nos bolsos e senti um monte de lenços de papel velhos. Eca. E os três dólares. E mais alguma coisa. Um pequeno pedaço de papel dobrado ao meio.

Tirei-o do bolso.

Reconheci sua letrinha miúda novamente, toda tremida e com aquelas voltas estranhas que você coloca no alto do T e do L.

Você vai querer uma prova.

Hoje, às 15h: Mochila do Colin.

Dia de Natal: Tessere bem.

27 de abril: Estúdio TV-15.

P.S.: Há um motivo para bocejarmos. Bocejos arejam o cérebro, levando ar pela cavidade nasal, o que intensifica o estado de alerta.

O bilhete estava escrito num papel igual ao dos dois primeiros, molhado e seco.

Hoje, às 15h: Mochila do Colin. Eu não tinha ideia do que isso poderia significar, nem de como você conhecia Colin.

Dia de Natal: Tessere bem. Esse tinha alguma coisa a ver com meu livro. “Tesseract” significava viajar pelo espaço, pelo tempo ou pelos dois. Foi como Meg chegou a Camazotz, o planeta onde seu pai era prisioneiro. Mas não tinha nada a ver com Natal, até onde eu sabia.

27 de abril: Estúdio TV-15. Vinte e sete de abril era o aniversário de Richard. Mas é claro que em dezembro eu ainda não tinha ouvido falar do Estúdio TV-15, já que mamãe não havia recebido o cartão postal de *A Pirâmide de 20 Mil Dólares* até algumas semanas atrás.

Acho que foi o “P.S.” que me assustou mais. Pensei no dia em que Sal apanhou, quando eu carregava para casa meu cartaz dos

Mistérios da Ciência.

Li o bilhete várias vezes, até minhas mãos começarem a congelar e eu ter que colocá-las de novo no bolso. Não fazia sentido. A única coisa que o bilhete realmente me ajudou a entender foi que você estava me observando. E eu não tinha ideia de onde você estaria. Ou do que queria.

Eu estava quase chegando à garagem quando Marcus saiu pela porta bem na minha frente. Ele vestia a costumeira jaqueta verde do exército, mas usava luvas e um gorro até as orelhas. Esperava que me ignorasse como sempre fazia, mas, em vez disso, ele acenou e começou a andar ao meu lado.

Coisas que não fazem sentido

Marcus e eu chegamos à Broadway sem dizer nada. Eu estava pensando.

— Pensei em uma pergunta para você — falei finalmente.

— Certo.

— Digamos que eu construa uma máquina do tempo. — Esperei para ver se Marcus ia rir, mas ele fez apenas um gesto positivo com a cabeça e ficou pensativo. — E digamos que eu decida voltar para a quarta-feira passada. Digamos que eu queira ir ao cinema enquanto a “outra eu” ainda está na escola.

— Certo.

Expirei uma grande nuvem branca.

— Eu não vou *chegar* na quarta-feira passada até sair daqui certo? Quer dizer, não vou saber se realmente chegarei lá até realmente *chegar* lá.

— Certo. Na *sua* experiência, você não saberá se realmente chegou lá até sair daqui. Quer dizer, a não ser que se lembre de ter visto você mesma na rua, ou algo do tipo. Ou poderíamos perguntar ao bilheteiro do cinema — ele falava sério.

— O quê?

— No cinema. A qual deles você está planejando ir? Porque podemos perguntar ao bilheteiro se você esteve lá. Então saberemos se chegará ou não.

— Mas eu ainda não saí daqui! Ainda nem construí a máquina do tempo.

— E daí? Não importa quando você *sai*. Só importa se *chegou* lá. Espere. Esqueça o que eu disse. Importa, sim, quando você sai.

Porque se você só sair daqui a cinquenta anos, mesmo que *tenha estado* lá, o bilheteiro provavelmente não vai reconhecê-la.

— Do que está falando?

— Bem, digamos que você termine de construir sua máquina do tempo daqui a cinquenta anos. Você estará com...

— Sessenta e dois — falei.

Estávamos em frente à escola, esperando o sinal ficar verde para atravessarmos a rua. Eu podia ver garotos vindo de todas as direções, agasalhados com gorros e cachecóis.

— Certo, então digamos que você tenha 62 anos, entre na máquina e volte para a quarta-feira passada, dia tal de dezembro de 1978. Você vai ao cinema. O bilheteiro vai ver uma mulher de 62 anos, certo?

— Certo — concordei, e até então tudo fazia sentido.

— Então, se passarmos no cinema hoje e perguntarmos a ele se a viu na quarta-feira passada, ele dirá que não. Porque o bom-senso dirá a ele que você não pode ser aquela mulher de 62 anos e ela não pode ser você. Entendeu?

Fiz que não com a cabeça.

— Se perguntarmos *hoje*, ele pode não ter me visto mesmo. Porque eu ainda não estive lá. Porque ainda não *voltei no tempo*.

— *Ai* — disse uma voz atrás de nós. — Não é tão complicado.

Virei-me e vi Julia usando um casaco longo. Ela estava parada bem atrás da gente, esperando para atravessar.

Marcus a ignorou e olhou para mim.

— Ainda está pensando naquele livro? Nas crianças e em vê-las aterrissando em cima dos brócolis?

Eu não disse nada. Não queria que Julia ouvisse mais daquela conversa.

— Pense nisso dessa forma — disse Marcus, alheio ao jeito como ela nos olhava —, o tempo não é como uma linha que se desenrola à nossa frente e vai apenas em uma direção. Ele é... Bem, na verdade o tempo é uma construção...

— Olhe — disse Julia, interrompendo-o. — Se realmente precisa entender o que ele quer dizer, *eu explico*.

Isso vai ser bom, pensei. Julia vai explicar a natureza do tempo. Virei para trás e olhei para ela.

— Certo. Vá em frente.

Ela tirou uma das luvas — eram daquelas bonitas, macias, amarelo-claras — e puxou um anel do dedo.

— Acho que o tempo é como isto — disse, segurando no alto o anel, que era dourado, todo cravejado de...

— São *diamantes*? — perguntei.

— São brilhantes. — Ela deu de ombros. — Veja. É como se cada momento do tempo fosse um brilhante do anel. Imagine um anel realmente grande, todo contornado com brilhantes. Cada brilhante seria um momento. Entendeu?

Marcus ficou em silêncio, só olhando para ela.

Eu ri.

— O tempo é um anel de brilhantes! — zombei. — Isso explica tudo. Muito obrigada.

— Quer ficar quieta e prestar atenção? Se você descobrisse uma forma de viajar no tempo, provavelmente por algum tipo de teletransporte, de algum jeito estaria, na verdade, *recriando* seus átomos, e não os movendo fisicamente, eu acho. Isso seria bem difícil...

— Podemos não pensar nessa parte agora? — propus. — Estou congelando.

Ainda estávamos parados na frente da escola, mas o semáforo já havia ficado verde uma vez e voltado a ficar vermelho.

— Certo. Veja dessa forma: é como se pulássemos de um brilhante para o outro, como nos desenhos animados, quando alguém corre sobre um barril, tentando ficar no alto. Temos que continuar nos movendo, não há outra opção.

— Agora estamos em um desenho animado, em cima de um barril?

Ela suspirou e balançou a cabeça.

— Certo, esqueça isso. Vamos nos concentrar no anel. — Ela o levantou novamente. — Vamos supor que estejamos aqui. — Ela apontou com a unha para um brilhante — E descobrimos uma

forma de voltar até aqui. — Ela apontou para outro, a alguns brilhantes de distância. — Não importa de onde viemos. Se estamos nesse brilhante, estamos nesse momento. Não importa se viemos do brilhante logo atrás dele, ou de dez à sua frente. Se estamos lá, estamos lá. Entendeu?

— Não, não entendi, porque o que você está dizendo não faz nenhum...

— Eu entendi — disse Marcus, baixinho. — Eu sei o que ela quer dizer.

— *Muito obrigada!* — disse Julia. — Fico feliz por *alguém* aqui ter um cérebro. — E saiu batendo os pés com o sinal ainda vermelho, enquanto Marcus a olhava.

Eu me virei para ele.

— Então você está dizendo que esse *brilhante* está lá, na dele, cuidando da vida, e então de repente um monte de crianças aterrissa na “plantação de brócolis” do brilhante...

O rosto de Marcus se iluminou.

— Pare. Entendi seu problema! Você está pensando que o tempo existe no brilhante em si. Mas não existe. Cada momento, cada brilhante, é como uma fotografia.

— Uma fotografia do quê?

— De tudo, de todo lugar! Não há tempo em uma fotografia, certo? É o ato de *pular* de um brilhante para o outro que chamamos de tempo. Mas, como eu disse, o tempo não *existe* de verdade. Como aquela menina acabou de dizer, um brilhante é um momento, e todos os brilhantes do anel estão acontecendo *ao mesmo tempo*. É como ter uma gaveta cheia de fotografias.

— No anel — falei.

— Sim! Todos os brilhantes existem ao mesmo tempo! — Ele parecia triunfante. — Então, se você pular para trás, está naquele momento, está *naquela fotografia*, e sempre *esteve* lá, sempre *estará* lá, mesmo que ainda não saiba.

Não entendi uma palavra daquilo. E não estava mais sentindo meus pés.

— Esqueça — desisti. — Essa história está me deixando maluca.

Ele fez um gesto com a cabeça como se sentisse pena de mim e do meu cérebro burro.

— Acho que deve ser culpa do seu senso comum. Você não consegue aceitar a ideia de chegar antes de partir, a ideia de que cada momento está acontecendo ao mesmo tempo, que somos nós que nos movemos...

Já era suficiente. Eu o interrompi.

— Por que você bateu no Sal? — perguntei.

— Em quem?

Ele parecia completamente perplexo, como se eu tivesse mudado de um assunto normal para algo muito insano, e não o contrário.

— Meu amigo Sal. Você deu um soco no estômago dele sem motivo algum. Na frente da garagem. E depois acertou a cara dele.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Sim — disse. — É verdade. Mas, não... *Houve*, sim, um motivo.

— Até parece... Sei que ele nunca fez nada a você.

Comecei a tremer de verdade, mesmo com as mãos enfiadas nos bolsos e o cachecol da mamãe enrolado na cabeça.

— Eu *bati* nele por uma razão — disse Marcus. — Você está pedindo uma justificativa. Não estou dizendo que foi certo. Só estou dizendo que tive um motivo para fazer aquilo. Meu próprio e estúpido motivo.

Eu o encarei:

— E qual foi?

Ele olhou para baixo e encolheu os ombros.

— O mesmo por que faço quase tudo. Eu queria ver o que aconteceria.

— O que você quer dizer com “o que aconteceria”? O nariz dele começou a sangrar, foi isso o que aconteceu! E ele quase vomitou.

— Além disso, além das coisas normais... — Ele bateu a ponta de um dos sapatos na calçada. — Foi burrice. Muita, muita burrice.

— E?

— E o quê?

— E *aconteceu* alguma coisa? Além do normal?

Ele balançou a cabeça.

— Não... não que eu saiba.

Eu ia dizer que ele estava errado, que outras coisas *havam* acontecido, como Sal ter fechado a porta na minha cara naquela tarde para não abrir nunca mais, porém notei o homem da gargalhada descendo o quarteirão atrás da gente. Nunca o tinha visto perto da escola. Ele estava curvado, balbuciando coisas e olhando para os pés, de olho na lata de lixo perto de Marcus.

O homem da gargalhada não viu que estávamos parados lá até quase atropelar Marcus. Quando ele finalmente olhou para cima, xingou, deu meia-volta e seguiu na outra direção, correndo como se estivesse disputando uma prova.

Observamos enquanto ele corria de volta para a Broadway e desaparecia na esquina.

— Aquilo foi estranho — falei.

— Foi — concordou Marcus. — E é a segunda vez que acontece.

A primeira prova

— Eu não falei? — disse Jimmy no almoço, naquele mesmo dia, batendo alegremente no balcão com as duas mãos. — Eles não acham que as pessoas contam mesmo os pães. Nem em um milhão de anos achariam que alguém os conta!

A encomenda de pães viera com dois a menos. Contei duas vezes para ter certeza.

Jimmy foi até o telefone com um grande sorriso no rosto.

— Você fez o dia dele — sussurrou Colin. — Talvez a semana.

Ele estava dobrando fatias de presunto e arrumando-as sobre pequenos quadrados de papel celofane.

Observei os dedos de Colin enquanto pegava cada pedaço de presunto. Ele não os dobrava simplesmente ao meio como vi Jimmy fazer. Colin dobrava cada fatia quase na forma de um belo leque. Quando comecei a olhar, não consegui mais parar. Era, de alguma forma, hipnotizante.

— Falei com Annemarie ontem à noite — comentei. — Acho que amanhã ela volta para a escola.

Colin fez um gesto positivo com a cabeça.

— Legal.

Era difícil imaginá-lo se escondendo para deixar uma rosa na porta de alguém, mas acho que às vezes os garotos podem nos surpreender.

— Ei — disse ele de repente —, sabe de uma coisa? Estou cheio de comer sanduíches de queijo com alface. — Ele olhou, culpado, para Jimmy, que ainda estava ao telefone falando sobre os pãezinhos que faltavam. — Quer sair para comer um pedaço de pizza?

Agimos como se estivesse tudo normal, fizemos nossos sanduíches e os embrulhamos como se planejássemos comê-los na escola. E então corremos para a pizzaria da rua de baixo. Parece loucura, mas foi como se estivéssemos fazendo algo errado. Voltamos para a escola enfiando pizza na boca e nos abaixamos ao passarmos pela janela de Jimmy, para que ele não pudesse nos ver. Não sei por quê, mas ficamos tão empolgados que ainda tínhamos o que mamãe chama de ataques de riso quando chegamos à escola.

Acho que entramos com tudo na sala de aula, porque todos interromperam a leitura silenciosa para nos olhar. Julia revirou os olhos.

— Vocês estão atrasados de novo — disse o Sr. Tompkin, e então toda a nossa histeria se esvaiu e fomos pegar os livros.

* * *

Sentei com o livro aberto sobre a mesa, pensando no bilhete no bolso do meu casaco: *Hoje, às 15h: Mochila do Colin*. Sua primeira “prova”. Eu tinha que olhar dentro da mochila dele para descobrir o que estaria, ou não, esperando por mim.

Às 15h em ponto fui ao armário de casacos e peguei minha mochila para ir para casa. A de Colin estava a apenas alguns cabides de distância. Dava para ouvir que ele conversava com Jay Stringer no fundo da sala, perto da maquete da Rua Principal. Julia estava lá com eles, tentando novamente convencer Jay do estúpido óvni de papel alumínio e de como ele sobrevoaria a rua preso a um estúpido fio de náilon. O projeto dela ainda não havia sido aprovado.

Alcancei a mochila de Colin e abri o zíper. Dentro, estava o fichário dele, forrado com jeans e cheio de papéis que saltavam para fora, um livro e o sanduíche de queijo que não comemos no almoço — enfiado entre os papéis e cheirando a pickles. Nada fora do normal.

Senti o fundo da mochila e toquei algumas chaves em uma argola e um monte de sujeira, talvez folhas esmagadas. Virei-a para a luz e vi que não era sujeira: eram migalhas. Migalhas de pão.

Apalpei atrás da bolsa e percebi um calombo, enfiei a mão nas costas do fichário e tirei dois dos pãezinhos de Jimmy. Estavam se esmigalhando por todo lado. Colin devia tê-los tirado do saco quando ninguém estava olhando.

Coisas dadas

Devolvi os pães à mochila de Colin, coloquei o casaco, joguei minha mochila nas costas e desci as escadas, dois degraus de cada vez. Havia uma multidão de crianças do lado de fora, como sempre, empurrando, rindo e conversando, mesmo com o tempo ainda congelante e a chuva que acabava de começar. Tirei um minuto para procurar por Sal, como sempre faço. Nem sinal dele. Enrolei o cachecol da mamãe nas orelhas, virei para o norte e comecei a subir a ladeira até a casa da Annemarie.

Aquilo não fazia sentido. Não o fato de Colin ter pegado os pãezinhos. Na verdade, esse era justamente o tipo de coisa que eu esperaria dele. Mas meu cérebro gritava todo tipo de perguntas: Como alguém poderia *saber* que Colin pegaria os pães? Quando o bilhete fora colocado no bolso do meu casaco? Não me ocorreu que você pudesse tê-lo deixado ali no mesmo dia em que colocou o primeiro bilhete no livro sobre a vila de esquilos. Nem cogitei isso. Só fui saber muito tempo depois.

E por que *eu*? Pulei uma valeta cheia de água da chuva e dei os últimos passos até o prédio de Annemarie. Por que *eu* estava recebendo bilhetes? Por que *eu* tinha que fazer algo a respeito de seja lá o que fosse de ruim que ia acontecer? Eu nem tinha entendido o que precisava fazer! Escrever uma carta sobre algo que ainda não aconteceu?

* * *

“Miranda”, disse meu cérebro. “Nada vai acontecer. Alguém está brincando com você.” Mas e se meu cérebro estivesse errado? E se a vida de alguém realmente precisasse ser salva? E se não fosse uma brincadeira?

O porteiro de Annemarie fez um gesto para que eu entrasse. Lá em cima, o pai dela atendeu à porta com um cigarro apagado na boca e perguntou se eu queria um pouco de macarrão frio com molho de gergelim.

— Hum, não. Obrigada.

— Limonada espumante então?

Ele me ajudou a tirar o casaco úmido. O forro estava todo grudado em meu suéter.

Fui até o quarto de Annemarie equilibrando minha limonada e uma água gelada para ela, junto a um pratinho de amêndoas que seu pai havia aquecido. Amêndoas quentes parecem meio nojentas, mas na verdade têm um sabor muito bom.

Annemarie ainda estava de camisola, mas parecia bem.

— Meu pai não para de me dar comida — disse ela, pegando um punhado de amêndoas. — E não me deixa trocar de roupa. Diz que pijamas fazem bem à alma. Não é idiota?

Sentei na beirada da cama.

— Essa é a rosa? — Estava no criado-mudo, em um vasinho prateado, bem o tipo de coisa que ela teria em casa.

Ela fez que sim com a cabeça e olhou para a flor. A rosa era perfeita, estava se abrindo, como em uma foto de revista.

— Eu tentei desenhá-la — disse Annemarie.

Ela pegou um pequeno bloco de espiral com um papel branco e grosso. Tinha esboçado a rosa com lápis preto diversas vezes.

— Uau! — falei. — Não sabia que você desenhava desse jeito.

Ela fechou o bloquinho.

— Meu pai me ensina uns truques de vez em quando. Há vários truques para desenhar. Posso mostrar a você.

Mas eu sabia que nunca conseguiria desenhar daquele jeito, pelo mesmo motivo que não conseguia fazer o corte em V do Jimmy, nem fazer com que meus projetos para a Rua Principal ficassem bonitos.

— Ei, talvez seu *pai* tenha deixado a rosa.

— Talvez. — Ela franziu a testa, e eu senti uma parte de mim se iluminar. — Mas ele disse que não foi.

— Mas isso explicaria como a pessoa chegou até aqui em cima, e por que o porteiro não interfonou. — Eu podia ver meus lábios formando um sorriso. — Seu pai é tão legal... Deve ter sido ele.

Eu era desprezível, sentada na beirada da cama em uma poça de mesquinaria. Mas não podia evitar. Não queria que a rosa de Annemarie tivesse sido dada por Colin. Talvez eu não suportasse que ela tivesse tanta gente ao redor, e ainda por cima soubesse desenhar e cortar pão. Talvez eu quisesse Colin para mim.

O pai de Annemarie enfiou a cabeça no vão da porta:

— Alguém quer mais bebida?

— Não, obrigada — falei, mesmo com o copo vazio e os dentes de trás cheios de amêndoas mastigadas. — Tenho que ir.

— Fique mais cinco minutos — retrucou ele. — Coloquei seu casaco na secadora.

Então tive que ficar ali sentada, com sede, e depois tive que colocar meu casaco seco, morno, mas ainda sujo, e pegar o elevador até o lobby do prédio de Annemarie, onde as luzes eram amarelas e o porteiro sabia meu nome. Tinha parado de chover.

* * *

Estava muito frio para os garotos ficarem na frente da garagem. Quase não havia ninguém nas ruas.

A luz na janela do mercado da Belle parecia convidativa na penumbra do fim da tarde, e pensei em entrar. Havia contado a ela um pouco da história de meu livro. Contara como Meg ajudou o pai a fugir e descrevera a primeira batalha contra IT, o cérebro gigante e malvado que queria controlar o mundo. Eu sabia que Belle me daria algumas vitaminas C e talvez um copinho de chocolate quente, mas estava ficando tarde e eu não queria ter que

descer o quarteirão quando já estivesse escuro, então decidi continuar andando.

A princípio, achei que o homem da gargalhada não estivesse na esquina, depois o vi sentado no meio-fio úmido, encostado na caixa de correio, apenas olhando enquanto eu passava. Por um segundo, vi nele algo familiar e notei, pela primeira vez, como ele era velho. Pensei no que Louisa dissera, sobre como os idosos nunca acham que estão aquecidos o suficiente. Talvez eu tenha sentido pena dele. Talvez ele tenha me lembrado do Sr. Nunzi, do andar de cima. Ou talvez eu só tenha pensado em fazer algo bom, para compensar por ter agido como uma idiota com Annemarie, ainda que ela não tenha percebido. De qualquer forma, fui falar com ele.

— Ei — chamei, abrindo a mochila. — Quer um sanduíche? — Eu ainda tinha o sanduíche que não havia comido no almoço. Peguei-o. — É de queijo com tomate.

— O pão está duro? — Ele parecia cansado. — Não posso comer pão duro. Meus dentes estão estragados.

— Não está duro — respondi.

Era um dos melhores cortes em V que já fiz. Talvez estivesse um pouco empapado agora, já que o suco do tomate encharcara o pão a tarde toda.

Ele estendeu uma das mãos e eu coloquei o sanduíche nela.

— Qual foi a velocidade de queima hoje? — perguntou ele.

— Não tenho certeza — falei, fingindo saber do que se tratava aquilo. — Não tive oportunidade de, hum, verificar.

— Chuva não é proteção — disse ele, olhando para o sanduíche que tinha na mão. — Eles tinham que ter colocado a cúpula.

— Talvez amanhã — eu disse.

Ele olhou para mim e, de repente, me pareceu familiar novamente. Havia algo na forma como seus olhos me encaravam... Ele disse:

— Sou um velho, e ela já se foi. Então, não se preocupe, o.k.?

— Não vou me preocupar.

Ele fez um gesto positivo com a cabeça.

— Garota esperta.

Coisas que ficam presas

— Adivinha? — perguntei a mamãe quando ela chegou em casa. — O homem da gargalhada não é completamente louco. Ele só é um SCL.

— SCL?

— Sujeito com cara de louco.

— Não diga “sujeito com cara de louco”. E do que você está falando?

— Eu dei um sanduíche a ele hoje. Ele agiu normalmente. Quase.

— Você deu um sanduíche a ele?

— Foi o sanduíche que sobrou, do Jimmy.

— Mira, o que levaria você a dar um sanduíche para o homem da gargalhada?

— Qual é o problema? Achei que você iria gostar!

— Achou que eu iria gostar do fato de você ter iniciado um relacionamento com uma pessoa com doenças mentais?

— Que relacionamento? Eu só dei um sanduíche a ele!

— Já conversamos sobre isso, Miranda. Achei que você soubesse se cuidar. É só por isso que permito que ande sozinha por aí!

— Eu só dei um sanduíche a um desabrigado! É *você* quem trabalha com criminosos e ajuda presidiárias grávidas.

— Nem todo mundo que foi acusado de um crime é criminoso, você sabe disso. E, além do mais, *eu* não tenho 12 anos.

Apontei para o suéter dela, estampado com um arco-íris.

— Mas você *se veste* como se tivesse 12 anos!

Podia sentir as lágrimas começarem a rolar, então peguei dois dos saquinhos de batatas chips que Louisa havia trazido, fui para o meu quarto e bati a porta.

Alguns minutos depois, ela bateu e entrou.

— Desculpe. Você fez uma boa ação. Eu não devia ter explodido daquele jeito.

— Então por que explodiu?

Ela se sentou ao meu lado na cama.

— Eu não sei. Acho que fiquei louca só de pensar que você pode ter se colocado em uma situação de risco. Gosto de achar que você está sempre segura, mas isso não existe. Existe? Confio em você, Mira. Quero que saiba disso. Eu só... não queria cometer mais erros. Não acho que suportaria cometer mais algum erro.

— Do que você está falando? Que erro?

Ela riu.

— Está brincando? Por onde devo começar? Cometi cerca de um milhão de erros. Felizmente, você superou quase todos eles.

— *Quase* todos eles? Quantos, mais ou menos?

Ela sorriu.

— Não sei. Novecentos e noventa e nove mil?

— Então sobram apenas... quantos? Uns mil?

— Richard quer vir morar aqui — disse ela, sem rodeios. — Ele quer se casar comigo.

E meu cérebro disse: “Ele *quer*?” E então senti... uma leveza. Eu estava feliz.

— Isso é ótimo — falei.

— Você acha? — Ela sorriu por um instante e então sua boca voltou ao normal. — Eu não sei. Eu não... não consigo saber se é a coisa certa.

— Você não o ama?

— Claro que amo! Não sei se é a coisa certa para você.

— É por isso que não dá uma chave a ele? Por minha causa?

Ela balançou a cabeça lentamente.

— Não sei. Apenas me sinto travada, como se estivesse com medo de tomar qualquer atitude sem saber se é realmente certa ou

errada. Preciso de um pouco mais de tempo para pensar. — Ela se levantou. — A água já deve estar fervendo. O espaguete estará pronto em dez minutos.

Espaguete de novo. Estávamos meio travadas, percebi. Em vários sentidos.

Coisas amarradas

— Vocês duas ficaram mesmo próximas — disse mamãe na semana seguinte, enquanto me ajudava a puxar a cama dobrável do armário lotado do corredor. — Isso é legal, não é?

Annemarie viria dormir em nossa casa pela primeira vez.

— Você nunca passa o aspirador de pó? — perguntei. — Tem poeira atrás de todas as portas.

— Dá um tempo, Mira — disse ela, brava.

— É sério... Eu vi uma barata no banheiro de manhã. Esse lugar está nojento.

Mamãe olhou para mim. Uma grande bronca pareceu passar diante de seu rosto. Mas ela apenas disse:

— Quer saber de uma coisa? Por que você não faz tudo sozinha? — E saiu.

Puxei a cama até meu quarto e alinhei-a ao lado da minha, como Sal e eu sempre fazíamos. Depois fiquei imaginando se as outras garotas faziam dessa forma. A cama deveria ficar na parede oposta? Ela deveria formar um L com a minha, assim, apenas nossas cabeças ficariam juntas? Decidi pela forma em L, afastei-me, ajustei o ângulo e depois fui pegar os lençóis no armário do banheiro.

* * *

Desde quando éramos bem pequenos, Sal e eu costumávamos implorar para dormir um na casa do outro nos fins de semana.

Foram várias as noites em que adormeci feliz com Sal ao meu lado, na cama dobrável.

Mas ele nunca estava lá pela manhã. Eu acordava e via a cama vazia, os lençóis listrados desarrumados, e mamãe me dizia o que havia acontecido. Ele acordara com dor de estômago, ou de cabeça, ou tinha tido um pesadelo, e quisera ir para casa.

Ela me dava um lenço de papel e dizia:

— Não sei por que vocês continuam fazendo isso. Sal chora no meio da noite, e depois você chora de manhã.

Algumas semanas depois, tentávamos de novo. E eu sempre acreditava que *daquela* vez Sal estaria lá de manhã. Com o passar do tempo, paramos de tentar. E eu ficava triste ao ver aqueles lençóis listrados de azul.

Mas eram os únicos que serviam na cama dobrável. Estendi-os e fui até o quarto de mamãe pegar um de seus travesseiros. Ela ainda estava na sala, irritada. Afofei o travesseiro, coloquei-o com cuidado na cama e me afastei para olhar. Parecia tudo bem.

Ainda estava lá parada quando o interfone tocou, e tive a clara imagem mental de Annemarie e seu pai em nosso lobby que cheira a cigarro e do lustre horroroso cheio de insetos mortos. Foi quase como uma visão.

Fui até o interfone e apertei o botão para falar.

— Quem é?

A voz do pai dela:

— Annemarie e o pai com a barba por fazer!

Apertei por bastante tempo o botão de abrir, de uma forma que deveria dar a entender: “Vocês são muito bem-vindos aqui.” E também porque a porta do lobby é tão pesada que eu quis dar-lhes tempo para abri-la.

Mamãe veio ficar ao meu lado na porta da frente, sem dizer nada e passando os dedos pelos cabelos. Ela estava de calça jeans e tinha trocado a camiseta por um suéter preto de gola alta.

Foi naquele momento, de pé ao seu lado, que percebi a verdade. A verdade era que mamãe também via aquilo: a tinta

descascando, as bitucas de cigarro nas escadas, tudo. Absorvi isso como a areia absorve a água, rápida e densamente.

Mas eu ainda não conseguia pedir desculpas pelo que tinha dito. Eu queria, mas não conseguia. Não conseguia nem sorrir para ela.

* * *

— Sejam bem-vindos! — disse mamãe ao pai de Annemarie. — Estou tão feliz por Annemarie poder passar a noite conosco!

O pai de Annemarie estava com uma caixa de papelão cheia de coisas, pequenos potes e saquinhos plásticos. Ele a entregou a mamãe.

— Certamente Miranda mencionou que Annemarie segue uma dieta especial — começou ele.

— Bem... — mamãe olhou para mim. — Na verdade...

— Não se preocupe! — Ele empurrou a caixa para ela novamente. — Comprei todo o tipo de alimento apropriado. Fique à vontade para experimentar. Não são ruins, se me permite dizer!

Mamãe sorriu e pegou a caixa.

— Está ótimo. Obrigada. Se eu soubesse...

— Não se preocupe! — disse o pai de Annemarie novamente. Vi que as coisas dentro da caixa estavam amarradas com fitilho roxo e verde, como presentes de Natal.

* * *

Annemarie e eu escutamos alguns discos no meu quarto, e mamãe trouxe um prato especial com os quitutes de Annemarie e uma tigela de batatinhas para mim. Então assistimos à TV na sala por um tempo antes de irmos para a cama. Estávamos vendo *Love Boat* quando escutamos algo cair no chão da cozinha, e em seguida um monte de xingamentos ditos por mamãe.

Um minuto depois ela apareceu e olhou para Annemarie.

— Desculpe-me. Você não ouviu nada disso, tá? Derrubei suco de uva congelado no meu pé.

Annemarie deu um largo sorriso.

— Não tem problema.

— Sua mãe é tão legal... — disse ela mais tarde, quando estávamos em nossas camas e seu rosto descansava no travesseiro de mamãe. — Gosto muito dela. É uma pessoa de verdade, sabe? E me trata como uma pessoa de verdade também. Meu pai ainda age como se eu fosse um bebê.

— É... pode ser.

Mas quem quer ser tratado como uma pessoa de verdade? Pensei. Eu queria ser tratada como Annemarie, e ter todos os meus lanchinhos amarrados com fitas.

* * *

Quando abri os olhos de manhã, Annemarie ainda estava lá. Senti um grande alívio, como se tivesse passado a noite pensando que ela poderia desaparecer. Quem sabe? Devo ter passado mesmo, sem perceber.

— Ainda bem que acordou! — disse ela, apoiando a cabeça em um braço. — Estou aqui cutucando você há vinte minutos. Você dorme como uma pedra.

— Que horas são? — perguntei, jogando o cobertor para o lado.

— Hora de comer — respondeu ela. — Estou faminta.

— Você pode comer cereal? — perguntei. — Só sei fazer cereal e torradas.

— Não — disse ela. — Não posso comer nem uma coisa, nem outra. Tem ovo?

Fomos até a cozinha para verificar.

— Bom-dia! — Mamãe estava de pé diante do fogão, fritando bacon. — Annemarie, liguei para seu pai ontem à noite, e ele me disse que você adora omelete com bacon.

— Hummm! — disse Annemarie. — O cheiro está ótimo. É por isso que estou com tanta fome.

Fiquei olhando. Mamãe estava com os cabelos bagunçados e os olhos inchados de sono. Mas estava de pé às 7h30 da manhã, fazendo omeletes com bacon para nós. Eu quis abraçá-la. Mas não fiz isso.

Coisas que ficam rosadas

Nevou um pouco dois dias antes das férias de Natal. A neve sempre me deixa de bom humor. O Sr. Tompkin nos deixou pular a lição de matemática e passar a manhã toda cuidando dos projetos para a maquete da Rua Principal. Annemarie me ajudou a começar a construir os balanços. Até então o dia estava perfeito.

Quando fomos até a lanchonete do Jimmy, já havia parado de nevar e a calçada tinha lama suficiente para deixar meus tênis desconfortavelmente molhados. Mamãe não acordara para ouvir a previsão do tempo, então eu era a única que não estava de botas.

Colin começou a abrir a porta para entrar, mas Jimmy pulou de trás do balcão e empurrou-a bem na nossa cara.

— Ei! — Colin sorriu, achando que se tratava de uma brincadeira, e empurrou de volta.

Mas consegui ver melhor o rosto de Jimmy. Ele não estava brincando.

— Saiam! — gritou Jimmy pelo vidro. — Não voltem mais aqui! Vocês têm sorte de eu não chamar a polícia!

Annemarie colocou a mão no ombro de Colin.

— Acho que ele está falando sério.

— O quê? — Colin olhou para nossa cara e depois para Jimmy, pela porta. — O que está acontecendo? — gritou ele.

Jimmy estava segurando a porta com um dos pés. Ele nos encarou. Algumas pessoas na rua olhavam, mas ninguém parou.

— Alguém roubou meu cofre — disse ele por fim, com a voz lá longe. — Foi um de vocês.

Claro que, do outro lado da porta, dissemos que não tínhamos sido nós, que nunca faríamos aquilo. Mas não havia modo de ele

nos deixar entrar.

* * *

Fomos à pizzaria e conversamos sobre quem poderia ter pegado as notas de dois dólares de Jimmy. Ele trabalhava sozinho, exceto pelos quarenta minutos por dia em que estávamos lá. Talvez alguém tivesse entrado enquanto ele estava no banheiro, pensamos. Ele normalmente colocava a plaquinha *Volto em 5 minutos* na janela e trancava a porta, mas não era sempre. Às vezes corria para os fundos por alguns instantes e, se um cliente entrasse, esperava. Alguém devia ter levado o cofrinho. Mas quem saberia da existência daquilo? Era um cofre de plástico desbotado com o formato de um personagem de desenho animado. Não parecia nem um pouco valioso.

— Vamos escrever uma carta para ele — disse Annemarie. — Ou... não... vamos comprar um cartão! — Ela usou a colher para raspar o resto de seu almoço, que o pai arrumava em uma embalagem limpa de iogurte. — Vamos — disse ela, levantando-se —, eu pago.

Então fomos até a papelaria Gold e compramos um cartão para ele. Eu queria pegar um que dizia *Meus pêsames*, pelo cofre perdido, mas Annemarie disse que deveríamos escolher um que não tivesse nada escrito. Ela decidiu-se por um com rosas, que achei meio estranho, considerando que era para Jimmy e que rosas simbolizam amor. Ela disse que o cartão parecia sincero, mas achei que ela gostou dele porque a fez se lembrar de sua rosa misteriosa.

— O que você acha? — perguntou ela a Colin, segurando o cartão na frente dele.

Colin deu de ombros:

— Pode ser.

Annemarie não disse nada, mas parecia que ela esperava uma resposta mais reveladora.

— Pode colocar na conta do meu pai? — perguntou ela à moça do caixa.

— Claro, Annemarie. Ei, onde está sua colega, Julia? Ela está doente hoje?

Annemarie ficou rosada.

— Não, ela está por aí.

A moça sorriu e entregou a Annemarie um caderno com espiral, que ela abriu e usou para escrever seu nome e a data.

Uma conta na papelaria Gold. Pensei nas canetinhas com cheirinho, que custam dois dólares e cinquenta cada, nos diários com capa de couro que fecham com aquelas chavinhas, nos ventiladores a pilha que você pode pendurar no pescoço em dias quentes.

— Ei, Annemarie — disse Colin. — Quer comprar um pacote de figurinhas de beisebol para mim?

Ela ficou rosada novamente.

— Não posso. Quer dizer... não tenho permissão. Desculpe.

Ele deu de ombros e sorriu.

— Não faz mal.

Às vezes eu tinha vontade de apertar as bochechas de Colin até os dentes dele caírem.

* * *

Depois da escola, Annemarie e eu fomos até a casa dela. Seu pai nos deu um presunto fininho e estranho, enrolado, para podermos comer com as mãos. Escrevemos no cartão de Jimmy:

Querido Jimmy:

Não pegamos seu cofrinho do Fred Flintstone. Não sabemos quem pode ter feito isso (talvez alguém tenha entrado quando você foi ao banheiro).

Podemos voltar ao trabalho?

Assinado,
Seus funcionários,
Annemarie, Miranda e Colin

Coloquei o cartão na mochila, para que eu pudesse passá-lo por baixo da porta da lanchonete do Jimmy na manhã seguinte, quando estivesse indo para a escola. Depois deitamos no tapete de Annemarie e planejamos tudo o que faríamos nas férias: Annemarie queria me ensinar a desenhar, ainda que eu tenha dito que, provavelmente, sou um caso perdido; e iríamos ao cinema, e o pai dela até disse que nos levaria ao Central Park, para patinarmos no gelo.

Tentei não pensar no que Sal estaria fazendo. Imaginei que ele ficaria jogando basquete até a primeira grande nevasca.

Coisas que se desfazem

Na manhã seguinte, no caminho para a escola, enfiei nosso cartão por debaixo da porta trancada da lanchonete de Jimmy. Na hora do almoço, Colin, Annemarie e eu subimos até a Broadway juntos. Jimmy estava atendendo um cliente, mas nos viu pela porta de vidro, fez cara feia e balançou a cabeça em negativa.

— Acho que ele está falando sério — disse Colin.

Ficamos parados na porta por um minuto, só para ter certeza. Quando o cliente saiu com o sanduíche, Jimmy nos olhou novamente. Colin juntou as mãos sob o queixo como se estivesse rezando e fez cara de cachorrinho. Uma piada besta, mas bem bonitinha. Jimmy pegou um pano e começou a limpar o balcão, depois levantou um braço e fez um gesto para que entrássemos, sem nem levantar os olhos.

— Quer dizer que podemos voltar ao trabalho? — perguntou Colin quando estávamos amontoados na porta.

Jimmy nos fitou.

— Vocês são bons garotos — disse ele —, mas na metade do tempo não sabem o que estão fazendo.

— Não pegamos o cofre! — comecei, e ele fez um gesto para que eu ficasse quieta.

— Eu sei. Estive pensando sobre isso. Podem voltar ao trabalho.

— Eba! — Annemarie começou a bater palmas.

Colin correu batendo na mão de todo mundo, inclusive na do Jimmy, que até sorriu.

— Mas tem uma coisa — disse Jimmy quando Colin terminou a volta da vitória atrás do balcão e na sala dos fundos. — A amiga

de vocês, a pequena Miss Suíça. Não quero mais vê-la aqui novamente. Nunca mais.

— Quem? — perguntou Annemarie.

— Acho que ele está falando da Julia — respondi.

— Você acha que a Julia pegou o dinheiro? — Colin riu. — Julia precisa de dinheiro tanto quanto um peixe precisa de uma bicicleta.

Jimmy balançou a cabeça:

— Algumas coisas estão no sangue. Nem todo o dinheiro do mundo pode mudar o sangue de alguém.

— O que você quer dizer com “sangue”? — Annemarie estava com as mãos na cintura. — Que sangue?

Jimmy apontou seu grande dedo para mim.

— É como você disse: Miss Suíça, chocolate quente.

— Hã? — Colin me olhou e depois voltou a olhar para Jimmy.

Eu estava começando a entender. Annemarie já tinha entendido muito bem.

— Seu... seu *porco* — disse ela. — Seu porco racista.

Eu nunca tinha visto Annemarie brava. Ela estava de dar medo, e também prestes a chorar.

Jimmy deu de ombros.

— A vida é sua. Não quero mais ver aquela pequena ladra aqui dentro. Você também não precisa voltar.

— E não vou! — gritou Annemarie e bateu a porta.

— Mas não é por isso que eu a chamo de Miss Suíça! — eu disse.

Jimmy deu de ombros novamente, e eu saí atrás de Annemarie. Colin foi também. Nós a encontramos chorando no meio do quarteirão, andando rápido.

Ela cuspiu palavras:

— Aquele. Grande. Gordo. Idiota. Aquele. Porco. Eu. Odeio. Ele.

Colin olhou para mim.

— Eu nem entendi o que aconteceu!

Annemarie se virou e ficou de frente para nós.

— Ele acha que Julia roubou o cofre porque ela é negra.

— Tá brincando? — exclamou Colin. — Esse cara é maluco.

Annemarie então se dirigiu a mim.

— É assim que você a chama? Miss Suíça?

— Eu... não! Chamei uma vez, mas não quis dizer... Disse isso porque ela está sempre falando sobre a Suíça, seu relógio, o chocolate e...

— É? — perguntou Colin. — Eu nunca a ouvi falando sobre a Suíça.

— Se alguém precisa de dinheiro — Annemarie disse para mim, com frieza —, esse alguém é você, e não a Julia.

— Está falando sério? Eu não peguei aquele dinheiro estúpido!

— Esqueça — disse ela. — Quero ficar sozinha. — E saiu batendo o pé na direção da escola.

Colin levantou as sobrancelhas e depois me mostrou uma nota de um dólar enrolada.

— Quer comer uma fatia?

Então fomos à pizzaria. Mas não foi divertido. E, ao voltar para a escola, percebi que talvez Colin não gostasse de mim. Talvez ele apenas gostasse de pizza.

— Eu queria saber uma coisa... — falei antes de entrarmos na sala de aula. — Aquele dia que faltaram dois pãezinhos na encomenda. Foi você que pegou?

— Foi — disse ele, ensaiando um sorriso. — Pensei que seria... Ei! Você sabe que eu não roubei o cofre do Jimmy! — Ele me olhou com a franja no rosto, com cara de cãozinho ofendido.

— Eu sei — apressei-me em dizer. — Sei que você não faria isso.

— Peguei os pãezinhos para fazer graça — falou ele. — Mas pegar o cofre seria, você sabe... roubo.

— É.

Não falei com Annemarie pelo restante da tarde. Depois da leitura silenciosa, ela foi para as aulas de arte e de música, e eu para educação física e ciências. E depois alguns alunos do jardim

de infância foram à nossa sala para cantar “Rudolph, a Rena do Nariz Vermelho”.

E depois vieram as férias de Natal.

Férias de Natal

Por três dias seguidos o céu ficou parecendo uma sombria folha em branco. Pensei em ligar para Annemarie, mas não fiz isso. Pensei em ligar para Colin, mas também não liguei. Eu estava certa sobre Sal — ele jogava basquete todos os dias, e algumas vezes eu ouvia as vozes de outros meninos, garotos lá da escola. No terceiro dia, abri a janela da sala em silêncio e fiquei olhando enquanto eles corriam pela viela usando gorros e soltando vapor pela boca.

Então me sentei no sofá e fechei os olhos. Imaginei o mundo. Imaginei o mundo de milhões de anos atrás, com nuvens malucas de gás por todo o lado, e vulcões, e os continentes batendo uns nos outros e depois se afastando. Certo. Aí começa a vida. Ela tem início na água, com coisas pequenas, microscópicas, e algumas depois ficam maiores. E um dia algo se arrasta para fora da água e vai para a terra. Surgem os animais, depois os humanos, com aparência quase igual. Há poucas diferenças na cor, no formato do rosto, no tom da pele, todos são essencialmente iguais. Eles inventam abrigos, cultivam alimentos, fazem experiências. Eles falam, escrevem coisas.

Agora, em ritmo acelerado. A terra ainda está dando voltas em torno do sol. Há humanos por todos os lados, dirigindo carros, pilotando aviões. E então, um dia, um humano diz a outro que não quer mais ir com ele para a escola.

Isso realmente importa?, perguntei a mim mesma.

E importava.

* * *

Tentei novamente. Imaginei o mundo, verde e azul, todo bonito, pairando no espaço, e criaturas, florestas, desertos e cidades. Focalizei a América do Norte, os Estados Unidos, a Costa Leste, a cidade de Nova York. Crianças indo para a escola. Uma delas usa botas de camurça verde. Outra tem conta na papelaria Gold. E a outra carrega chaves no bolso.

Isso realmente importa?, perguntei a mim mesma.

E importava.

Eu me levantei, liguei a televisão e tentei não pensar em nada, para variar.

A segunda prova

Mamãe não precisou trabalhar na véspera de Natal. Compramos uma árvore, penduramos cordões de pipoca e recebemos alguns amigos dela em casa. Richard fez gemada seguindo uma receita alemã de sua avó e todos eles acabaram cantando muito, enquanto eu embrulhava os presentes em meu quarto. Eu havia comprado para mamãe um par de brincos, um vidro de esmalte roxo com glitter e uma meia-calça listrada, mesmo achando — e ainda acho — que meias listradas são coisas idiotas. Para Richard, comprei uma caneta com tinta apagável na papelaria Gold.

* * *

Na manhã de Natal, abrimos os presentes logo depois que mamãe preparou o café, como sempre fazíamos. Ganhei coisas legais: uma pulseira de contas, um rádio portátil, um diário com nuvens na capa, um suéter e uma lata daqueles biscoitos de gengibre bem crocantes que eu amo, vendidos em uma padaria perto do escritório da mamãe e do Richard.

Estávamos quase passando às panquecas quando Richard me entregou um pacote duro e retangular, que só podia ser um livro.

— Deixe-me adivinhar — falei. — É um livro? — Fiquei imaginando se não seria um daqueles com uma menina cheia de atitude na capa.

— Muito engraçado. Abra.

Era um livro. Na verdade, era *o meu* livro. Mas com capa dura, e uma figura diferente na frente. Li o título em voz alta: *Uma dobra no tempo*. E sorri para Richard.

— É uma primeira edição — disse ele.

— Richard! — exclamou mamãe. — Você não devia...

Aquilo me fez imaginar que primeiras edições fossem coisas caras.

— Leia o que está escrito dentro — sugeriu Richard. — Peguei um autógrafo da autora para você.

Abri o livro. A letra era grande e ocupava bastante espaço, era bonita. Nada parecida com a sua.

*Miranda,
Tessere bem,
Madeleine L'Engle*

* * *

Dia de Natal: *Tessere bem*. Sua segunda prova.

Percebi que não era uma brincadeira. Ao segurar aquele livro nas mãos, finalmente acreditei que quem quer que tivesse escrito aqueles bilhetes sabia realmente das coisas antes que acontecessem. Não sei como.

Tão logo Richard e mamãe foram fazer suas panquecas, corri para o quarto e peguei todos os seus bilhetes na caixa que ficava embaixo da minha cama.

Estou vindo para salvar a vida de seu amigo e a minha.

Vindo de onde? Fiquei me perguntando. Vindo de *quando*? Estava começando a acreditar que alguém de quem eu gostava

corria perigo de verdade, mas ainda não sabia quem era, e ainda não sabia como ajudar.

Olhei para o segundo bilhete: *Sei que você mostrou meu primeiro bilhete a alguém. Peço-lhe que não mostre os outros. Por favor. Não estou pedindo por mim.*

Essa era a pior parte: eu estava sozinha.

Coisas em um elevador

O dia de Ano-novo estava estranhamente quente e ensolarado. A bola de basquete de Sal já batia forte no chão lá pelas 9h. Dei uma olhada na viela e o vi correndo para lá e para cá vestindo apenas camiseta e calças de moletom. Ele usava o relógio que Louisa lhe dera de Natal. Ela havia subido para nos mostrar de antemão. Era meio ultrapassado, com algarismos romanos e pulseira de couro, e eu não tinha certeza se Sal iria gostar. Mas parecia que tinha gostado.

* * *

Mamãe ainda estava dormindo. Escrevi um bilhete: *Saí. Na volta, trago um bagel para você.*

O homem da gargalhada não estava na esquina — talvez não trabalhasse nos feriados. O mercado da Belle estava fechado. Tudo parecia um tanto em paz, e triste, e deserto.

Meus pés me levaram até a escola, que não estava funcionando, é claro. O portão do pátio estava aberto, entrei e sentei no trepa-trepa por alguns minutos, percebendo como era estranho estar ali sozinha. De certo modo estava tentando, deliberadamente, ficar com medo, acho que queria me sentir mais alerta. Para ligar para Annemarie.

Dez dias de silêncio haviam se transformado em uma dúvida que gritava em minha cabeça: “Annemarie ainda é sua amiga?”

Havia um telefone público na esquina. Eu tinha uma moedinha no bolso do casaco.

Enquanto discava, notei alguém inclinado sobre uma lata de lixo do outro lado da rua. Quando se endireitou, vi que era o homem da gargalhada. Ele ficou ali, com as mãos na cintura, olhando para a lata. Rapidamente, virei de costas, com medo de que ele me reconhecesse e viesse até mim.

O fone encostado em minha orelha estava gelado. Só depois que o telefone começou a chamar me ocorreu que, se minha mãe ainda estava dormindo, os pais de Annemarie também poderiam estar.

— Alô! — atendeu o pai dela.

Parecia que ele já estava acordado havia horas, sentado ao lado do telefone, esperando, esperando, esperando que tocasse.

— Oi... É a Miranda...

— Oi, Miranda! Feliz Ano-novo!

— Oi. Quer dizer... Feliz Ano-novo para o senhor também. Estou ligando para saber se a Annemarie está em casa.

— Está, sim! Mas está tomando banho. Você por acaso está na rua, Miranda? Parece que está ligando de um telefone público.

— Ah, é. Para falar a verdade, estou sim.

— Está aqui perto?

— Hum, sim. Estou perto da escola.

— Bem, então venha até aqui. Eu estava fazendo suco de laranja agorinha mesmo!

— Hum, tudo bem.

— Você vai fazer uma surpresa para Annemarie!

Subi a ladeira, onde a luz do sol parecia tocar todas as coisas como se fosse uma criança hiperativa correndo por uma loja de brinquedos: refletia nos sujos postes de metal, nos mastros brilhantes dos toldos, até nos óculos de sol de uma mulher que levava o cachorro para passear e segurava um copo de café. Tudo *brilhava*.

— Srta. Miranda, feliz Ano-novo! — o porteiro estava parado do lado de fora, ao lado das portas polidas do prédio de Annemarie.

Ele sorriu e fez um gesto para que eu entrasse.

Ao subir, dei-me conta de que era muito estranho ir até ali sem falar com Annemarie antes. Mas, ao mesmo tempo em que fiquei nervosa, também tive outra sensação, que só posso descrever como amor pelo elevador do prédio de Annemarie. A madeira trabalhada, o banquinho coberto de tecido em um canto, o sininho que tocava sempre que passávamos por um andar. Era tão bonito e aconchegante que pensei que seria maravilhoso ficar dentro dele para sempre, ou pelo menos sentar no banquinho e fechar meus olhos por um instante. Tudo aquilo era mais do que estranho. E então o elevador parou no andar de Annemarie, e, é claro, eu saí, porque é o que as pessoas fazem quando o elevador chega ao andar aonde querem ir.

Annemarie abriu a porta de roupão e cabelos molhados.

— Oi — comecei. — Liguei para desejar feliz Ano-novo, e seu pai disse...

Ela sorriu.

— Entre.

Foi a melhor manhã de todas. Annemarie me mostrou seus presentes de Natal. Ela tinha ganhado várias coisas legais, material de arte, e acabamos espalhando tudo sobre a mesa de jantar e desenhando tirinhas em um papel especial para histórias em quadrinhos, que vinha com adesivos para os balões de diálogo e de pensamento. Depois, a mãe dela nos ensinou a fazer sapos de origami, e eu até consegui fazer direitinho. Enquanto isso, o pai dela não parava de trazer pratos de bacon e, para mim, torradinhas que eu podia pegar com as mãos.

Então mamãe telefonou. Eu tinha me esquecido completamente dela. Ela estava nervosa, estava irritada e ia me buscar. Até o pai de Annemarie pareceu ter ficado zangado.

— É melhor você colocar o casaco — disse ele quando desliguei o telefone, mesmo sabendo que minha mãe não chegaria tão rápido ao apartamento.

Fiquei esperando perto da porta, passando calor com aquele casaco, e Annemarie ficou esperando comigo.

— Então... sobre o que aconteceu na lanchonete do Jimmy... — falei. — Sabe, nunca tive a intenção... de dizer aquilo que ele pensou que eu disse. Nem por um segundo.

Ela olhou para o chão.

— Eu acredito em você. E não sei por que eu disse aquilo sobre... dinheiro. Foi idiotice.

— Tudo bem.

Fiquei tão grata por ela ter algo por que se desculpar que nem me ocorreu pensar sobre como realmente me sentira em relação àquilo. Mas fiquei pensando desde então. E não me senti nada bem.

* * *

Ouvimos o sino do elevador e abri a porta do apartamento antes que mamãe tocasse a campainha. Pensei que talvez pudesse escapar sem que os pais de Annemarie fossem falar com ela.

Não tive essa sorte.

— Jerry? — chamou mamãe, e o pai de Annemarie veio correndo e disse:

— Ah, você chegou. Não escutei a campainha.

— Desculpe-me por isso.

— Não, *eu* é que peço desculpas. Não tinha ideia de que...

— Não vai acontecer de novo...

— Sempre falarei antes com você.

Eles ficaram com essa conversa por um tempo, que, depois, interrompeu-se naturalmente, e ambos olharam para mim.

— Vamos — disse mamãe com frieza.

E eu falei:

— Obrigada por me receberem.

O pai de Annemarie sorriu para mim, mas só porque ele é a pessoa mais legal da face da Terra.

O elevador já estava lá, então não houve aquela espera desagradável. Durante a descida, sabia que deveria me desculpar, mas esperei que mamãe começasse com a bronca. Em vez disso, ela irrompeu em lágrimas.

Aquilo me fez chorar. Então ambas choramos pelo lobby, passamos pelo porteiro e saímos à luz do sol, onde, por mágica, as lágrimas pararam. Ela respirou fundo e olhou para mim.

— Fiquei com medo — disse ela. — Quando você não voltou, fiquei com muito medo. Nunca mais faça isso.

Fiz que sim com a cabeça.

— Certo — disse ela. — E agora?

— Não sei.

— Quer ver um filme?

E foi o que fizemos. Fomos ao cinema, comemos doces e pipoca e ficamos de mãos dadas por alguns minutos no caminho para casa.

O homem da gargalhada estava no lugar de sempre, dando seus chutes pela rua. Quando ele nos viu, gritou:

— Garota esperta!

Mas ter mamãe ali do lado fez com que fosse diferente, como andar pela rua enrolada em um cobertor bem apertado.

Richard estava encostado na frente de nosso prédio, lendo um jornal.

— Ei! — disse ele. — Tínhamos um compromisso. Você se esqueceu de mim?

Ele fez cara de triste, e mamãe disse:

— Ah, não! Estou muito atrasada? — E então ela me olhou e começamos a rir.

Richard continuou:

— É sério: você vai morrer se me der uma chave?

Mamãe deu de ombros e disse que ainda eram 15h30 e que ela não estava com vontade de subir. Demos meia-volta e fomos comer na lanchonete, que estava cheia de gente que acabara de acordar e tomava o café da manhã.

Coisas que percebemos

Era 1979. Um novo ano, quase uma nova década, mas a escola continuava sendo apenas a escola. Jay Stringer ainda era um gênio, as apresentações de música ainda eram chatas, e Alice Evans ainda era muito tímida para avisar que precisava ir ao banheiro. A apresentação de violino dos alunos do quarto ano mal começara e Alice já estava se contorcendo em seu lugar ao meu lado. Jay estava do outro lado, dando um jeito de ler um livro enquanto ouvia a pior música do mundo.

Localizei a cabeça loira de Sal algumas fileiras à minha frente, à direita. Fiquei olhando, tentando ver se conseguia fazer com que ele se virasse com o poder de minhas ondas cerebrais, mas era difícil me concentrar com Alice fazendo a dança do chapéu mexicano na cadeira. Tentei fazer careta para Annemarie, que estava do outro lado de Alice, mas ela parecia totalmente absorvida pela música. Ela é tolerante demais com essas coisas. Então voltei a olhar para Sal.

Bem na minha frente estava Julia. Claro que tão entediada quanto eu. Sua cabeça ficava se mexendo. Então ela se virou e olhou para Annemarie. Dei uma espiada e vi que os olhos de Annemarie ainda estavam no palco. Julia a observava. E eu observava Julia observando Annemarie. E o que vi foram olhos chocolate com 60% de cacau, um rosto café com leite e uma expressão tão familiar que fez todo o meu corpo soar como um sino. O olhar de Julia era o meu olhar. O meu olhar para Sal.

E, de repente, percebi três coisas:

Primeiro: foi Julia quem deixou a rosa para Annemarie.

Segundo: Julia gostava de Annemarie, mas Annemarie não percebia. Porque eu estava no meio do caminho.

Terceiro: Alice Evans estava quase fazendo xixi nas calças.

* * *

Virei-me para Alice.

— Ei — falei —, preciso ir ao banheiro. Quer ir comigo?

Às vezes é impossível se sentir mais malvado do que no momento em que se deixa de sê-lo. É como se acender uma luz fizesse você perceber quanto o cômodo estava escuro antes. E o modo como agimos normalmente e as coisas que costumamos fazer são como fantasmas que todos conseguem ver, mas fingem que não. Foi o que aconteceu quando chamei Alice para ir ao banheiro comigo. Eu não era uma daquelas meninas que a torturavam de propósito, mas nunca tinha levantado um dedo para ajudá-la, nem nunca gastara um minuto sendo legal com ela.

Ela parou de se contorcer e me olhou, desconfiada.

— Você precisa ir? — perguntou. — Sério?

— Sim. — E, naquele momento, não desejei nada além de que Alice se sentisse segura comigo. — Sério.

Eu me inclinei na cadeira e fiquei sacudindo meu braço no alto, para que o Sr. Tompkin, em sua cadeira no fim da fileira, virasse e olhasse para mim. Falei com ele debruçada no colo de Jay Stringer e Colin, que estavam sentados entre nós.

— Preciso ir ao banheiro.

As palavras soaram como um tipo de sacrifício, uma preciosa oferenda ao universo. Não sei por que, mas o olhar de Julia me deixara totalmente determinada a levar Alice Evans ao banheiro antes que ela molhasse as calças.

— *Agora?* — sussurrou o Sr. Tompkin.

— Por favor!

Ele revirou os olhos:

— Está bem.

O Sr. Tompkin virou os joelhos para o lado para nos deixar passar. Jay Stringer e Colin juntaram as cabeças, e Jay riu. Minha mente processou que, se foi Jay que riu, foi Colin que fez a piada. Uma piada sobre mim, talvez. Peguei na mão de Alice e a puxei. Então nos apressamos pelo corredor.

Coisas pelas quais imploramos

Assim que Alice foi ao banheiro, corri até a secretaria. Havia tantas coisas que eu queria fazer, mas não podia, como abraçar minha mãe ou ter menos inveja de Annemarie, e eu não queria que isso se tornasse uma delas. Mas eu tinha que agir rápido.

— Miranda? — Rodete me olhou com desconfiança. — Você não devia estar na apresentação?

— Sim, estou na apresentação... Quer dizer, estava, e já vou voltar para lá. Alice está no banheiro. Posso pegar um pedaço de papel?

— Não, senhora! Não tenho papel para sair distribuindo.

— Por favor... só um pedacinho. O canto de um pedacinho!

Se não fizesse isso naquele momento, não faria nunca mais.

Rodete suspirou. Então, ainda na cadeira, saiu rodando para a mesa ao lado, onde havia um desses bloquinhos cor-de-rosa para recados. Ela arrancou a folhinha de cima, dobrou, dobrou de novo e cuidadosamente rasgou o papel na primeira dobra, depois na segunda dobra.

Meu cérebro ficava dizendo: “Vai logo, vai logo.”

— Aqui está. — Ela me entregou um quarto de uma folhinha de recados, olhou para mim de cara feia e disse: — Espero não ver você por aqui tão cedo procurando mais papel.

Peguei uma caneta no balcão e escrevi no quadradinho rosa.

* * *

— Pensei que você tivesse me abandonado aqui. — Alice estava parada na frente do banheiro, com cara de magoada.

— Eu? De jeito nenhum — respondi.

Ela sorriu. As pessoas pareciam estar gostando da minha nova versão.

* * *

Nós nos esprememos em nossa fileira para passar por Colin e Jay Stringer, que cochicharam e riram novamente. Annemarie se inclinou para a frente e fez cara de “Onde você estava?” Eu sussurrei “banheiro”, ela acenou com a cabeça e sentou-se novamente.

Dobrei meu quadradinho rosa algumas vezes. Então me debrucei para a frente e joguei-o no colo de Julia. Eu não havia tido muito tempo. Escrevera apenas uma palavra: TRÉGUA.

E, embaixo, colocara meu telefone.

Coisas que ficam ao contrário

Naquela tarde, Sal convidou Colin para ir à sua casa depois da escola. Eu os vi bem na minha frente, revezando-se no skate de Colin. Um ia no skate e o outro ia batendo a bola de basquete de Sal. Eles andavam um ao redor do outro, riam e corriam, e eu queria tanto participar daquilo que meu coração quase se partiu só de ver. Decidi parar no mercado da Belle.

Belle pegou o pote de vitaminas C mastigáveis que guardava embaixo da caixa registradora e balançou na minha frente. Fiz um gesto positivo com a cabeça, ela pegou umas quatro e me deu.

— Quais as novidades? — perguntou.

— Nada de interessante.

— Tem tempo para continuar a história?

— Claro. Onde estávamos?

— Na tia Monstra.

— Certo. Tia Monstra. Então, o planeta da tia Monstra é perfeito. Cheira bem, a comida é maravilhosa, e tudo é macio e confortável. Mas Meg não pode ficar lá. Ela tem que voltar e salvar seu irmãozinho. Eles o deixaram para trás, com IT, lembra?

Belle fez que sim.

— Ela precisa voltar sozinha?

— Sim. É a única que pode ir, porque é mais próxima do irmão do que qualquer outra pessoa. Tem que ser ela.

Belle concordou.

— Então ela volta para Camazotz e o irmão está totalmente sob o controle de IT, e fica dizendo coisas horríveis a ela. E o IT está tentando pegá-la também, para dominar seu cérebro. Ela tenta resistir, mas é difícil. E então, no último segundo, percebe que

apenas uma coisa pode derrotar IT: o amor. IT não entende o amor.

— Ah — disse Belle —, que profundo...

— E Meg pensa em quanto ama seu irmão, seu irmão *verdadeiro*, não o irmão-IT que está lá com a boca aberta, revirando os olhos. Ela começa a gritar várias vezes que o ama, e *puf*, ele volta a ser ele mesmo. É assim que ela o salva. No fim, acaba sendo bem simples.

Belle me surpreendeu:

— Bem, é simples amar alguém. Mas é difícil saber quando é preciso dizer isso em voz alta.

Por algum motivo, aquilo me deixou com vontade de chorar.

— Continuando — falei —, eles de repente voltam para casa. Aterrissam na horta que fica do lado de fora, bem na plantação de brócolis. Esse é o fim.

É claro que não consegui não pensar no que Marcus tinha dito, que, se eles tivessem chegado em casa cinco minutos antes do momento em que partiram, teriam se visto voltando antes mesmo de saberem que estavam indo. Mas achei melhor não arrastar Belle para essa discussão.

— Qual é o nome dessa autora mesmo?

Soletrei para ela.

Belle teve que atender alguns garotos que compravam bobagens para comer depois da escola, então dei uma volta pelo mercado. Pensei em pegar umas uvas, mas elas pareciam velhas e moles. Peguei uma garrafinha de leite achocolatado no refrigerador, olhei a data de validade e levei até o caixa junto com uma nota de cinco dólares que havia pegado no bolso do casaco da mamãe pela manhã.

— Olhe que coisa estranha... — disse Belle, pegando minha nota de cinco. — Está vendo aquele cara lá fora? — Ela apontou pela vitrine para o outro lado da rua, onde o homem da gargalhada andava de um lado para o outro, na minha esquina, dando seus chutes.

— Estou.

— Pois veja só. — Ela levantou a bandeja de plástico da caixa registradora e eu olhei embaixo. Estava cheia de notas de dois dólares. Notas de dois dólares onduladas, com marcas de dobras. — Há algumas semanas, aquele cara que está lá fora começou a vir aqui todos os dias comprar uma torrada com manteiga e uma banana. E ele sempre paga com essas notas de dois dólares.

Eu ainda estava olhando dentro da gaveta.

— Quer duas dessas de troco? — perguntou Belle.

Fiz que sim com a cabeça e peguei as notas.

— Desculpe-me — disse ela, alisando-as. — Estão amassadas. Ele me entrega as notas dobradas em triângulos, acredita? Na primeira vez, nem pensei que fosse dinheiro de verdade. Falei para o cara cair fora!

Meu cérebro estava fazendo aquela coisa de gritar comigo. Estava berrando: “O *homem da gargalhada* roubou o cofre de Fred Flintstone do Jimmy? O *homem da gargalhada*?”

— Esse cara é maluco — disse Belle, pensativa. — Mas também, em geral, é educado. Ser educado sempre vale alguma coisa.

* * *

Quando passei pelo homem, um minuto depois, ele estava balançando o punho no alto e chutando na direção do trânsito da avenida Amsterdam. Alguns carros buzonavam. Quando ele me viu, apontou e disse:

— Garota esperta! Garota esperta!

Coloquei as duas últimas vitaminas C na boca e imaginei aquela sensação de estar envolvida em um cobertor, de quando mamãe estava comigo. Então, passei calmamente pelo homem da gargalhada, pensando: Sim, muito educado.

* * *

Colin e Sal estavam no lobby, fazendo a maior bagunça com o skate e a bola de basquete. A qualquer momento a Sra. Bindocker poderia sair de seu apartamento e gritar que eles estavam assustando o gato.

— Ei! — disse Colin quando me viu. — *Achava* mesmo que você morasse nesse prédio. Quer andar um pouco? — Ele pegou o skate e me entregou.

Olhei para Sal, que estava concentrado na bola de basquete como se todo o conceito de quicar uma bola tivesse acabado de ser inventado e fosse realmente muito extraordinário e merecedor de atenção. Ele havia desenvolvido uma forma de acenar para mim sem fazer contato visual. Era meio como o “passe sem olhar” do basquete.

— Não, obrigada — falei. — Tenho que ir.

Mas Colin é Colin. Como ele não percebia o clima, não ia desistir.

— Posso conhecer sua casa? — perguntou. — Estávamos jogando basquete lá atrás. Você já foi lá? É legal. Quer ir conosco?

Eu disse a Colin que minha mãe estava doente, e que eu só havia saído para passar no mercado.

— Você comprou leite achocolatado para ela? — perguntou, apontando para a garrafa em minha mão.

— Sim. — Fui na direção das escadas. — Ela adora. — E corri para o segundo andar antes que ele tivesse chance de dizer mais alguma coisa.

Quando abri a porta, o apartamento pareceu um abraço caloroso — a geladeira estava chiando, a luz entrava pela janela da sala e a voz em minha cabeça disse: “Segurança”, depois ficou quieta. Fui até a cozinha, abri meu leite achocolatado e peguei o último saco de batatinhas. As presidiárias grávidas não estavam com sorte.

E o telefone tocou.

— Alô?

— É da residência dos Sinclair? Posso falar com Miranda, por favor?

Revirei os olhos.

— Oi, Julia — falei. — Sou eu.

Nessa primeira vez, conversamos por apenas cinco minutos. Julia disse que a mãe tinha uma receita de bolo sem farinha que podíamos fazer no aniversário da Annemarie. Sem saber se realmente queria, concordei em ir até a casa dela no dia seguinte, depois da escola, fazer um bolo para testar.

* * *

Estava escuro lá fora quando ouvi uma batida na porta. Pulei do sofá. Uma batida na porta era algo estranho. Todos tocam a campainha, menos Louisa, que usa sua batida de sempre. Fiquei assustada — seus bilhetes fizeram isso comigo.

Outra batida.

— Quem é? — gritei.

Silêncio. Olhei pelo olho mágico.

Colin estava lá. Segurava seu skate como um escudo e parecia outra pessoa.

Abri a porta.

— O que foi?

Ele deu dois passos para a frente, ficou ali parado por um instante e então me beijou. Depois parou e ficou esperando. Daí eu o beijei de volta. Ele sorriu e desceu as escadas correndo.

* * *

Há dias em que tudo muda, e aquele foi assim.

Coisas doces

A mãe de Julia tinha uma prateleira cheia de livros de receita: *Cozinha sem gordura*, *Cozinha extra-extra light*, *Cozinha magra*.

— Minha mãe está *sempre* de dieta — disse Julia, tirando um livro da prateleira. — Acho que ela comprou este por engano. Tem a palavra “manteiga” escrita aqui. — Ela riu e levantou o saco gigante de salgadinhos que havia comprado no caminho para casa.

Fiz que não com a cabeça. Já havia comido muito.

— Vamos começar a fazer o bolo?

Tive que ligar para mamãe no trabalho umas três vezes e fazer perguntas como quantas colheres de sopa há em uma barra de manteiga, e se podíamos usar o descascador de batatas para descascar uma maçã. Na terceira vez que liguei, ela disse:

— Espere um pouco, Mira. Vocês estão pensando em usar o forno? Tem algum adulto em casa?

Quando eu disse que achava que a mãe de Julia estava em casa, embora tecnicamente não a tivesse visto de verdade, mamãe disse:

— Mas ela está supervisionando vocês? Onde ela está?

— Onde está sua mãe? — sussurrei para Julia.

— Está meditando — respondeu ela.

— Aqui?

— Sim... dentro do... armário. E não pode ser incomodada de jeito nenhum.

— Hum... Você acabou de dizer que sua mãe está dentro do armário?

Julia olhou para o aparador de panelas francês que tinha nas mãos:

— É um *closet* — disse ela, baixinho.

Mamãe disse que não podíamos ligar o forno até que a mãe de Julia aparecesse para nos supervisionar, então colocamos nossa massa toda empelotada na geladeira e fomos para o quarto assistir à televisão.

O quarto de Julia era uma versão com babados do de Annemarie: cortinas com babados, roupa de cama com babados, vários travesseiros com babados. E livros por todo o chão, alguns empilhados, alguns com aparência de usados, alguns novinhos, alguns de cabeça para baixo, alguns quase caindo da mesinha de cabeceira cor-de-rosa, perto do abajur com cúpula de tecido laranja.

Tentei pensar em algo para dizer sobre tanto babado.

— Abajur bonito — falei.

Ela colocou as mãos na cintura e olhou o abajur.

— Sério? Porque eu acho meio feio. Foi minha mãe quem escolheu. — Ela apontou para todo o quarto. — Ela escolheu tudo isso. E não me deixa colocar meus pôsteres do espaço sideral. Tenho que pendurá-los no meu banheiro! — Ela apontou o polegar para a porta.

Seu próprio *banheiro*.

Algo muito familiar chamou minha atenção. Estava na mesinha de cabeceira, sob o abajur feio. Era o *meu livro*... Ou talvez fosse um irmão gêmeo, tão velho e surrado quanto o meu, mas com orelhas diferentes e um canto da capa rasgado. Fui até lá e o peguei.

— É — disse ela. — Notei que você carrega o seu por aí. Eu deixo o meu em casa.

— Ganhei uma primeira edição no Natal. Quer dizer que é um dos originais...

— Você *ganhou*? É tão *sortuda*. Eu só ganho roupas. E joias.

Eu a encarei.

— Pensei que você gostasse de tudo isso — falei.

— Bem, na verdade eu gosto. — Ela sorriu. — Mas gosto de outras coisas também.

Foi quando notei o cartaz dela dos *Mistérios da ciência* encostado em uma parede. Dizia: “Há vida inteligente no espaço?” Suas letras grandes eram bem melhores do que as minhas.

Ela se jogou no carpete felpudo que cobria todo o chão, olhou no relógio digital e num gesto automático ligou a TV. Então percebi que, provavelmente, passávamos nossas tardes fazendo a mesma coisa. Com a diferença de que eu, pelo menos, posso falar com minha mãe pelo telefone. O apartamento de Julia é bem mais bonito que o nosso, mas tenho quase certeza de que não há telefone no armário.

Estiquei-me no tapete e apoiei a cabeça no braço. Julia me olhou de alto a baixo.

— Ei, sabe de que cor é seu cabelo? — perguntou ela.

— Meu cabelo? — Eu o toquei e fiz careta. — É castanho.

Ela olhou, pensativa.

— Não. Quando se olha contra a luz, é mais para o caramelo. Caramelo.

O último bilhete

Estou quase na parte sobre o que aconteceu na esquina. Se algum dia eu escrever sua carta, contarei essa parte com muito cuidado.

1. Eu estava indo para casa depois da escola, pensando no que compraria de presente de aniversário para Annemarie.
2. Estava frio, mas não muito. Os garotos estavam na frente da garagem fazendo barulho, como sempre. Também estavam jogando batatinhas chips uns nos outros.
3. A aula de Sal devia ter acabado alguns minutos antes da minha. Ele estava andando um pouco à frente. Eu não corri para alcançá-lo.
4. Observei quando ele passou pelos meninos em frente à garagem. Eles lhe disseram algo, como fazem às vezes. Vi algumas batatinhas o atingirem nas costas.
5. Sal pareceu enlouquecer. Ele se virou e gritou: “Calem a boca!” Estava usando seu gorro azul-escuro, cobrindo as orelhas novamente.
6. Os garotos simplesmente riram. Meu coração disparou, mas não fiquei preocupada que fossem bater em Sal, porque bater em meninos menores é oficialmente proibido entre eles. Atormentar, sim. Bater, não.
7. Um deles o alcançou e deu-lhe um empurrão no peito. Não foi muito forte, mas Sal cambaleou para trás. Ele gritou: “Otários!”, e todos os meninos riram sem parar, mas ninguém encostou um dedo nele.
8. Sal virou-se na direção de casa e começou a andar novamente.

9. Marcus saiu pela porta de metal amassada, ao lado da garagem.
10. Sal viu Marcus e saiu correndo.
11. Marcus gritou: “Espere!”, e começou a correr atrás dele.
12. Vi o homem da gargalhada do outro lado da rua, na esquina. Ele estava na posição do quebra-nozes, virado para nós.
13. Marcus estava alcançando Sal, e gritava: “Espere aí! Espere!”
14. Foi quando as coisas ficaram estranhas: vi algo perto do homem da gargalhada, como um filme antigo, que apareceu por apenas alguns segundos e depois sumiu. Estava entre dois carros estacionados e parecia um homem segurando a cabeça com as mãos. Ele estava nu. E depois desapareceu.
15. Sal continuou correndo. Marcus continuou correndo. Eu comecei a correr.
16. “Ei! Ei... garoto!”, gritou Marcus. Naturalmente, ele havia esquecido o nome de Sal.
17. Sal olhou para trás e começou a correr mais rápido. Ele estava quase na esquina. Os carros passavam voando pela avenida Amsterdam.
18. “Sal!”, gritei. “Pare!” Mas ele não parou.
19. “Espere!”, gritou Marcus. “Eu queria...” E então ele finalmente pareceu perceber que Sal estava fugindo *dele*. Ele diminuiu a velocidade. “Ei, cuidado!”
20. Sal estava na rua, ainda correndo e olhando para trás.
21. Alcancei Marcus. Acho que ambos vimos o caminhão ao mesmo tempo. Era um caminhão grande, em alta velocidade.
22. “Pare!”, Marcus gritou para Sal. Ele apontava para o caminhão com as duas mãos. “Cuidado! Cuidado!”
23. Não tenho ideia do que o motorista do caminhão estava fazendo — verificando sua lista de entregas, talvez, ou mudando a estação do rádio —, mas ele não viu Sal no meio da rua e não diminuiu a velocidade.
24. Comecei a gritar e tapei os ouvidos. Eu sempre tapava os ouvidos quando não queria que algo acontecesse, como quando derrubava um copo e não queria que se quebrasse. Não sei por que não cubro os olhos ou a boca. E nem tento pegar o copo.

25. Vi a cabeça de Sal começar a virar para a frente e percebi o momento exato em que ele registrou o caminhão. Já estava praticamente em cima dele. Ir para a frente significava ser atingido. Ele estava correndo muito para conseguir desviar. Parar naquela hora poderia salvá-lo, mas não havia como.

26. Meu cérebro gritava em minha cabeça: “Sal vai morrer.”

27. “SAL VAI MORRER.”

28. SAL

VAI

MORRER.

29. De repente, o homem da gargalhada estava na rua. Sua perna direita decolou em um chute poderoso.

30. O pé do homem acertou o corpo de Sal.

31. Sal voou para trás e caiu no chão, com força.

32. O caminhão atingiu o homem da gargalhada.

33. Marcus sentou-se no chão e começou a chorar como se não houvesse amanhã. Chorava demais.

34. Corri até onde Sal estava caído e imóvel, com o braço enfiado debaixo do corpo de um modo que não estava certo. “Sal!”, gritei. “Sal!” Ele parecia estar morto.

35. O caminhão cantou pneus demoradamente e então o motorista veio correndo e me afastou de Sal.

36. Alguém (descobri depois que foi Belle) passou comigo por alguma cena terrível dizendo “Não olhe, não olhe, não olhe”. Ela me levou até a outra calçada e me deixou apoiada na caixa de correio de nossa esquina. Depois, voltou para onde o motorista do caminhão estava agachado junto de Sal, fazendo algo com o corpo dele. Havia um sapato caído de cabeça para baixo perto do meu pé.

37. Peguei-me olhando fixamente para o sapato. Era preto, com uma plataforma de uns cinco centímetros pregada na sola. O sapato de Richard.

38. Tudo começou a girar. Fechei os olhos e encostei a cabeça no metal frio da caixa de correio. Quando abri, estava olhando para quatro palavras riscadas na tinta azul da caixa de correio. Estavam uma acima da outra.

Livro
Saco
Bolso
Sapato

39. “Livro”, “Saco”, “Bolso”, “Sapato”. Li as palavras várias vezes. Então meu cérebro começou a me mostrar algumas imagens. Vi o livro da biblioteca da escola com seu primeiro bilhete dentro. Vi o grande saco cheio de pães que escondia o segundo bilhete. Vi o terceiro, tirado do bolso do meu casaco junto com lenços sujos do inverno anterior. E então meu cérebro direcionou meus olhos para o sapato que estava ao contrário, perto de mim. O sapato que fora roubado de nosso apartamento.

40. Abaixei, peguei o sapato e virei-o lentamente. Dentro, havia um pequeno quadrado de papel grosso, assim como os outros três:

Essa é a história que preciso que você conte. Ela, e tudo o que levou a ela.

Por favor, entregue sua carta em mãos. Você sabe onde me encontrar.

Desculpe-me pelas instruções concisas. A viagem é difícil; não posso carregar nada, e um homem não consegue levar muito papel dentro da boca.

41. Ouvi Sal gritar e olhei para a frente. O motorista do caminhão estava ajoelhado ao lado dele, dizendo: “Graças a Deus, graças a Deus, graças a Deus, é um milagre.”

42. Do outro lado da rua, vi Marcus, ainda agachado no meio-fio, chorando muito. Dava para vê-lo tremendo. Atrás, estavam os

meninos da garagem, tão imóveis e silenciosos que pareciam uma fotografia.

43. Sal não estava morto. O homem da gargalhada salvara sua vida.

44. *Você* salvou a vida de Sal.

45. Você é o homem da gargalhada.

46. Você é a “cena terrível” na rua.

47. Você está morto.

Coisas difíceis

Naquela noite, Richard ficou comigo enquanto mamãe fazia companhia a Louisa no hospital. Sal havia quebrado o braço e três costelas, e ia passar a noite em observação.

Richard pediu pizza.

— Você quer conversar? — perguntou.

— Acho que não. Talvez depois.

Ele acenou com a cabeça.

— Quando quiser, é só dizer.

* * *

Depois do jantar, fechei a porta e sentei na cama com seus bilhetes espalhados na minha frente. “Pense”, disse meu cérebro. “Pense, pense, *pense*.” Peguei minhas cordas, comecei a fazer alguns nós e tentei começar tudo do início.

A viagem é difícil. Não serei eu mesmo quando encontrar você.

A viagem é difícil, e preciso pedir meus favores enquanto ainda consigo ouvir minha mente.

E a frase mais estranha de todas: *A viagem é difícil; eu não posso carregar nada, e um homem não consegue levar muito papel dentro da boca.*

Peguei os bilhetes, eram tão pequenos e frágeis. Você os carregou dentro da boca?

A viagem é difícil.

Difícil o suficiente para embaralhar a mente de uma pessoa e deixá-la delirando em uma esquina? Que tipo de viagem faria isso

com alguém? Quem, por vontade própria, *faria* uma viagem dessas?

Minha mente começou a entoar um pequeno canto: “E por quê? Por quê, por quê, *por quê?*”

* * *

Para salvar Sal. Foi por isso que você ficou na esquina todos esses dias. É por isso que você estava sempre dando aqueles chutes na rua... Você estava *treinando*. Era tudo para salvar Sal. Porque, de alguma forma, você sabia.

É possível viajar no tempo, dissera Marcus. Em teoria.

Estou indo salvar a vida de seu amigo, e a minha.

“Bem”, falei em voz alta para ninguém, “você salvou a vida de Sal, mas fracassou na missão número dois.”

Richard bateu na porta e dei um pulo.

— Desculpe — disse ele —, não queria assustar você. Achei que quisesse sair do quarto e vir comer umas uvas.

Richard tinha me trazido uvas. Assistimos um pouco à TV e comemos uma tigela gigante das uvas verdes mais perfeitas do mundo. Certamente não eram do mercado da Belle.

Foi bom ficar ali sentada, apenas vendo TV com Richard. Meu cérebro parou de me fazer perguntas. Notei ele me olhando algumas vezes, mas não fez nenhuma pergunta. E isso foi igualmente bom.

Quando peguei no sono no sofá, ele desligou a TV e disse que eu deveria ir para a cama. Mas assim que tudo ficou em silêncio, não consegui mais dormir. Suas palavras estavam nadando na minha cabeça.

Por favor, entregue sua carta em mãos. Você sabe onde me encontrar.

Louisa me dissera que alguns idosos da casa de repouso morriam sem nada nem ninguém. Dissera também que eram enterrados em uma ilha em algum lugar ao norte de Manhattan. Imaginei que era para lá que você iria em breve.

Eu ainda estava preocupada e me sentindo um pouco paralisada quando a porta do quarto se abriu, e mamãe entrou e se sentou na beira da cama.

— Sal vai ficar bem — sussurrou ela, colocando um braço em volta de mim. — Os exames já foram feitos. Ele deve voltar para casa pela manhã.

Eu não disse nada. Fiquei com medo de acabar falando demais... Eu contaria sobre os bilhetes, o sapato de Richard, as notas de dois dólares, tudo. E achei que, se contasse a ela, de alguma forma Sal poderia deixar de ficar bem. Então, simplesmente agarrei o braço da mamãe, e ela ficou ali até que eu pegasse no sono.

Coisas que curam

Na noite seguinte, depois do jantar, mamãe e eu fomos visitar Sal e Louisa no andar de baixo. Era estranho estar ali, em um lugar que eu conhecia tão bem, mas que não via fazia tanto tempo. Era como se eu olhasse meu próprio rosto no espelho pela primeira vez em meses.

Sal estava sentando na cama com o braço engessado. Mamãe o abraçou com cuidado, e depois ela e Louisa foram conversar na cozinha. Louisa havia arrastado uma mesa até o lado esquerdo da cama de Sal, para que ele pudesse alcançá-la com o braço bom, e havia uma pilha de revistas de esportes e outras coisas sobre ela.

— Uau! — exclamei. — São pirulitos Tootsie? Sua mãe está se esforçando.

Ele sorriu, olhando-me nos olhos de verdade.

— Ontem, no hospital, ela comprou um lanche do McDonald's — disse ele.

— *McDonald's*? — Louisa achava que o McDonald's fazia parte de uma conspiração gigante contra a saúde de todos os americanos. — Ah, meu Deus. Quer dizer... E como você não morreu?

Aquilo era um pouco próximo demais do que havia acontecido de verdade. Ele riu, mas senti meu rosto corar.

Com a mão boa, Sal virou o pacote de pirulitos Tootsie sobre a mesa, encontrou um roxo e me deu.

— Uva — disse ele.

— Ah, você lembra.

Mas, de alguma forma, aquilo também se aproximava muito da verdade. Senti minha cabeça apitar e estava certa de que havia

ficado vermelha novamente.

— Eu me lembro de tudo — disse ele, alegre.

Ele parecia estar de muito bom humor. Também parecia ter esquecido que não éramos mais amigos.

— É? — falei, desembrulhando meu pirulito Tootsie. — Então você lembra por que não gosta mais de mim? — Fiquei surpresa por perguntar, mas depois de ter falado, queria realmente saber a resposta.

— Eu ainda gosto de você! É claro que ainda gosto de você. Eu só precisava... Sei lá, quebrar a rotina. Rá! *Quebrar*. — Ele apontou para a tipoia em seu braço. — Entendeu? — Ele riu.

— Mas por quê? Não fui *eu* quem bateu em você!

Ele balançou a cabeça.

— Quando? Do que está falando?

— Do que *acha* que eu estou falando? Do dia em que Marcus bateu em você. Do dia em que você sujou toda a sua jaqueta dos Yankees de sangue. Do dia em que fechou a porta na minha cara!

— Espere... Quem é Marcus?

De repente percebi como havia sido burra por nunca ter dito a Sal que Marcus era um garoto legal. Pensei no dia em que vira Sal se abaixar e fingir que amarrava o sapato. Ele provavelmente passara todos aqueles dias com medo de encontrar Marcus no quarteirão. E devia acordar de manhã pensando nisso. E havia muito tempo eu podia ter feito algo para consertar as coisas.

— Marcus é o menino que acertou você na rua, naquele dia. O menino de quem você estava correndo ont...

— Ah! — Sal me interrompeu. Ele olhava para os pés, que eram apenas um calombo sob as cobertas. — Sim, aquele menino me assusta. Ele cismou comigo.

— Ele não cismou com você — falei. — É sério. Acho que ele estava tentando se desculpar ontem.

Ele deu de ombros.

— Se você está dizendo... — E olhou para mim. — Mas isso não tem nada a ver com... com você e eu. Sério.

— Mas no dia em que Marcus bateu em você... Foi naquele dia que você não quis mais fazer nada comigo. Você parou...

Ele balançou a cabeça.

— Não. Foi antes disso.

E, lentamente, meu cérebro disse: “Lembra? Lembra aqueles dias em setembro, quando Sal não apareceu para voltarem juntos para casa? Lembra quando ele disse que não tinha dinheiro para sair para almoçar quando você sabia que ele tinha? Lembra a manhã em que você esperou por ele no lobby até o momento em que certamente chegaria atrasada, depois tocou a campainha e descobriu que ele tinha ido para a escola sem você?”

E depois eu me lembrei de mais uma coisa. Lembrei-me de ter corrido pela Broadway segurando meu cartaz dos *Mistérios da ciência*, de ter visto Sal do outro lado e de ter gritado para ele me esperar. E ele esperou. E quando perguntei por que ele não estava no lugar de sempre depois da aula, ele resmungou algo e olhou para os pés, e então caminhamos em direção à avenida Amsterdam completamente em silêncio. Até Marcus acertar um soco nele.

Sal estava voltando para casa sem mim naquele dia. E não era a primeira vez.

Mas ali estava ele, hoje, olhando nos meus olhos. E ainda éramos nós.

— Então quando podemos voltar ao normal? — perguntei.

— Aí é que está, Mira. *Não era* normal. Eu não tinha outros amigos! Nenhum amigo de verdade.

Nem eu!, quis dizer. E então percebi que era isso que ele queria me fazer ver. Tínhamos apenas um ao outro. Sempre fora assim.

Ele ainda estava falando:

— Lembra a segunda semana de aula, quando você ficou doente? Eu passei aquela semana inteira sozinho. A semana inteira. Sozinho no intervalo do almoço todos os dias, sozinho depois da aula... E, não entenda mal, mas às vezes quero ficar com os garotos. — Ele bocejou. — Estou tomando esses remédios — disse. — Para o braço. Eles me deixam com sono.

— Você podia ter me *falado*. Podia ter dito isso tudo antes. Achei que conversávamos sobre tudo.

— Nem tudo. — Ele me olhou meio grogue. — De qualquer modo, dei várias dicas. Você que nunca entendeu.

Mamãe e Louisa entraram.

— Achei que podia estar ficando cansado... — Louisa disse a Sal. — Esses analgésicos! — Em seguida ela se virou para mamãe: — Ele toma um, fala mais do que a boca por vinte minutos e depois cai no sono, como um relógio.

Louisa me deu um abraço apertado quando estávamos indo embora, e disse:

— Fico feliz por você dois terem tido a chance de conversar.

Fiquei pensando se ela havia deixado aqueles vinte minutos para mim de propósito.

Coisas que protegemos

Rodete estava atrasada.

— Ainda estou preparando a lista — disse ela, colocando alguns doces sobre a mesa para mim. — Sente-se. Termino em dois minutos.

Por mim, tudo bem. Nos dois dias depois do acidente, pensei sobre seus bilhetes umas mil vezes, e tentei o mesmo tanto de vezes evitar a lembrança de seu corpo caído na rua. Eu não estava dormindo muito bem, então estava cansada.

O primeiro chocolate começava a derreter na minha boca quando dois policiais entraram na secretaria.

Rodete levantou os olhos da máquina de escrever.

— Posso ajudá-los?

— Há algum Marcus Heilbroner matriculado aqui?

A expressão dela não mudou.

— Acho que sim. Mas o diretor não está aqui agora e...

— Tudo bem. Só precisamos ter uma palavrinha com Marcus Heilbroner. Parece que ele gosta de perseguir meninos na rua, e precisamos falar com ele sobre isso. Em que sala ele está?

Ela coçou a cabeça.

— Eu... eu não tenho certeza. Terei que procurar.

Foi quando fiquei assustada. Rodete conhecia todas as crianças da escola e sabia em que sala estavam sem precisar pensar. Ela estava com medo, percebi. Medo por Marcus.

Fiquei observando os dois policiais, de costas, e pensando no que mamãe dissera das pessoas que vão para a cadeia, de como algumas nunca voltam a ser elas mesmas. Eu não podia deixar aquilo acontecer com Marcus. Ele já não era muito normal, para

começo de conversa. Pensei nele tremendo e chorando no meio-fio após o acidente, e em como tinha tentado impedir Sal de correr na frente do caminhão, e em como não fazia a menor ideia de que Sal estava fugindo dele.

— Preciso usar o telefone — falei a Rodete.

— Este telefone? — Ela colocou a mão pesada em cima dele. — Acho que não.

— Por favor! — pedi.

— Não, senhora!

Atrás da mesa, ela pegou um tubo de plástico cheio de fichas e começou a olhar uma a uma enquanto os policiais esperavam.

— Vamos ver — disse ela. — Hillerman, certo? Têm ideia da série em que ele está?

Eles olharam um para o outro.

— Heilbroner — disse um deles. — Você não tem uma lista em ordem alfabética?

— É claro! — disse ela. — Mas está aqui embaixo, em algum lugar...

A voz de Rodete diminuía enquanto ela começava a rodar com a cadeira na direção dos arquivos que ficavam na parede de trás.

Saí da secretaria sem dizer nada, como se precisasse ir ao banheiro, e então disparei pelo corredor. Em minha mente estava a imagem do telefone branco na parede do dentista.

O dentista estava relaxando em sua cadeira, e parecia muito confortável com um copo descartável de café e o jornal.

— Oi, Miranda — disse ele, sentando-se. — Está com a lista de pacientes?

— Posso usar seu telefone? — pedi. — É uma emergência!

Ele pareceu surpreso, mas disse:

— Claro, vá em frente.

Liguei para minha mãe no trabalho.

— Preciso de ajuda — falei. — A polícia está aqui na escola, e acho que um garoto vai ser preso. Um amigo.

— Mas... todos os advogados estão no tribunal — disse-me ela. Comecei a chorar.

— Você pode vir, mamãe? Pode vir agora?

— Eu? Sim. Estou indo.

Quando desliguei, vi que o dentista estava prestando atenção em mim.

— O que aconteceu? — perguntou.

— Marcus está em apuros — expliquei. — Os policiais estão aqui e podem prendê-lo, e ele não fez nada errado! Se minha mãe conseguir chegar, acho que ela pode ajudar.

— Marcus é um bom menino — disse ele com firmeza. — É muito bom menino. — Calmamente, ele dobrou o jornal e tirou uma caneta do bolso. — Então, Miranda, você é a minha ajudante desta manhã?

* * *

Subi correndo os quatro lances de escada até a sala de Marcus com o recado do dentista na mão e entrei gritando:

— Vim chamar o Marcus! — Balancei o pedaço de papel na cara do Sr. Anderson.

— Acalme-se! O que você tem? — O Sr. Anderson ficou me olhando, e tentei ficar quieta. Ele olhou meu bilhete: — Certo, Marcus, pode ir.

Marcus fez que sim e começou a arrumar a pilha de livros em sua carteira.

— Deixe os livros — gritei. — O dentista disse que precisa atendê-lo *agora*.

Fora da sala, no corredor, eu disse:

— Você precisa se esconder. A polícia está aqui, e acho que querem prender você! — Comecei a descer as escadas correndo.

Marcus disse baixinho:

— Acho que será melhor se formos andando.

Ele estava certo. Cinco segundos depois, passamos justamente pelos policiais a caminho da sala do Sr. Anderson. Eles nem olharam para nós.

O dentista trancou a porta assim que entramos. Depois me fitou.

— Sua mãe é advogada?

— Mais ou menos.

— Certo. Então vamos ficar sentados aqui até ela chegar.

A polícia não foi logo ao consultório do dentista. Eles devem ter demorado para encontrar a sala. Ninguém parecia estar ajudando muito.

Bateram na porta, e o dentista gritou:

— Desculpe, mas estou com as mãos ocupadas. Só um minuto.

Fiquei pensando no que faríamos quando aquele minuto passasse. O dentista ficou ali sentado, lendo seu jornal. Marcus olhou para as mãos.

— Queria ter trazido meu livro — disse, virando para mim de forma acusatória.

— De nada! — falei. — Só estou tentando salvar a sua pele.

— Algum de vocês tem ideia do que se trata tudo isso? — perguntou o dentista.

Marcus e eu trocamos olhares.

— Eu tentei impedi-lo — disse Marcus.

— Eu sei. Mas ele estava com medo de você.

Ele pôs as mãos no peito:

— De mim?

— Você bateu nele! Lembra?

— Eu sei! — Marcus apoiou a cabeça nos dois punhos. — Ai, meu Deus — murmurou —, e agora aquele homem está morto. Aquele velho. Ele também tinha medo de mim. Lembra quanto ele correu? Mas nunca fiz nada contra ele! Eu juro! — A voz dele falhou e seus ombros começaram a tremer.

— Não foi sua culpa — falei depressa. — Ele...

Mas eu não sabia o que dizer. Porque em parte... *havia sido* culpa dele. Marcus não tivera a intenção de que nada daquilo acontecesse, mas se não tivesse corrido atrás de Sal, e se Sal não tivesse corrido para a rua, você não estaria vivo?

O dentista estava nos observando.

— Pensando bem, acho melhor não falarmos nada — disse ele, apontando para a porta.

* * *

O tempo foi passando. Os policiais esperaram, bateram na porta, esperaram novamente, falaram nos rádios comunicadores, bateram de novo, desapareceram, voltaram, bateram novamente, e então começaram a dizer coisas como:

— É bom que ele esteja aí quando abrir essa porta, doutor.

E o dentista dizia suas falas, sobre anestesia, secagem de pasta e o fato de só ter duas mãos. Aquilo não fazia muito sentido.

Marcus ficou olhando para o chão, que, eu havia acabado de notar, tinha ladrilhos com pequenos hexágonos, como os do banheiro lá de casa. Meu cérebro separava os hexágonos nas formas e flores de sempre. Era estranhamente reconfortante.

Então, baixinho, Marcus disse algo.

— Eu tenho um irmão mais velho: Anthony.

Olhei para ele.

— Quero que saiba por que bati no seu amigo aquele dia...

— Sal! O nome dele é *Sal*. Deus, você nunca lembra o *nome* de ninguém?

O dentista nos mandou falar baixo.

Marcus abaixou ainda mais a voz.

— No dia anterior ao que bati em Sal, Anthony disse algo sobre a namorada de outro menino. Acho que era para ser uma brincadeira. Mas o cara o jogou sobre um carro e ficou batendo nele, batendo, batendo...

Eu me lembrava. Sal e eu tínhamos atravessado a rua para não passar pela briga. O irmão de Marcus era o garoto que estava tentando sair de cima do capô do carro. Mas continuava apanhando.

— Acho que vi isso — falei. — Seu irmão estava de gorro?

Marcus fez que sim com a cabeça.

— Sim. Ele sempre usa aquele gorro.

— O que você fez?

— Nada. Eu estava na porta de casa, observando. Depois, Anthony me disse: “Você nem pensou em fazer nada? Em me ajudar?” Disse que eu nem parecia irmão dele.

— Aqueles garotos são maiores que você — afirmei.

Marcus balançou a cabeça.

— Não foi isso. Eu não estava com medo. Só não me via como... parte daquilo. Às vezes estou pensando em alguma coisa e passo direto pelo meu próprio prédio. Aqueles caras não me veem como um deles. Porque não sou um deles. Anthony disse: “Um dia, você vai ter que bater em alguém. E apanhar de alguém. Aí vai ver. Talvez. Talvez você entenda um pouco melhor a vida.” E eu queria entender mais sobre a vida. Entender mais sobre as *pessoas*. Então, no dia seguinte, saí andando e bati em Sal. E fiquei ali parado, como um idiota, esperando que ele me batesse de volta. Mas ele só se curvou e chorou, e eu não sabia o que fazer. Então fui embora. E Anthony gritou: “Que diabos foi aquilo?” E depois, em casa, ele disse: “Por que você está batendo em meninos menores? Você não entende nada?” Falou que eu era um caso perdido.

Eu estava pensando em algo para dizer quando Marcus, de repente, me encarou com os olhos arregalados:

— Ei! Você era a menina que estava segurando o cartaz.

Meu queixo caiu.

— Só agora percebeu isso?

Ele fez que sim.

— Cartaz interessante — disse ele. — Sempre pensei sobre os bocejos. Li um artigo um dia...

Então ouvi um clap-clap rápido que já conhecia: os saltos de mamãe batendo no chão. Disse a Marcus que parasse de falar e encostei o ouvido na porta, ainda que o dentista tenha mandado que eu voltasse para o lugar.

— Sou do escritório de advocacia Able e Stone — ouvi mamãe dizer. — Posso ajudá-los, cavalheiros?

— Só se tiver a chave desta porta — grunhiu um dos policiais.
Ela continuou falando.

— Falei com a secretária da escola. Soube que querem falar com um aluno chamado Marcus Heilbroner.

— Sim.

— O Sr. Heilbroner, como vocês certamente sabem, é menor de idade. Podemos usar a sala do diretor por alguns minutos para que possam me dizer quais acusações foram feitas. Mas é claro que não poderão falar com o Sr. Heilbroner até que os pais dele tenham sido notificados. Poderiam me acompanhar, por favor?

Um dos policiais praguejou, mas o outro disse:

— Pois não. Não estamos fazendo muito progresso aqui neste corredor. — E saíram andando.

— Graças a Deus. — O dentista deixou escapar um grande suspiro. Marcus se levantou, mas o dentista disse: — Sente-se. Ela ainda não se livrou deles.

Passaram-se mais quinze minutos enquanto Marcus olhava para o chão, o dentista andava de um lado para o outro e eu espiava pela janela. Finalmente, escutamos mamãe voltando pelo corredor.

— Eles já foram — afirmou. — Abram.

Abri a porta e lá estava ela, com o cabelo preso para trás, usando uma saia de lã e um blazer combinando.

Corri até ela e abracei sua cintura minúscula, quase derrubando-a no chão.

Senti sua mão em minha cabeça.

— Vamos tentar entender essa bagunça. Quem quer falar primeiro?

Coisas que você alinha

Mais tarde descobri que foi Belle quem denunciou Marcus à polícia. Ela tinha visto tudo pela janela do mercado e pensara que Marcus havia perseguido Sal na rua de propósito. Então mamãe conseguiu resolver as coisas. Pegou o depoimento de Sal, que precisou assiná-lo com a mão esquerda, por causa do gesso, o meu e o da Belle. Na semana seguinte a polícia havia encerrado o caso, e mamãe havia se vestido como adulta por três dias seguidos.

— Sabe que você fica uma beleza de terninho? — disse Richard.

Achei que mamãe lhe daria algum tipo de sermão, mas ela pegou a mão dele e disse.

— Obrigada. Isso significa muito vindo de você, Sr. Perfeito.

Ela parecia feliz, e ficou óbvio naquele momento que eles deveriam se casar. Mas ela ainda não tinha lhe dado a chave.

Mamãe, então, guardou o terninho, e eu coloquei todos os seus bilhetes na caixa debaixo da cama e não os olhei mais. Annemarie teve uma festa de aniversário com dois bolos: um horrível, que eu e Julia fizemos, e outro muito bom, feito por seu pai.

* * *

O tempo passou. Annemarie e Julia me ajudaram a instalar o parque na Rua Principal e o óvni de Julia finalmente foi aprovado por Jay Stringer. Tornei-me a parceira de banheiro oficial de Alice Evans — combinamos um sinal secreto para que ela não precisasse mais fazer a dança do chapéu mexicano. Marcus e eu nos

cumprimentávamos, e às vezes conversávamos um pouco, exceto quando ele não me notava — ou seja, na metade das vezes. No início de março, começamos a ensaiar as músicas para a formatura. Beijei Colin mais algumas vezes, e tinha a impressão de que Jay Stringer estava trabalhando seu nervosismo para beijar Annemarie. Acho que ninguém ousaria beijar Julia.

* * *

Sal tirou o gesso e voltou a jogar basquete na viela. Às vezes, eu acenava para ele da janela, e uma vez ele gritou lá para cima para dizer oi e perguntar se eu queria ver seu arremesso de três pontos, para o qual ele ficou se posicionando por cerca de cinco minutos e que depois errou. Bati palmas mesmo assim, e ele se curvou para agradecer.

Tentei esquecer o homem da gargalhada. Quer dizer, tentei esquecer você. Mas não consegui. Faltava algo: a carta que eu deveria escrever.

Essa é a história que preciso que você conte.

Por favor, entregue sua carta em mãos. Você sabe onde me encontrar.

Realmente, não adiantava tentar esquecer. Na verdade, tentar esquecer é quase o mesmo que lembrar. Mas tentei mesmo assim, e também tentei ignorar o fato de que me lembrava de você o tempo todo.

É então, três semanas atrás, chegou o cartão postal do programa *A Pirâmide de 20 Mil Dólares*, para mamãe.

27 de abril: Estúdio TV-15. A última prova.

Foi quando desisti oficialmente de esquecer e comecei a pensar em tudo isso. Tenho a história na minha mente agora, mais clara que nunca.

E me pergunto se devo escrever logo a carta, ainda que você esteja morto e provavelmente enterrado naquela ilha. Fico me perguntando se mesmo assim devo escrever, para então, talvez, conseguir parar de pensar em você de uma vez por todas.

A Pirâmide de 20 Mil Dólares

Richard, Louisa e Sal vão conosco ao Estúdio TV-15 da ABC, na rua 58, para ver mamãe tentar ganhar 20 mil dólares.

— Miranda, pode pegar meu suéter de botõezinhos? — pediu mamãe. Ela está nervosa, e quando está assim sua voz fica muito alta. — Se estiver frio lá dentro, não vou conseguir me concentrar.

— Mamãe, lá fora está fazendo 20° C.

— Exatamente. Por isso o ar-condicionado deve estar ligado. Sempre fico morrendo de frio com ar-condicionado.

Peguei o suéter e me olhei de novo no espelho do armário de mamãe. Estou usando uma calça jeans nova e uma camisa de manga comprida com flores bordadas, que peguei emprestada com Julia. Richard até engraxou meus sapatos com sua escova especial. Tento dar mais volume ao cabelo, mas meu cérebro diz: “Por que você está tentando deixar o cabelo volumoso? Sabe que seu cabelo não fica com volume!”, então paro.

Richard toca o interfone. Mamãe atende e berra:

— Já estamos descendo! E feliz aniversário!

Descemos e paramos na porta de Sal e Louisa, que se abre na mesma hora, como se eles estivessem o tempo todo lá dentro só nos esperando.

— O grande dia! — diz Louisa. — Grande dia, grande dia, grande dia! — Ela parece ainda mais nervosa do que mamãe.

Olho para Sal, ele encolhe os ombros e diz:

— Ela está assim desde que acordou.

Ficamos em silêncio no metrô.

* * *

Há pessoas de paletó vermelho na entrada do estúdio.

— Concorrentes à esquerda — diz um deles. — Público à direita.

De repente me dou conta de que é hora de dizer tchau para mamãe. Ela está lá parada, com cara de pânico, agarrada à bolsa que tem seu suéter, as roupas extras e as presilhas de cabelo. Vou até lá abraçá-la enquanto Richard lhe dá um beijo, Louisa diz: “Amamos você” e Sal fica olhando para o chão e deseja boa sorte.

— Você vai ganhar — digo. — Eu sei.

— Não crie muitas expectativas — diz mamãe, e depois a observamos desaparecer pela porta.

Entramos no estúdio, que é como um teatro com todas as coisas de *A Pirâmide de 20 Mil Dólares* no palco: o púlpito de Dick Clark, a tela das palavras, que roda para a frente e para trás na rodada-relâmpago, e as duas cadeiras vazias, uma de frente para a outra, do Círculo dos Vencedores. Parecem artificiais e meio melancólicos sob a luz fraca. Fico pensando se um bom empurrão não derrubaria tudo aquilo.

Já há muitas pessoas no estúdio, portanto sentamos algumas fileiras atrás, no meio. As cadeiras são de veludo vermelho, daquelas que você precisa baixar o assento antes de se sentar.

Um homem com fones de ouvido aparece e fala com a plateia sobre quando aplaudir e quando ficar em silêncio. Ele aponta as caixas de metal presas no teto, que se iluminam como a sinalização de saída, só que, em vez disso, dizem: *Aplausos*. Ele explica que os avisos irão acender e apagar para nos ajudar a saber quando aplaudir e quando parar. Temos que ensaiar com ele: aplaudir, parar. Aplaudir, aplaudir, parar. É meio bobo, mas Louisa e Richard estão levando muito a sério. Sal e eu rimos e desafiamos um ao outro a aplaudir na hora errada.

As luzes do palco se acendem, e de repente todo o cenário está brilhando como uma praia em pleno verão. *Muito* mais alegre. Richard pega minha mão. Dick Clark aparece e diz “Oi” para a

plateia, e Louisa começa a falar de como sempre gostou de Dick Clark, como ele sempre pareceu ser uma das pessoas mais legais da televisão e como, agora que o viu ao vivo, acha que gosta dele ainda mais. Não é incrível, pergunta ela, que ele pareça não envelhecer? Ele está igual ao que era em 1956. Ela diz que talvez lhe peça um autógrafo depois do programa, para os velhinhos da casa de repouso, pois tem certeza de que eles adorariam. Louisa está falando ainda mais rápido do que a Sra. Bindocker na reunião mensal do condomínio. E, de repente, fica quieta. Olho para ela e vejo que está mordendo o lábio.

* * *

Tudo passa a acontecer muito rápido. Começa a música. Dick Clark faz uma cara engraçada, como se estivesse atrasado, e sobe em seu púlpito. As celebridades chegam ao palco. Nunca ouvi falar de nenhuma delas. Quando vejo, mamãe está entrando com os cabelos presos com as presilhas, e parece menor do que nunca.

* * *

Mas ela está maravilhosa. A rodada-relâmpago é uma beleza. Mamãe sempre acerta sete entre sete palavras e ganha o bônus em dinheiro. Seu parceiro-celebridade não é burro como uma porta. Na verdade, não é nem um pouco burro.

O outro participante é bom, mas a celebridade que joga com ele fala muito devagar e diz a palavra *capa* ao dar dicas para *capacete*, um erro de amador. Eles perdem aquele ponto e alguns outros. Quando me dou conta, Dick Clark está levando a mamãe para o Círculo dos Vencedores.

— É agora — ouço Richard dizer baixinho a si mesmo. — Dez mil dólares.

“Dez mil dólares”, repete meu cérebro. “Dez mil dólares.”

O parceiro-celebridade da mamãe parece determinado. Ela parece assustada. Dick Clark está sorrindo. É o único que aparenta calma. Ele conversa com mamãe por um minuto, e sei que ela está tentando se concentrar, levantar uma ponta de seu véu a fim de poder ver as coisas grandes. Para enxergar o fio condutor.

Dick Clark ainda está falando, e percebo uma coisa: nunca ensaiamos a conversa. De repente, fico com medo. Estou ouvindo o oceano. Como mamãe vai levantar seu véu e enxergar o fio condutor mágico com Dick Clark falando com ela sobre seu emprego estúpido? Focalizo mamãe e tento ajudá-la a se concentrar. Louisa está ficando nervosa novamente, e começa a sussurrar coisas sobre Dick Clark:

— Ele não envelhece, estou dizendo. Dick Clark simplesmente não envelhece. É incrível.

Fico repetindo para mim mesma:

— Fio condutor mágico, fio condutor mágico... — E encaro mamãe com tanta força que meus olhos quase doem.

Finalmente, Dick Clark para de falar.

— Aqui está seu primeiro assunto — ele diz. — Valendo!

Então acontece a coisa mais estranha do mundo.

Fio condutor mágico

Mamãe está pulando de alegria, e ouço o som de centenas de pessoas comemorando e aplaudindo, levantando-me como uma onda e me carregando. Estou fora do meu lugar, flutuando pelo corredor, as pessoas estão me dando tapinhas nas costas ou tentando apertar meu braço, e então o palco está diante de mim, estou subindo alguns degraus, há luz por todo o lado, muito brilhante, e está quente.

Mamãe ainda está saltitando. Ela está abraçando a celebridade, está abraçando Dick Clark. Uma de suas presilhas fica pendurada do lado de seu rosto, presa por um fio, batendo em sua bochecha. Ela me abraça, e minha cabeça é puxada para cima e para baixo enquanto ela pula, e assim sou obrigada a pular junto.

Estou feliz. Sorrio e agarro as mãos de mamãe, e pulo junto com ela. Solto-a e levanto os braços. Sinto a plateia vibrar ainda mais.

Não estou pensando no carpete para o meu quarto, na câmera ou na viagem à China.

Estou comemorando porque no momento em que Dick Clark disse “Valendo!”, foi como se uma mão invisível arrancasse meu véu. E, por quase um minuto, entendi tudo. Quando o véu não está na frente do rosto de uma pessoa, um minuto é tempo suficiente para se perceber um monte de coisas.

* * *

Percebi que quando pegou nossa chave na mangueira de incêndio, quando me deixou os bilhetes, quando roubou os sapatos de Richard e o cofrinho de Fred Flintstone do Jimmy, você já tinha lido a minha carta. Tinha lido várias vezes, apesar de ela ainda não ter sido escrita.

Foi assim que soube onde estava a chave, mesmo antes de perguntar. Foi assim que soube tudo. Sou eu que conto, em minha carta. A carta que você me pediu que escrevesse.

“Mas isso é impossível!”, chiou meu cérebro. “Está dizendo que o homem da gargalhada leu uma carta que ainda *não havia sido escrita!* Não faz sentido!”

Senso comum é apenas um nome para o modo como estamos acostumados a pensar.

Viajar no tempo é possível.

Você veio para salvar Sal. E finalmente — finalmente! — eu entendi.

Dick Clark nunca envelhece. Pensei no que Marcus tinha dito sobre eu ir ao cinema em minha máquina do tempo, que, se eu só partisse aos 62 anos, o bilheteiro não me reconheceria.

Eu mesma não me reconheceria.

Talvez Dick Clark nunca envelheça. Mas o restante de nós, sim. Eu vou envelhecer. Sal vai envelhecer, graças a você. E Marcus também.

Por favor, entregue sua carta em mãos, dizia o bilhete. Você sabe onde me encontrar.

* * *

Pensei na porta amassada ao lado da oficina, e concluí: Sim, eu sei.

Porque, afinal de contas, você ainda está aqui para ler a minha carta. Marcus está aqui. E quando ele ler, vai perceber que viu a si próprio chegando antes mesmo de partir. É para isso que serve minha carta.

E então, em sabe lá qual ano — o ano da velocidade de queima, o ano da cúpula —, Marcus vai voltar. *Você* vai voltar. Com a boca cheia de papel. E quando você me encontrar, não será o mesmo, mas fará o que é preciso. Salvará Sal. Já salvou.

Marcus é o fio condutor mágico. Você é o homem da gargalhada. Você é Marcus. Marcus é o homem da gargalhada. Ou será, quando ficar velho.

“*Nada disso faz sentido!*”, gritou meu cérebro. Mas é tudo verdade, respondi.

* * *

Como eu disse, durou pouco menos de um minuto. Foram 55 segundos, para ser precisa.

Que foi o tempo que mamãe levou para acertar seis categorias e ganhar 10 mil dólares.

E então, mamãe e eu estamos juntas no palco, pulando, até que nos obrigam a sair.

Coisas que abrem

Voltamos de ônibus para casa porque achamos que seria *divertido*, já que agora somos ricos e podemos pegar um táxi quando quisermos. E é divertido. Sal e eu não falamos muito, mas nos inclinamos nas curvas, como quando éramos pequenos e realmente acreditávamos que podíamos fazer o ônibus virar.

Depois que mamãe ganhou os 10 mil dólares, ela jogou outra rodada-relâmpago, mas dessa vez teve que fazer dupla com outra celebridade.

— Ele não era burro como uma porta — diz mamãe no ônibus —, mas também não era lá muito esperto.

Eles perderam, mas mamãe ficou com seus 10 mil dólares e com os 2.100 dólares do bônus.

— Nada mau para um dia de trabalho — diz ela, sorrindo para mim. — Nada mau mesmo.

Quando chegamos ao lobby, Louisa tem que subir para vestir seu uniforme e ir trabalhar.

— Quer ver um pouco de TV? — pergunta Sal.

Digo que adoraria, mas outra hora.

Em casa, mamãe coloca um disco, e ela e Richard dançam um pouco na sala enquanto sento no sofá e sorrio, só olhando.

Depois vou para o quarto, fecho a porta e pego a caixa debaixo da cama. Bem em cima de tudo, está um grande envelope para mamãe. Richard me entregou há uma semana, para guardar bem guardado. E embaixo está o presente de aniversário dele.

Mamãe está na cozinha, fazendo tacos para o aniversário e um bolo de caixinha. De vez em quando, ela grita:

— U-huu! Estamos ricos!

* * *

Eu escrevo no envelope de mamãe com uma caneta marca-texto:
Eu não ligo para carpetes. Louisa diz que eles são cheios de ácaros mesmo...

Faço um sapo de origami para Richard e coloco em cima do presente.

Faço outro para mamãe e coloco em cima do envelope.

Não canso de fazer esses sapos de origami.

* * *

É hora do jantar. Comemos os tacos. Cantamos. Cortamos o bolo.

Dou o envelope a mamãe.

— O que é isso? — pergunta ela. — Não é *meu* aniversário!

Ela admira seu sapo, lê meu recado sobre o carpete e os ácaros e me olha engraçado. Abre o envelope, que está cheio de fichas de matrícula para faculdades de direito.

Ela olha aquilo:

— Mas... Eu não posso... — Senta novamente na cadeira e diz:
— Uau!

Esse era nosso plano secreto desde o início. Meu e do Richard.

Dou a ele o presente. Ele admira seu sapo e o coloca na mesa, perto do da mamãe, de forma que as patinhas fiquem juntas. Ele abre a caixa. Dentro, há duas chaves, uma do lobby e outra do apartamento. Fiz um chaveiro para elas: um nó de marinheiro, com duas cordas, bem apertado. Ele sabe como desfazê-lo, é claro, mas acho que não vai nem tentar.

Coisas que se vão

Na manhã seguinte, acordo cedo, corto um pedaço do bolo de aniversário de Richard para o café da manhã e começo a escrever a carta. Estou escrevendo no diário com nuvens na capa, que mamãe me deu de Natal. Estou no começo da segunda página quando me dou conta de que o que estou escrevendo tem um peso terrível. E começo a sentir muita pena de Marcus.

Não é uma carta que a maioria das pessoas gostaria de receber. Sei que será um grande alívio saber, no fim das contas, que ele não causou a morte do homem da gargalhada — a sua morte — acidentalmente. Isso é bom. Mas, ao mesmo tempo, ele saberá que viu a *própria* morte, o que acho que deve ser muito difícil. E também perceberá que vai descobrir o segredo da viagem no tempo, o que é tão incrível que muita gente consideraria um milagre. É claro que ele é o verdadeiro herói da história. Mas não há um final feliz para ele.

Parto bem do começo, quando você apareceu pela primeira vez, no outono, e penso em tudo o que fez: a esquina onde ficava, o treinamento dos chutes, a forma como repetia para si mesmo: livro, saco, bolso, sapato. Havia um motivo para tudo aquilo.

Menos uma coisa. Não entendo por que você costumava dormir no chão, com a cabeça embaixo da caixa de correio. Por quê? Devia ser irritante, com aquelas crianças sempre batendo nela.

Levantei os olhos do diário e me vesti correndo, jogando apenas um suéter por cima da blusa do pijama. Deixei um bilhete na mesa da cozinha, peguei minhas chaves e saí do apartamento antes que mamãe e Richard acordassem.

A manhã está mais ou menos quente. Não há ninguém na esquina, o que é bom, porque provavelmente seria muito estranho me verem deitando na calçada e me enfiando debaixo da caixa de correio. Não é tão fácil quanto pensei.

A parte de baixo de uma caixa de correio é bem feia — um monte de porcas e parafusos manchados de tinta. Vejo o quadrado de papel logo de cara. É pequeno, mais ou menos do tamanho dos bilhetes que você me deixou, e as pontas estão presas sob as bordas de metal para que ele fique esticado ali no fundo. Percebo que há junto dele uma chave, nossa antiga chave, aquela que escondíamos na mangueira de incêndio. Endireito a cabeça para olhar o papel, como acho que você fazia.

Um rosto de mulher olha para mim, desenhado a lápis. Ela é velha, como você era. O cabelo branco está preso para trás, os olhos escuros estão um pouco virados para o lado e ela tem um sorriso divertido. É um desenho bem bonito.

As pessoas podem envelhecer de maneiras diferentes, eu acho. Algumas mudam muito, como você. Eu poderia ter olhado para seu rosto por uma semana e nunca teria adivinhado que era o Marcus. Você era tão mais magro que ele... E os ossos abaixo dos olhos dele eram saltados. Talvez seja por ter se metido em tudo isso, nessa história de ficar pulando de um brilhante para outro. Mas o rosto da senhora no desenho ainda guarda certa juventude. Talvez por causa dos olhos escuros, ou do sorriso. É difícil explicar como, exatamente, nós reconhecemos as outras pessoas. Mas sei, sem sombra de dúvida, que a mulher é Julia.

Marcus e Julia. Penso em como ela tirou o anel de brilhantes e o usou para explicar a forma como enxergava o tempo, e no modo como Marcus ficou olhando para ela depois disso. Talvez ele estivesse pensando que, no fim das contas, não estava sozinho no mundo. Sinto uma onda de felicidade, um alívio. Marcus não ficará sozinho. Ele terá uma companheira. Terá Julia.

Estou me contorcendo para sair de baixo da caixa de correio. Um cara com um cachorrão preto está me olhando de modo estranho, e de repente me lembro do que você disse, praticamente

nesse mesmo lugar, na tarde em que lhe dei meu sanduíche empapado: *Sou um velho, e ela já se foi. Então, não se preocupe, o.k.?*

Acho que você estava pronto. Mas ainda penso que é triste.

Deixo o desenho ali, preso sob a caixa de correio junto com nossa chave. Não parece certo levá-lo. Acho que ficará ali por muito tempo, e então, algum dia, vai simplesmente desaparecer.

Sal e Miranda, Miranda e Sal

Hoje em dia, Sal e eu não ficamos mais esperando um pelo outro. Não de propósito. Mas se acontece de estarmos saindo da escola ao mesmo tempo, se ele não vai para a casa de um amigo ou para o treino de basquete, e eu não vou para a casa de Annemarie, de Julia — ou de Colin —, ele e eu voltamos juntos. E estamos melhor assim, juntos por opção. Ele entendeu isso antes de mim.

Andamos até a Broadway, passamos pela lanchonete do Jimmy. Vamos até a Amsterdam, passamos pela garagem, onde os garotos continuam nos dizendo coisas, mas nós ignoramos. Passamos pela porta de Marcus.

Passamos pelo mercado da Belle. Atravessamos a última rua e chegamos à velha esquina, onde a caixa de correio ainda está arranhada com suas palavras.

E quando terminamos de atravessar, Sal sempre faz um pequeno cumprimento. E às vezes eu olho para cima e balanço o punho para o alto.

Presentes de despedida

Minha carta já está quase terminada. Logo mais vou entregá-la a Marcus, como me pediu.

Há coisas que eu poderia contar a ele, coisas que acho que descobri, como aqueles homens nus — aqueles que corriam pela rua nos dias em que tínhamos que almoçar no refeitório da escola, e aquele que vi aparecer e desaparecer antes do acidente: todos eram como você, estavam aprendendo a chegar aqui. Treinando. Você disse que não podia carregar nada, e acho que isso inclui roupas. É por isso que levava meus bilhetes na boca.

Ou poderia dar a Marcus alguns conselhos, como por exemplo: se estiver com fome em uma de suas visitas, pode encontrar o almoço de Annemarie em perfeitas condições na lata de lixo em frente ao pátio da escola, onde ela o jogou todos os dias durante seis semanas. Mas tenho certeza de que você descobriu isso sozinho.

Ou poderia contar sobre Julia.

Mas decidi que não vou dizer muita coisa. Vou apenas entregar minha carta e comentar:

— Tente não aterrissar nos brócolis.

Ele vai entender. É um garoto esperto.

* * *

* * *

* * *

Agradecimentos

Precisei ser salva várias vezes enquanto escrevia este livro, e meus profundos agradecimentos vão para: minha editora norte-americana, Wendy Lamb, e a editora-assistente Caroline Meckler, pelos questionamentos, conselhos e confiança; minha agente, Faye Bender, pelo discernimento e pelo apoio incondicional; meus sábios e generosos leitores de provas, Deborah Stead, Karen Romano Young, Robert Warren, Jack O'Brien, Sean O'Brien, Samantha Kish-Levine, Michelle Knudsen, Alison James e Daphne Grab, pela ajuda crucial e pelo estímulo; as talentosas Colleen Fellingham e Barbara Perris, pelo olhar aguçado e por seus rígidos padrões de copidesque, e a diretora de arte Kate Gartner, pelo encantador design da edição original. Agradecimentos especiais a Randi Kish, que abriu suas lembranças para mim de última hora, e a David Stead, que me ajudou a entender minha própria história, de uma vez por todas, durante o café da manhã.

Todo autor bebe na fonte de vários outros, e não é nada prático agradecer a todos eles. No entanto, gostaria de expressar minha admiração especial pela surpreendente imaginação e pelo trabalho de Madeleine L'Engle, cujos livros me cativaram quando era jovem (e ainda cativam) e fizeram-me querer explorar os segredos do universo (e ainda fazem).

Sobre a autora



REBECCA STEAD, como seus personagens, foi criada em Nova York, onde vive com o marido e os dois filhos. *Amanhã você vai entender* recebeu em 2010 a prestigiosa Medalha Newbery, entregue anualmente pela American Library Association às mais importantes contribuições norte-americanas à literatura jovem.